



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

JOÃO VIEIRA DA SILVA JUNIOR

METÁFORAS CONCEPTUAIS E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: impactos na
(des)humanização das interações no Detran - MA

SÃO LUÍS - MA
SETEMBRO/2025

JOÃO VIEIRA DA SILVA JUNIOR

METÁFORAS CONCEPTUAIS E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: impactos na
(des)humanização das interações no Detran - MA

Dissertação apresentada ao Mestrado Acadêmico em Letras - do Programa de Pós-Graduação em Letras - PGLetras, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), como requisito para obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Estudos da linguagem e práticas discursivas.

Linha de Pesquisa 01: Descrição e Análise Linguística do Português Brasileiro e de outras línguas naturais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Monica Fontenelle Carneiro.

SÃO LUÍS - MA
SETEMBRO/2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Silva Junior, João Vieira da.

METÁFORAS CONCEPTUAIS E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: :
impactos na deshumanização das interações no Detran - MA /
João Vieira da Silva Junior. - 2025.
100 p.

Orientador(a): Monica Fontenelle Carneiro.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Letras/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís -
Ma, 2025.

1. Metáforas Conceptuais. 2. Linguagem Institucional.
3. Atendimento Público. 4. Detran - Maranhão. 5.
Variação Linguística. I. Carneiro, Monica Fontenelle. II.
Título.

JOÃO VIEIRA DA SILVA JUNIOR

**METÁFORAS CONCEPTUAIS E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: impactos na
(des)humanização das interações no Detran - MA**

Dissertação apresentada ao Mestrado Acadêmico em Letras - do Programa de Pós-Graduação em Letras - PGLetras, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), como requisito para obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Estudos da linguagem e práticas discursivas.

Linha de Pesquisa 01: Descrição e Análise Linguística do Português Brasileiro e de outras línguas naturais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Monica Fontenelle Carneiro.

Aprovado em: 30 de setembro de 2025.

Nota: 10,0

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Mônica Fontenelle Carneiro (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão – UFMA - PGLETRAS

Prof. Dr. Cássius Guimarães Chai (Examinador Externo 1)
Faculdade de Direito de Vitória – Direito/FDV

Prof.^a Dr.^a Claudiene Diniz da Silva (Examinador Externo 2)
Universidade Estadual do Maranhão – Letras / UEMA

"A linguagem cotidiana é densamente metafórica e apenas parcialmente literal."

Lakoff e Johnson (1980)

Dedico este trabalho:

A Deus, que me guiou em cada passo.

À minha esposa, **Meirydianne Chrystina**,
e às minhas filhas, **Camilly Victória** e **Emilly**

Moriah, pelo amor incondicional.

À minha mãe, **Ana Clea**, pelo alicerce e pela fé.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por me sustentar e me dar forças para concluir esta jornada.

À minha amada esposa, doutoranda **Meirydianne Chrystina de A. S. Silva**, que foi o meu alicerce e porto seguro. Seu incentivo como profissional, seu vasto conhecimento acadêmico e sua dedicação incondicional como esposa e mãe foram essenciais para a realização deste trabalho. Durante o ano em que estive fora, em São Luís, ela segurou a correria, cuidando das nossas filhas e administrando o lar com maestria, enquanto eu me dedicava ao curso. Todas as minhas fraquezas foram transformadas em forças com a sua ajuda.

Às minhas filhas, **Camilly Victória** e **Emilly Moriah**, pela compreensão e paciência durante a minha ausência, e por terem apoiado a mãe no cuidado com a casa.

À minha mãe, **Ana Clea**, por todo o suporte e base nos estudos, desde a minha infância e adolescência, que culminaram na aprovação para este mestrado.

À **Universidade Federal do Maranhão**, pela oportunidade de crescimento profissional e acadêmico, mesmo diante das dificuldades impostas pela distância e pelos desafios da capital.

À minha orientadora, **Dra. Monica Fontenelle Carneiro**, pela gentileza, carinho e orientação preciosos durante todo o curso.

Ao meu grande amigo **Henrique Adriano**, de Manaus, pela parceria inestimável e pela amizade construída durante a jornada em São Luís.

Obrigado!

(Até aqui me ajudou o Senhor – 1 Sm. 7:12).

RESUMO

Este trabalho analisa o uso de metáforas conceptuais em discursos espontâneos, oriundos de ações educativas do Departamento Estadual de Trânsito do Maranhão (Detran-MA). O estudo tem como tema “Metáforas Conceptuais e construção de sentidos: impactos na (des)humanização das interações no Detran-MA” e investiga o seguinte problema de pesquisa: Como as metáforas conceptuais presentes na fala de servidores e usuários no Detran influenciam a construção de sentidos, podendo promover ou dificultar uma comunicação mais inclusiva e humanizada? Tem-se como questões norteadoras: 1. Quais metáforas conceptuais são mais frequentes no discurso de servidores e usuários dos serviços do Detran (captadas em vídeos do *YouTube*)? 2. Como essas metáforas afetam a interação e a clareza por parte dos cidadãos? 3. Como as metáforas identificadas facilitam ou dificultam o entendimento mútuo e a eficácia da comunicação? Para a pesquisa, delineou-se o objetivo geral de analisar as metáforas conceptuais presentes nas falas de servidores e usuários do Detran - MA, disponíveis em vídeos públicos, a fim de compreender seu impacto na construção de sentidos. Como objetivos específicos, apresentam-se: 1. Coletar trechos de vídeos públicos (*YouTube*), relacionados à prestação de serviços do Detran - MA, transcrevendo-os e identificando metáforas conceptuais espontâneas nas falas dos entrevistados. 2. Analisar as metáforas conceptuais presentes nessas falas, relacionando-as ao aporte teórico. 3. Discutir possíveis implicações das metáforas identificadas para a comunicação humanizada, sugerindo alternativas de adequação. A pesquisa está fundamentada na Teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff e Johnson, 1980), nos estudos de Kövecses (2002, 2010, 2020), Steen (2011, 2008), em Cameron e Low (1999), Cameron (2003), Reddy (1979), Carneiro (2014, 2016). A investigação utiliza abordagem qualitativa, de natureza aplicada, com caráter descritivo e exploratório. Os dados foram coletados por meio da análise de dois vídeos públicos disponíveis no *YouTube*, nos quais ocorrem interações espontâneas entre servidores e cidadãos, como entrevistas e palestras sobre temas relacionados ao trânsito. A metodologia inclui transcrição e análise discursiva dos enunciados, com foco na identificação e interpretação de metáforas conceptuais. Os resultados obtidos permitem observar a presença de metáforas conceptuais nos discursos analisados. Os dados evidenciam a predominância de metáforas hierárquicas e que posicionam o usuário como sujeito passivo, recipiente na relação com o órgão. Nesse sentido, este estudo contribui para a ampliação das pesquisas sobre linguagem e cidadania, além de propor caminhos para a reformulação da comunicação no contexto dos atendimentos do Detran-MA.

Palavras-chave: metáforas conceptuais; linguagem institucional; atendimento público; Detran - Maranhão; variação linguística.

ABSTRACT

This paper analyzes the use of conceptual metaphors in spontaneous speeches, originating from educational actions of the Maranhão State Department of Traffic (Detran-MA). The study has as its theme “Conceptual Metaphors and Construction of Meanings: Impacts on the (De)humanization of Interactions at Detran-MA” and investigates the following research problem: How do conceptual metaphors present in the speech of Detran employees and users influence the construction of meanings, and can they promote or hinder more inclusive and humanized communication? The guiding questions are: 1. Which conceptual metaphors are most frequent in the speech of Detran employees and users (captured in YouTube videos)? 2. How do these metaphors affect interaction and clarity on the part of citizens? 3. How do the identified metaphors facilitate or hinder mutual understanding and effective communication? The general objective of this research was to analyze the conceptual metaphors present in the speeches of Detran-MA employees and users, available in public videos, in order to understand their impact on the construction of meanings. The specific objectives are: 1. To collect excerpts from public videos (*YouTube*), related to the provision of services by Detran - MA, transcribe them and identifying spontaneous conceptual metaphors in the interviewees’ speech. 2. To analyze the conceptual metaphors present in these speeches, relating them to the theoretical framework. 3. To discuss possible implications of the identified metaphors for humanized communication, suggesting alternatives for adaptation. The research is based on the Theory of Conceptual Metaphor (Lakoff and Johnson, 1980), on the studies of Kövecses (2002, 2010, 2020), Steen (2011, 2008), Cameron and Low (1999), Cameron (2003), Reddy (1979), Carneiro (2014, 2016). The investigation uses a qualitative approach, of an applied nature, with a descriptive and exploratory character. The data were collected through the analysis of two public videos available on YouTube, in which spontaneous interactions between civil servants and citizens occur, such as interviews and lectures on topics related to traffic. The methodology includes transcription and discursive analysis of the statements, focusing on the identification and interpretation of conceptual metaphors. The results reveal the presence of conceptual metaphors in the analyzed discourses. The data indicate the predominance of hierarchical metaphors that position the user as a passive subject, a recipient in the relationship with the institution. In this sense, this study contributes to the expansion of research on language and citizenship, in addition to proposing ways to reformulate communication in the context of Detran - MA services.

Keywords: conceptual metaphors; institutional language; public services; Detran - Maranhão; linguistic variation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Crítica à teoria tradicional da metáfora, segundo Lakoff e Johnson (1999, p. 112-113)	24
Figura 2 – A nova teoria da metáfora, conforme Steen (2011).....	28
Figura 3 – Campanha Maio Amarelo (2021)	39
Figura 4 – Campanha Maio Amarelo (2022)	41
Figura 5 – Metáfora como barreira comunicativa	44
Figura 6 – Etapas da técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2016)	57
Figura 7 – Descrição do percurso metodológico da pesquisa	59
Figura 8 – Teoria da Metáfora Sistemática de Cameron (2003)	82

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Transcrição dos materiais de análise: vídeo 01 e 02	64
Quadro 2: Mapeamento das metáforas identificadas em trechos do vídeo 01.....	65
Quadro 3: Mapeamento das metáforas identificadas em trechos do vídeo 01.....	66
Quadro 4: Mapeamento das metáforas identificadas em trechos do vídeo 01.....	67
Quadro 5: Mapeamento das metáforas identificadas em trechos do vídeo 02.....	74
Quadro 6: Mapeamento das metáforas identificadas em trechos do vídeo 02.....	75

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 METÁFORAS CONCEPTUAIS: linguagem, pensamento e comunicação	17
2.1 Teoria Tradicional e Teorias Contemporâneas da Metáfora Conceptual: por uma compreensão dos conceitos.	22
2.2 O papel das Metáforas Conceptuais na construção do pensamento	31
2.3 O impacto das Metáforas para a compreensão e interpretação da realidade: variação na construção de sentidos.	32
3 METÁFORAS CONCEPTUAIS NA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL	36
3.1 As Metáforas Conceptuais no atendimento institucional do Detran - MA: variação linguística e compreensão de metáforas.....	36
3.2 As metáforas e as barreiras comunicativas	42
3.3 Uso de metáforas x clareza da linguagem	48
4 METODOLOGIA	55
4.1 Caracterização do tipo de pesquisa: abordagem, natureza, procedimentos e objetivos.	55
4.2 Dos instrumentos de coleta e análise dos dados	56
4.3 Do corpus da pesquisa e da dispensa de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).	59
5 RESULTADO E DISCUSSÃO	62
5.1 Transcrição dos materiais de análise	63
5.1.1 Transcrição do vídeo 01: “Detran - MA realiza ação educativa do projeto ‘Detran Vai à Escola’	68
5.1.2 Transcrição do vídeo 02: Detran - MA promove ação do projeto “Condutor do amanhã”, em escola de São Luís.....	76
6 CONCLUSÃO	84
REFERÊNCIAS	94

1 INTRODUÇÃO

O atendimento ao cidadão em instituições públicas é marcado, em sua grande maioria, pela burocratização dos serviços. Na 3ª CIRETRAN (Circunscrição Regional de Trânsito) de Codó - MA, por ser instituição pública, essa situação também é recorrente. O órgão é mediador na prestação de serviços essenciais do Estado para os cidadãos. Nesse contexto, a boa comunicação torna-se um elemento essencial, uma vez que a forma como as informações são transmitidas impacta diretamente a experiência dos usuários.

A construção de significados é estabelecida na interação dos servidores e usuários e isso influencia a compreensão e a percepção sobre os serviços. Nessa perspectiva, as metáforas conceptuais destacam-se por moldar a forma como as pessoas interpretam e interagem com o mundo ao seu redor. As metáforas conceptuais, conforme propostas por Lakoff e Johnson (1980), não são apenas recursos linguísticos e estilísticos, segundo os gregos, mas também e, principalmente, estruturas cognitivas que organizam o pensamento humano e influenciam a maneira como experiências abstratas são compreendidas a partir de domínios mais concretos.

A partir disso, o presente estudo, o qual tem como tema “Metáforas conceptuais e construção de sentidos: impactos na (des)humanização das interações no Detran - MA”, parte do seguinte problema de pesquisa: Como as metáforas conceptuais presentes na fala de servidores e usuários no Detran - MA influenciam a construção de sentido, podendo promover ou dificultar uma comunicação mais inclusiva e humanizada? A investigação tem origem nas seguintes questões norteadoras: 1. Quais metáforas conceptuais são mais frequentes no discurso de servidores e usuários dos serviços do Detran (captadas em vídeos do *YouTube*)? 2. Como essas metáforas afetam a interação e a clareza por parte dos cidadãos? 3. Como as metáforas identificadas facilitam ou dificultam o entendimento mútuo e a eficácia da comunicação?

Nesse sentido, o estudo tem o objetivo geral de analisar as metáforas conceptuais presentes nas falas de servidores e usuários do Detran - MA, disponíveis em vídeos públicos, a fim de compreender seu impacto construção de sentidos e na (des)humanização das informações prestadas. Como objetivos específicos, delinearam-se: 1. Coletar trechos de vídeos públicos (*YouTube*), relacionados à prestação de serviços do Detran - MA, transcrevendo-os e identificando metáforas

conceituais espontâneas nas falas dos entrevistados; 2. Analisar as metáforas conceituais presentes nessas falas, relacionando-as ao aporte teórico; 3. Discutir possíveis implicações das metáforas identificadas para a comunicação humanizada, sugerindo alternativas de adequação.

Das motivações para o estudo, apontam-se a relevância pessoal, social e acadêmico-científica. A investigação é pertinente e relevante, tendo em vista que esses usuários regularmente recorrem a informações, passando por procedimentos que envolvem seus veículos e/ou suas Carteiras Nacionais de Habilitação. Todavia, a linguagem burocrática, muitas vezes, dificulta o acesso a serviços essenciais. Analisar as metáforas conceituais no Detran - MA pode revelar como a escolha de termos linguísticos influencia a percepção de cidadãos, especialmente em contextos que exigem clareza, como, por exemplo, processos de habilitação, multas e atendimento.

A motivação pessoal se dá porque o pesquisador é licenciado em Letras, ao mesmo tempo em que é servidor público no órgão supracitado. Assim, o pesquisador transita em ambos os cenários, o que contribui para a construção de um olhar crítico das práticas de linguagem no serviço público. Com relação a isso, percebe-se que os usuários dos serviços enfrentam dificuldades para compreender termos burocráticos ou metáforas que, em vez de facilitar, complicam a comunicação. A este respeito, a acessibilidade das informações aos usuários, em linguagem clara e objetiva, já é preconizada pela Lei de Acesso à Informação (LAI, n.º 12.527, de 18 de novembro de 2011). Assim, essa pesquisa busca ampliar as discussões relativas à temática da linguagem no serviço público, propondo melhorias discursivas que impactem diretamente a relação entre o cidadão e as instituições.

Ademais, há uma motivação social para a investigação. O Detran é uma instituição nacional, que lida com processos essenciais para a mobilidade urbana e a vida civil, como emissão de CNH, licenciamento de veículos e resolução de multas. No entanto, é possível que a comunicação inadequada motive o aumento da sensação de burocracia, a qual pode excluir grupos sociais vulneráveis, como idosos, pessoas de baixa escolaridade, moradores de áreas periféricas, que podem não entender metáforas abstratas. Isso pode dificultar a eficiência do serviço. Nesse sentido, a investigação possibilita propor ajustes na linguagem para oportunizar serviços acessíveis, igualitários e humanizados, alinhados a políticas públicas de inclusão, além de reduzir conflitos entre servidores e cidadãos.

A motivação acadêmico-científica se dá pelo estudo do discurso como prática social, pois conecta análise linguística e social sob nova perspectiva: expor práticas discursivas de grupos sociais ainda não investigados. O estudo é relevante também por investigar as metáforas conceptuais no atendimento do Detran - MA, sob a perspectiva dos estudos linguísticos. Tal relação alinha-se adequadamente às linhas de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Letras – Mestrado Acadêmico em Letras – da Universidade Federal do Maranhão – UFMA – investigando a relação entre linguagem, cognição e sociedade. A análise de dados reais, como as entrevistas, une teoria linguística a problemas sociais concretos, o que também se alinha às linhas de pesquisa do Programa, as quais investigam o discurso e as práticas sociocomunicativas. Para além disso, este trabalho dialoga com a missão da UFMA de promover pesquisas que integram linguagem, sociedade e políticas públicas que podem humanizar a comunicação e favorecer a acessibilidade linguística em serviços essenciais, como os do Detran – MA. Assim, o trabalho não somente fortalece o eixo teórico do mestrado, como também reforça seu compromisso com impactos sociais e aplicabilidade do conhecimento em Letras.

Isso posto, a base teórica da pesquisa está fundamentada na Teoria da Metáfora Conceptual, de Lakoff e Johnson, proposta na obra *Metaphors we live by* (1980), e complementada em sua obra *Philosophy in the Flesh* (1999). Ademais, os estudos de Kövecses (2002, 2010, 2020), com as publicações “*Metaphor: a Practical Introduction*”, “*Metaphor and Culture*” e “*Extended Conceptual Metaphor Theory*” ampliam a teoria das metáforas, de Lakoff e Johnson (1980), ao estudá-las a partir da variação contextual e cultural. Também foram analisados os estudos de Cameron (2003) sobre a Teoria Sistemática da Metáfora; de Cameron e Low (1999), que tratam da aplicação prática da metáfora em contextos específicos; de Steen (2011) para quem há a necessidade de uma “nova teoria da metáfora”; e de Reddy (1979), com a publicação da obra “*The Conduit Metaphor*”, na qual a linguagem é concebida como um “conduto”/canal que transporta ideias/pensamentos do falante ao ouvinte.

O percurso metodológico proposto para esta investigação utiliza uma abordagem qualitativa, de natureza básica, com procedimentos de pesquisa bibliográfica e documental, com técnica de análise de conteúdo, conforme Bardin (2016), pois se debruça sobre trechos selecionados de fala espontânea para mapeamento das metáforas conceptuais em vídeos de ações educativas do Detran - MA. Quanto aos objetivos, a pesquisa é descritiva e exploratória. A coleta de dados

foi realizada por meio de observações feitas com base em vídeos disponibilizados no *YouTube*, nos quais são realizadas entrevistas, algumas delas concedidas após palestras educativas, ministradas sobre a temática de educação para o trânsito e/ou entrevistas concedidas por servidores do Detran -MA.

Sob esse viés, o trabalho encontra-se estruturado a partir das seguintes seções: Na 1, apresenta-se a introdução; Na 2, a fundamentação teórica está constituída por três subseções, a saber: a 2.1, que discute as Metáforas Conceptuais, bem como seu papel na diversidade linguística e construção de sentidos, não só apresentando a teoria, mas também tratando da função e do impacto das metáforas conceptuais para a compreensão humana, o que é feito nas subseções 2.2 e 2.3, a partir da perspectiva da variação linguística. Na seção 3, o pesquisador discorre sobre as Metáforas Conceptuais na comunicação institucional. Na subseção 3.1, delimita o uso desse recurso comunicativo na linguagem empregada nos serviços do Detran – MA. A subseção 3.2 analisa as metáforas e as barreiras comunicativas e na 3.3. discute a relação entre metáforas e a clareza da linguagem. Na seção 4, apresenta-se a metodologia, caracteriza- a pesquisa, bem como as suas etapas e os procedimentos adotados para a coleta e análise dos dados, o universo de amostra, os critérios de inclusão e a justificativa para dispensa de avaliação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP); na seção 5, faz-se a análise e discussão dos dados, a saber: a transcrição, mapeamento, categorização e a análise do discurso presente nas entrevistas utilizadas como base para composição do *corpus* dessa investigação; Na seção 6, apresentam-se as conclusões a que o estudo chegou.

Com a investigação, espera-se contribuir com os estudos linguísticos e sua aplicabilidade na melhoria dos serviços públicos. A identificação e análise das metáforas conceptuais presentes na manifestação discursiva de usuários e funcionários em entrevistas analisadas permite compreender como tais metáforas se materializam nessa comunicação. Os resultados podem ser úteis para a reformulação da linguagem institucional e para subsidiar a capacitação de servidores, mediante a adoção de estratégias comunicativas que reduzam conflitos comunicativos e melhorem a eficiência em contextos presenciais de atendimento. Além disso, pretende-se contribuir com dados relevantes para que se avalie, em pesquisas complementares, se o uso dessas metáforas contribui para a construção de uma relação/comunicação mais acessível e eficiente entre a instituição e o

público, fornecendo dados para possíveis melhorias na comunicação institucional. Outrossim, ressalte-se que a presente investigação torna-se importante não apenas para o universo acadêmico, como também para a sociedade, pelo relevante impacto social às pessoas que dependem dos serviços do Detran - MA. Assim, a pesquisa reforça o compromisso social da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, ao interligar a importância dos estudos linguísticos para a proposição de melhorias e a transformação social de que o Maranhão necessita.

2 METÁFORAS CONCEPTUAIS: linguagem, pensamento e comunicação

A linguagem humana é um sistema complexo que vai muito além das palavras e das regras gramaticais. Sob essa perspectiva, as metáforas conceituais constituem-se como importantes mecanismos na construção de significado. Mais do que apenas recursos estilísticos, elas são estruturas cognitivas fundamentais que moldam a forma de compreender e interpretar o mundo (Lakoff; Johnson, 1980). Do ponto de vista dos estudos da linguagem, isso equivale a dizer que as metáforas são mais que um adorno para deixar a linguagem “mais bonita”. Na visão dos autores, a função das metáforas não se reduz a dar beleza ao discurso. Representam, na verdade, as concepções, visões de mundo dos sujeitos que as utilizam, pois, elas fazem parte da forma como as pessoas organizam o pensamento.

Adicionalmente, na concepção de Lakoff e Johnson (1980), a metáfora é definida como “um recurso de pensamento, um aparato cognitivo, que **nos faz falar, ver e agir sobre determinados fenômenos de uma maneira e não de outra**” (Lakoff; Johnson, 1980, p. 29, grifo meu). A partir dessa perspectiva, é possível entender que **as metáforas condicionam a maneira como a realidade é interpretada**, determinando, inclusive, a reação que o falante tem diante de determinados discursos. Na metáfora “O AMOR É UMA GUERRA”, pode-se, por exemplo, interpretar que o sentimento citado envolve “conflitos”, “batalhas emocionais”, “perdas”, “desentendimentos”. A construção de sentidos que se pode ter a partir dessa metáfora é a de que os falantes orientam seus pensamentos, discursos e ações, concebendo o amor como uma situação conflitante, de desafios, de busca de estratégias e da geração de expectativas sobre o outro.

É por esta razão que é possível afirmar que a metáfora, portanto, não é apenas uma figura de linguagem, mas sim um modo de pensar que **molda a percepção que o sujeito tem da realidade**. Ela influencia como se categorizam experiências, como se toma decisões e como se dá a comunicação com os outros. Por isso, compreender a natureza cognitiva da metáfora traz mais consciência de como ela influencia pensamentos e comportamentos e abre caminho para uma comunicação mais eficaz e uma compreensão mais profunda do mundo em que se vive.

Além disso, os autores pontuam que as metáforas conceptuais variam entre culturas, refletindo diferentes maneiras de vivenciar o mundo. Com esse pensamento, Lakoff e Johnson (1980) explicam que essa diversidade contribui para a riqueza da linguagem e para a multiplicidade de sentidos, demonstrando como a cognição e a experiência humana estão intrinsecamente ligadas à forma como os falantes se expressam.

O principal pressuposto da metáfora conceptual é a ideia de que as experiências concretas que os falantes possuem estruturam a forma como operacionalizam conceitos e estruturam seu pensamento. Essas metáforas funcionam, por exemplo, ao estabelecer uma relação entre um domínio¹ concreto da experiência e um conceito abstrato, tornando ideias complexas mais acessíveis. Para Kövecses ([2002], 2010, p. 25).

Os dois domínios que participam da metáfora conceitual têm nomes especiais. O domínio conceitual do qual extraímos expressões metafóricas para entender outro domínio conceitual é chamado de domínio de origem, **enquanto o domínio conceitual que é entendido dessa forma é o domínio de destino**. Assim, vida, argumentos, amor, teoria, ideias, organizações sociais e outros são domínios de destino, enquanto jornadas, guerra, edifícios, comida, plantas e outros são domínios de origem. O domínio de destino é o domínio que tentamos entender por meio do uso do domínio de origem (Kövecses [2002], 2010, p. 25, grifo meu).

De outra forma, ressalta-se que as metáforas conceptuais orientam conceitos, pois funcionam por meio da transposição de experiências concretas (domínio A, ou domínio de origem) vividas pelos indivíduos para entender conceitos mais abstratos (domínio B, ou domínio de destino). Por serem tão incorporadas ao cotidiano, muitas vezes sua presença não é percebida, embora influenciem profundamente a percepção da realidade.

Diante disso, Lakoff e Johnson (1999, p. 50) esclarecem que “a metáfora permite que imagens mentais convencionais de domínios sensório-motores sejam usadas para domínios de experiência subjetiva”. Pode-se afirmar que os autores tratam a metáfora conceptual como recurso linguístico e cognitivo que permite a comunicação de conceitos a partir de imagens mentais da experiência concreta. Isso reforça a concepção de que a compreensão de mundo dos indivíduos está

¹ Um domínio conceitual é qualquer organização coerente de experiência (Kövecses, 2010, p. 25).

intrinsecamente ligada às experiências sensoriais, as quais podem ser transferidas para campos subjetivos como emoções e pensamentos.

Lakoff e Johnson (1980) propuseram-se a contestar a definição clássica dada à metáfora, que a concebia apenas como ornamento linguístico. Os estudiosos argumentam que a metáfora permeia o pensamento e linguagem cotidianos de maneira tão profunda que, muitas vezes, o indivíduo nem nota sua presença, apesar de utilizar cotidianamente as metáforas para entender conceitos abstratos, como tempo, emoções, ideias e até mesmo a própria vida, lançando mão de domínios experienciais mais concretos, como espaço, movimento e guerra. A título de exemplificação, quando se diz que "TEMPO É DINHEIRO", utiliza-se a metáfora para dar sentido a um conceito abstrato como o tempo, relacionando-o a algo tangível e mensurável como o dinheiro. Nesse sentido, o tempo passa a ser caracterizado como um recurso valioso, como o dinheiro o é.

Por outro lado, Lakoff e Johnson (1980) afirmam que a transferência de sentidos de um domínio para o outro nunca é completa, é sempre parcial. Na metáfora "TEMPO É DINHEIRO", embora ambos os domínios sejam considerados recursos que podem ser gastos, somente o dinheiro pode ser devolvido em exatidão, caso assim o falante requeira. O mesmo não acontece com o tempo, pois uma vez gasto, não há como ser devolvido em sua totalidade e, ainda que alguém dedique tempo a outrem, pode-se entender que essa "medida de tempo" dedicada não será literal e exatamente devolvida na mesma proporção.

É nesse sentido de representação que Lakoff e Johnson (1980) afirmam que a metáfora conceptual é sempre parcial. Barcelona (2003) correlaciona essa parcialidade e faz menção ao conceito de "Hipótese da Invariância", elaborado por Lakoff e Turner (1989) e Lakoff (1990, 1992), os quais explicam que essa Hipótese da Invariância é caracterizada por certa restrição nos mapeamentos metafóricos.

A principal restrição em mapeamentos metafóricos parece ser a chamada Hipótese da Invariância (Lakoff e Turner, 1989: 82-83; Lakoff, 1990, 1993). Seu principal objetivo é que o mapeamento não pode violar a estrutura básica do domínio alvo. Parece explicar por que a maioria das metáforas são apenas parciais. Por exemplo, a bem conhecida metáfora TEMPO É DINHEIRO, nos permite pensar e falar sobre o tempo como uma mercadoria valiosa que pode ser gasta, que é limitada em oferta, etc., mas não como uma mercadoria que se pode obter de volta. (...) Essa limitação vem da estrutura inerente do domínio de destino, no qual o tempo passa e não pode ser recuperado (Barcelona, 2003, p. 4).

Lakoff e Johnson (1999, p. 72) argumentam essa restrição da metáfora conceitual ao explicar que “cada mapeamento é bastante limitado: uma pequena estrutura conceitual em um domínio de origem é mapeada em uma estrutura conceitual igualmente pequena no domínio de destino”. É a incompletude dessa correspondência entre domínios que faz com que a construção de sentidos seja apenas parcial nas metáforas conceituais. A Hipótese da Invariância evidencia que há certos aspectos no domínio que não podem ser totalmente transportados no processo de cognição. Nesse sentido, há uma limitação, delineada a partir da Hipótese da Invariância, a qual revela que as metáforas conceituais só podem ser percebidas como aproximações, nunca uma representação precisa da realidade.

No campo dos estudos sobre a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) – ou mais recentemente denominada de Teoria Contemporânea da Metáfora (TCM), conforme Lakoff (1992), as metáforas não são apenas figuras de linguagem, mas estruturas cognitivas. Ele denomina a teoria da metáfora de “mapeamento de domínios”, concebendo-a não como um adorno da expressão da linguagem poética, mas como a expressão de esquemas mentais que orientam a forma como os indivíduos compreendem o mundo em que vivem. De certa forma, equivale a afirmar que as metáforas são constituídas por certos “padrões” cognitivos, baseados na experiência/interação com o mundo, de forma que o falante utiliza o conhecimento que tem de um domínio para raciocinar sobre o conhecimento de outro domínio.

Nesse sentido, a compreensão de uma metáfora é construída, em grande parte, por meio dessas estruturas cognitivas que fazem algum sentido para os indivíduos. Para Lakoff (1992) “o *locus* da metáfora não está na linguagem, mas na maneira como conceptualizamos um domínio mental em termos de outro. A teoria geral da metáfora é dada caracterizando tais mapeamentos entre domínios” (Lakoff, 1992, p. 1). Diante disso, percebe-se como as metáforas ultrapassam sua função estética, tendo em vista que se revelam, majoritariamente, como estruturas cognitivas, não apenas linguísticas. Lakoff (1992, p. 1)² explica ainda que:

o locus da metáfora é o pensamento, não a linguagem, que a metáfora é uma parte importante e indispensável da nossa maneira comum e convencional de conceituar o mundo, e que o nosso comportamento cotidiano reflete a

² *the locus of metaphor is thought, not language, that metaphor is a major and indispensable part of our ordinary, conventional way of conceptualizing the world, and that our everyday behavior reflects our metaphorical understanding of experience* (Lakoff, 1992, p. 1).

nossa compreensão metafórica da experiência (Lakoff, 1992, p. 1, tradução nossa).

O proposto por Lakoff (1992), na citação acima, evidencia que a metáfora opera no pensamento, em nível cognitivo, essencial para a construção de sentidos. O autor explica que o local da metáfora é o pensamento e não apenas a expressão linguística, porque ela se constitui como parte importante para a nossa forma de conceptualizar o mundo. Lakoff (1992) esclarece ainda que o comportamento cotidiano é fortemente influenciado pela compreensão dessas metáforas.

A explicação dada por Solheim (2014, p. 15) corrobora as feitas por Lakoff e Johnson (1980). Para a autora, em sua obra *Death by Metaphor: A study of metaphors and conceptualisations of death in British and American obituaries* (2014), as metáforas representavam apenas um recurso retórico, como “*a creative domain mainly used in poetry and art*” (um domínio criativo, usado principalmente em poesia e arte). Em sua concepção, as metáforas serviam apenas para destacar os atributos dos seres ou de ideias, mas seu uso não era comum na vida cotidiana. A pesquisadora afirma que sua percepção do fenômeno se modificou após o contato com a pesquisa de Lakoff e Johnson (1980), o que lhe permitiu perceber que a metáfora está em todo lugar e representa mais que um recurso aleatório de ajuda que os falantes usam para explicar conceitos complexos. Sua definição é de “um grande sistema no qual um conceito é transferido para outro” (Solheim, 2014, p. 15, tradução nossa). Dessa forma, com o uso da metáfora é possível relacionar tópicos abstratos com as experiências sociocorporais concretas para entendê-los. (Solheim, 2014).

A partir dessas concepções, o fenômeno metafórico pode ser categorizado sob a seguinte premissa: tanto a teoria clássica/tradicional da metáfora - que a concebe com recurso de linguagem - quanto a teoria contemporânea - que a concebe como mecanismo cognitivo - operam, de forma semelhante, na compreensão de um domínio em termos de outro (Lakoff, 1992). Esta última difere daquela - da teoria clássica - por não ser concebida unicamente como artefato estilístico no uso que se faz da linguagem. A Teoria Contemporânea retira a metáfora do campo exclusivamente linguístico e lhe dá a primazia no campo cognitivo, pois representa mais que uma expressão linguística. É, de fato, um mapeamento de conceitos.

Em consonância, Caballero (2006), ao tratar das metáforas institucionais, retoma a etimologia do termo, oriundo da palavra grega “metaferina”, ratificando o

conceito proposto por Lakoff e Johnson (1980), de que a metáfora se configura como uma transferência de significados entre dois domínios, de maneira que “transporta” esse significado de um termo a outro. Com a produção da obra *“Re-Viewing Space”* (traduzido por Re-visualizando o espaço: linguagem figurativa na avaliação do espaço construído por arquitetos), a autora tenta explicar a utilização do que ela chamou de “metáforas institucionais”, específicas da área da Arquitetura. Ela define metáforas a partir de uma abordagem experiencialista (que parte da experiência), explicando que essa perspectiva

representa a maneira mais abrangente de explicar por que as pessoas falam metaforicamente, fornecendo uma explicação sensata de como o conhecimento é transferido de um domínio da experiência para outro e descrevendo como grandes sistemas metafóricos ajudam a estruturar nossa mente (Caballero, 2006, p. 34).

Assim, a comparação entre as diferentes vertentes nos estudos de metáforas conceituais destaca uma mudança de paradigma proposta por Lakoff (1992). A teoria de Lakoff e Johnson (1980), ainda que seja pioneira nesse sentido, alcançou novas evoluções, reformulações, já que vários estudiosos, como Steen (2011), debruçaram-se sobre estudos de atualização da teoria da metáfora conceitual, conforme se vê a seguir.

2.1 Teoria tradicional e teorias contemporâneas da metáfora conceitual: por uma compreensão dos conceitos.

A fim de situar o leitor principiante, convém lembrar o que Lakoff e Johnson (1980, 1999) caracterizam como sendo a “Teoria Tradicional da Metáfora”. Os autores explicam que os princípios centrais da teoria tradicional perpetuaram crenças equivocadas sobre a metáfora, as quais passaram a ser aceitas como verdades absolutas. Os estudiosos construíram críticas à teoria tradicional porque esta considerava a metáfora como um fenômeno exclusivamente linguístico e quase inacessível, uma vez que só os habilidosos escritores, poetas e grandes estudiosos poderiam utilizar.

Criticamente à teoria tradicional, Lakoff e Turner (1989) contra-argumentam o uso restrito da metáfora pelos escritores/oradores. Esses autores explicam que a escrita poética só é compreendida pelos ouvintes porque utiliza padrões de pensamento que todos os indivíduos possuem e não apenas os talentosos oradores. Assim, a linguagem poética apropria-se de capacidades cognitivas compartilhadas pelas pessoas e, portanto, todos têm em comum essas capacidades cognitivas e isso, obviamente, facilita o entendimento da metáfora. Essa é a razão de se compreender a linguagem poética: a causa de ela poder ser compreendida se dá justamente porque é construída a partir de uma forma comum de pensar. Logo, confirma-se o pensamento de Lakoff e Turner (1989) de que a metáfora é onipresente e acessível. Onipresente em virtude de sua aplicação em múltiplos contextos – e não apenas no discurso formal – e acessível porque os falantes fazem uso de metáforas de forma autônoma e intuitiva com bastante frequência, o que revela que as metáforas estão intimamente ligadas ao desenvolvimento humano.

É precisamente sobre isso que trata a Teoria Contemporânea da Metáfora (TMC). Em oposição à clássica Teoria Tradicional, na qual a metáfora é aparato exclusivamente retórico, a nova teoria, alicerçada em Lakoff e Johnson (1980) e ratificada por teóricos que os sucederam, dá à metáfora um caráter cognitivo, caracterizando-a como mecanismo fundamental, universal e onipresente da cognição, linguagem e experiência humanas. Com a nova teoria, à metáfora foi conferida uma concepção que a define como mapeamento entre domínios cognitivos que se estabelecem tanto quando pensamos quanto quando falamos. Assim, os teóricos postularam que as metáforas estão arraigadas nas experiências humanas, no aspecto físico e cultural e emergem a partir da interação com o espaço físico e social.

A partir desse recorte, pontua-se que a visão tradicional, objetivista da metáfora é confrontada por diversos autores por não considerar a visão de mundo e os processos de cognição presentes em sua utilização. Por essa razão, a teoria tradicional, oriunda da classificação da retórica clássica, foi caracterizada como reducionista, haja vista a simplificação restritiva da metáfora para usos profissionais da linguagem. Carneiro (2014) explica que a visão tradicional existente antes do trabalho de Lakoff e Johnson (1980) concebia a metáfora em seu uso em expressões isoladas, sem considerar sua função cognitiva. A principal crítica que se faz ao modelo tradicional/objetivista é a do uso da metáfora apenas como recurso literário/retórico/decorativo, tratada, majoritariamente, como fenômeno linguístico,

sem valor cognitivo agregado, não contribuindo, portanto, para a compreensão. Esse foi o enfoque que, durante muito tempo, a teoria tradicional concedeu à metáfora. A partir disso, Lakoff e Johnson (1999), sumarizaram criticamente os princípios que orientavam os estudos equivocados sobre a metáfora na perspectiva da teoria tradicional, conforme se pretende demonstrar na Figura 1, a seguir.

Figura 1 – Crítica à teoria tradicional da metáfora, segundo Lakoff e Johnson (1999, p. 112-113).



Fonte: Elaborada pelo autor (2025).

Percebe-se que, na teoria tradicional, as definições reduzem o valor da metáfora por ignorarem o papel que ela tem na cognição e comunicação humana. Desconsideram, ainda, a importância delas para a construção do pensamento e para a formação de conceitos. A teoria também supervaloriza a metáfora no sentido de ela só poder existir em âmbito normativo, literário e não cotidiano, como Lakoff e Johnson (1980) criticaram. Essa visão equivocada sobre as metáforas ignora o fato de que

muitas expressões metafóricas estão enraizadas na linguagem humana e não deixam de ser uma construção metafórica legítima por serem cotidianas.

Por essa razão, Lakoff e Johnson (1999) consideram como falsos os princípios defendidos pela teoria tradicional da metáfora, os quais foram apresentados na Figura 1. Lakoff e Turner (1989, p. 11) teorizaram que tais concepções da teoria tradicional são falsas porque “a metáfora é uma ferramenta tão comum que a usamos inconscientemente e automaticamente, com tão pouco esforço que mal a notamos”. Tal perspectiva evidencia que o uso de metáforas é um aspecto natural na comunicação e faz parte do processo de desenvolvimento humano. Os autores atribuem quatro características à metáfora: onipresente, acessível, convencional e insubstituível.

Ela é **onipresente**: a metáfora permeia nossos pensamentos, não importa o que estejamos pensando. Ela é **acessível** a todos: quando crianças, nós automaticamente, como uma questão de curso, adquirimos um domínio da metáfora cotidiana. Ela é **convencional**: a metáfora é parte integrante do nosso pensamento e linguagem cotidianos comuns. E é **insubstituível**: a metáfora nos permite entender a nós mesmos e ao nosso mundo de maneiras que nenhum outro modo de pensamento pode (Lakoff; Turner, 1989, p. 11, tradução nossa, grifo meu).

Os pesquisadores argumentam que, por serem questão de pensamento – e não apenas de palavras – as metáforas abarcam todos os tipos de pensamento, os quais fazem parte da experiência humana, a saber: o que se pensa sobre as emoções, sobre o ser humano, sobre a vida em sociedade, sobre a linguagem, sobre as percepções de vida e de morte, sobre a natureza.

A revisão da teoria no campo da metáfora é ampliada com a publicação, em 1980, da obra *Metaphors we live by*, de autoria de Lakoff e Johnson. A nova abordagem vai de encontro à teoria tradicional e elimina a redução da metáfora a objeto de decoração do discurso, propondo-se a estabelecer um novo modelo de análise para os estudos metafóricos. Nesse novo paradigma, a metáfora é caracterizada como um mecanismo de estruturação do pensamento e não mais somente da materialização do discurso.

A definição de “metáfora conceitual”, portanto, encontra-se alicerçada a partir da apresentação que se fez até aqui sobre a distinção entre a Teoria Clássica/Tradicional da Metáfora – mero aparato linguístico – e a Teoria Contemporânea da Metáfora – como recurso cognitivo. Essa é a concepção basilar

que norteia os estudos sobre a metáfora conceptual, desde o advento dos estudos de Lakoff e Johnson (1980). Um dos conceitos, apresentado por Barcelona (2003), retoma os pressupostos de seus antecessores e aborda a metáfora como

o mecanismo cognitivo pelo qual um domínio experiencial é parcialmente "mapeado", ou seja, projetado, em um domínio experiencial diferente, de modo que o segundo domínio é parcialmente compreendido em termos do primeiro. O domínio que é mapeado é chamado de domínio fonte ou doador, e o domínio no qual a fonte é mapeada é chamado de domínio alvo ou receptor. Ambos os domínios têm que pertencer a diferentes domínios superordenados. Este é basicamente o conceito cognitivo de metáfora proposto por George Lakoff, Mark Johnson e Mark Turner e por outros linguistas cognitivos que têm investigado o campo nos últimos dezenove anos (Barcelona, 2003, p. 3, tradução nossa).

Com base nessa concepção, a metáfora é compreendida como um mecanismo cognitivo, que atua no pensamento, de modo a estruturar a compreensão de uma área do conhecimento da vida humana a partir de experiências em outras áreas do conhecimento. Esse processo de compreensão de um domínio em termos de outro caracteriza o que Lakoff e Johnson (1980) nomearam de "mapeamento".

Reijnierse (2017) caracteriza a metáfora a partir de dois aspectos: 1. a metáfora deliberada, criativa e conscientemente construída, que representa um uso planejado; 2. a metáfora não deliberada, a qual, embora seja metáfora, não é assim percebida pelos falantes, uma vez que é espontânea na fala/escrita cotidianas, sendo, muitas vezes, usada de maneira mais informal, automática, inconsciente. Nesse caso, o uso da metáfora pode ocorrer de forma intuitiva, sem um planejamento específico que tenha sido elaborado para criar um efeito poético ou reflexivo.

Sob essa ótica, Reijnierse (2017), a partir da Teoria da Metáfora Conceptual, apresenta uma definição que corrobora a ideia de que as metáforas conceptuais ocorrem espontaneamente. A autora argumenta que elas podem ser definidas como "expressões de estruturas metafóricas subjacentes no pensamento, e que a metáfora é uma ferramenta cognitiva que permite que as pessoas pensem e falem sobre uma coisa em termos de outra" (Reijnierse, 2017, p. 3).

Steen (2011, 2008), por outro lado, argumenta a necessidade de uma nova teoria sobre a metáfora. O autor ratifica os pressupostos teóricos já consolidados por Lakoff e Johnson (1980) e Lakoff (1993) – para os quais a teoria da metáfora tem somente duas dimensões: linguística e cognitiva – mas explica a necessidade de uma

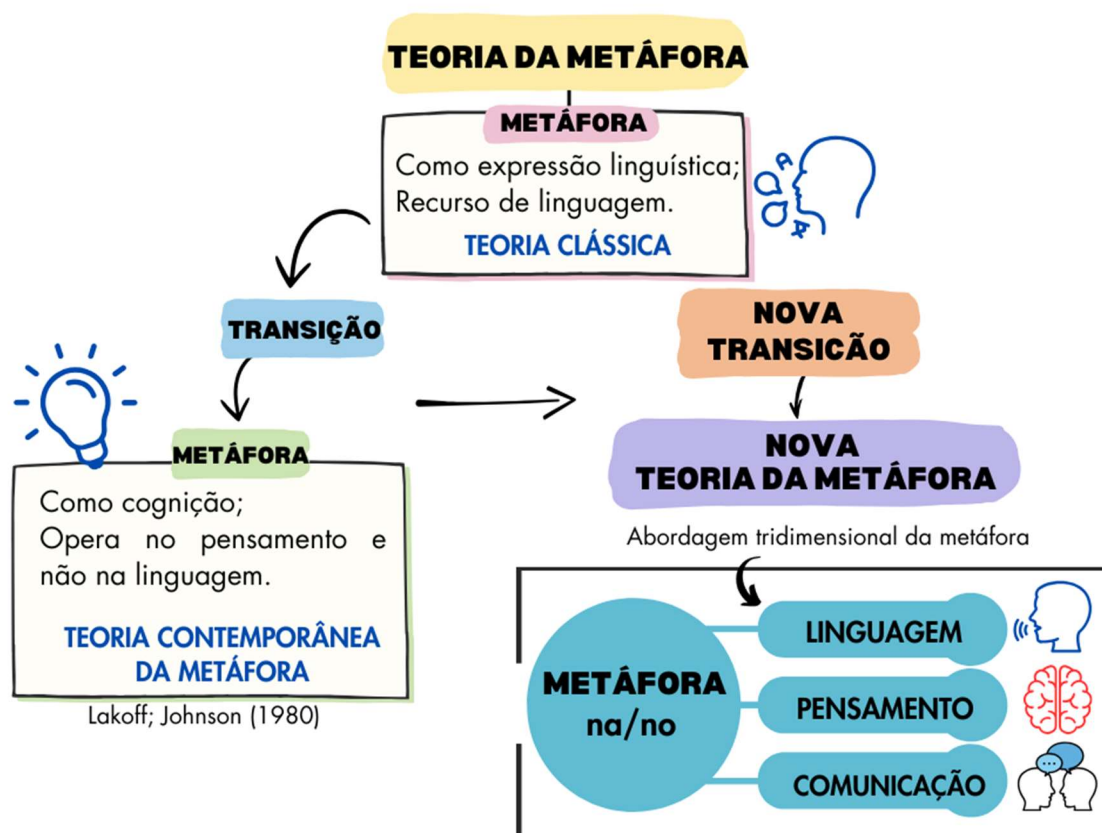
terceira dimensão a ser considerada nesses estudos: a dimensão social, da comunicação. Não obstante, Steen (2011) defende que urge uma “nova teoria da metáfora”, com estrutura mais aprimorada e que vai além dos aspectos linguísticos e cognitivos dados à metáfora conceptual nas teorias antecessoras. Na visão do autor, considerar apenas a materialidade linguística e a cognição constitui-se em uma abordagem muito limitada, que “não dá conta” dos demais aspectos nos quais a metáfora acontece. A proposta de Steen (2011) é de uma teoria interdisciplinar da metáfora, haja vista que

a metáfora não é apenas uma questão de linguagem e pensamento, **mas também de comunicação**; e a metáfora **não pode ser abordada apenas de uma perspectiva linguística** (ou mais geralmente, semiótica) e cognitiva (ou mais adequadamente, psicológica), mas **também exige uma abordagem social** (Steen, 2011, p. 27, tradução nossa, grifos meus).

É a partir dessa concepção da dimensão social e comunicativa, proposta por Steen (2011), que esta pesquisa pretende analisar os impactos das metáforas conceptuais para a construção de sentidos nas interações discursivas do Detran – MA. Para tanto, concebem-se os fundamentos da metáfora conceptual, teorizados por Lakoff e Johnson (1980). Contudo, esta pesquisa parte também das contribuições de Steen (2011) para os estudos da metáfora conceptual e dessa “nova teoria da metáfora”, a qual considera como o viés social da comunicação afeta a construção de sentidos.

Para Steen (2011), a nova teoria deve contemplar essas três dimensões: linguística, cognitiva e social. Isso representaria uma abordagem mais abrangente para os estudos da metáfora conceptual, na perspectiva da evolução/atualização da teoria, de modo a ampliar as fronteiras de pesquisa, por meio da integração de outras áreas do conhecimento. Steen (2011), desse modo, reporta a urgência de se pensar em um modelo tridimensional para a metáfora, que contemple a interação entre os aspectos linguísticos, conceituais e comunicativos da metáfora conceptual. O processo de evolução da teoria da metáfora poderia ser assim delineado, a partir da perspectiva de Steen (2011):

Figura 2 – A nova teoria da metáfora, conforme Steen (2011).



Fonte: Elaborada pelo autor (2025).

Nesse sentido, caberia desterritorializar a metáfora do campo somente linguístico ou somente cognitivo a partir do entendimento de que as metáforas operam em outras dimensões e de que seu entendimento também é moldado pelas/nas interações sociais e culturais. A interação pela comunicação representaria o viés social e cultural proposto para a nova teoria da metáfora, conforme sugere Steen (2011). A concepção defendida por Steen (2011) é validada pelo estudo da metáfora conceptual em novos contextos de significação. Algumas pesquisas, como a de Cienki e Müller (2008), por exemplo, tratam do estudo da metáfora a partir de outros sistemas simbólicos como os gestos, reafirmando a operação metafórica para além da linguística e da cognição, atribuindo à “metáfora conceptual corporificada”, um viés de uso multimodal, ou seja, de uma metáfora que não está apenas na linguagem ou apenas na cognição (Schröder, 2013). Tais aportes teóricos operam com a concepção de uma mudança de foco na compreensão dos estudos sobre a metáfora conceptual, antes estável e descontextualizada, para um fenômeno situado, contextualizado, que

explica como fatores sociais e culturais influenciam a construção de sentidos. Em outros contextos sociais, Littlemore *et al.* (2023) abordam os conceitos de metáfora e metonímia para investigar as percepções que as emoções expressam através das cores. O estudo foi baseado observando-se como, em diferentes contextos socioculturais, as pessoas relacionam certas emoções a cores específicas. Estudos recentes, como esse, permitem traçar um cenário mais auspicioso para os estudos da metáfora conceptual, indo além da dicotomia linguística x cognitiva, incluindo no escopo das investigações o fator social/cultural.

Kövecses (2010) ratifica essa tridimensionalidade das metáforas, ao explicar que também as usamos em contexto social e este, por sua vez, pode variar, abrangendo desde “relações sociais que ocorrem entre os participantes do discurso através dos papéis de gênero dos participantes até às várias ocasiões sociais nas quais o discurso acontece” (Kövecses, 2010, p. 728, tradução nossa). Em outro estudo, Kövecses (2020) explica que os diferentes tipos de contexto comunicativo afetam a escolha das metáforas e o modo como são interpretadas pelos interlocutores.

Na mesma perspectiva, Abreu (2010), em seu estudo sobre Linguística Cognitiva, trata das metáforas conceptuais como um sistema de transferências no qual os aspectos do domínio de origem estão associados a valores. O autor argumenta que há outros fatores, além dos linguísticos, interligados na utilização de metáforas, os quais atuam como mediadores da cognição humana e ultrapassam o plano discursivo, tais como os fatores emocionais e culturais. Abreu (2010) explica que isso acontece porque ao comunicar-se, os seres humanos têm certa preferência pelo uso de imagens mentais e que as várias culturas e contextos históricos têm imagens mentais de preferência.

Para Abreu (2010), no entanto, mais que a expressão linguística ou a adoção de determinada metáfora conceptual, é importante que tais representações mentais sejam respeitadas, bem como o respeito aos fatores sociais que envolvem os interlocutores. Esse pensamento consolida o ideal de que as metáforas são reflexos das interações humanas, das dinâmicas sociais e moldam o que dizemos, como dizemos e nossa reação ao que é dito. A importância de se considerar o contexto social se dá pela possibilidade de uma metáfora ser considerada aceitável em um ambiente e inadequada em outros.

A função cognitiva da metáfora conceptual é validada socialmente, por exemplo, no fato de uma determinada expressão poder ser dita, linguisticamente, de

formas diferentes nos mais diversos idiomas, mas manter sua estrutura conceptual, independentemente, da forma como a estrutura linguística se apresente e nos diferentes contextos onde circula. Tome-se como exemplo a metáfora conceptual “TEMPO É DINHEIRO”. Ela pode ser dita em português como “estou perdendo tempo com isso”, em inglês como *I'm wasting time on this*, e em espanhol como *Estoy perdiendo tiempo con esto*. Percebe-se que a forma linguística varia, mas fica mantido o sentido de que o tempo é algo que pode ser perdido (português/espanhol) / desperdiçado/gasto (inglês), da mesma forma como o dinheiro também o pode ser: perdido, gasto, desperdiçado, economizado. Isso é o que Lakoff (1980) chama de “mapeamento de domínios”. Segundo ele, esse “mapeamento é rigidamente estruturado”, uma vez que existem certas correspondências, segundo as quais entidades em um domínio (como no exemplo dado: ‘tempo’) correspondem sistematicamente a entidades em outro domínio (dinheiro).

Sobre o fato de o mapeamento de domínios ser “rigidamente estruturado”, Kövecses (2010) argumenta que

As metáforas conceituais são vistas como constituídas por conjuntos de mapeamentos entre os domínios de origem e de destino. Os mapeamentos são assumidos como estruturas conceituais bastante estáticas. As metáforas linguísticas que são motivadas por tais correspondências estáticas são expressões convencionais e arraigadas (Kövecses, 2010, p. 733, tradução nossa).

Nessa perspectiva, Kövecses (2010) considera a metáfora na teoria de Lakoff e Johnson (1980) como estruturas conceituais relativamente estáveis (daí o fato de serem rigidamente estruturadas). O problema que se apresenta é que essa estaticidade pode comprometer a compreensão das metáforas ao longo de sua evolução no tempo, em virtude dos diferentes contextos sociohistóricos e culturais. Um aspecto a ser ponderado a este respeito é o de saber quais metáforas, por exemplo, são elevadas a uma condição de prestígio e quais são desvalorizadas, a depender do contexto. Assim, ao tratar as metáforas como estruturas fixas, a abordagem de sua suposta estabilidade desconsidera fatores históricos que influenciam sua (re)significação ao longo do tempo. Tal estaticidade atribuída às metáforas pode representar um problema nas interações humanas justamente por negligenciar sua variação contextual e histórica, mais especificamente, se houver a consideração da dimensão apenas linguística e/ou cognitiva da metáfora.

2.2 O papel das metáforas conceptuais na construção do pensamento

Na concepção fundamentada por George Lakoff e Mark Johnson, em sua obra "Metáforas da Vida Cotidiana" (1980), entende-se que houve a superação da teoria somente tradicional a respeito das metáforas. Como os autores afirmam, "a metáfora não é meramente uma questão de linguagem, mas sim de pensamento" (Lakoff; Johnson, 1980, p. 10).

Em primeiro lugar, a mente seria "corporificada", isto é, estruturada através de nossas experiências corporais, e não de uma entidade de natureza puramente metafísica e independente do corpo. [...] Em segundo lugar, quase todo pensamento é inconsciente, uma vez que não temos acesso aos mecanismos que nos permitem, por exemplo, entender um simples enunciado (Lakoff; Johnson, 1980, p. 10).

Os autores enfatizam que a mente não é uma entidade separada do corpo, mas sim diretamente ligada a ele, porque a mente é corporificada, estruturada a partir de experiências corpóreas. Para os pesquisadores, as experiências corporais, desde a infância, fornecem uma estrutura para a elaboração de conceitos e para a maneira como são expressos por meio de metáforas conceptuais. Ao reconhecer a importância da corporificação na formação desses conceitos, pode-se ter uma compreensão mais profunda de como a linguagem e o pensamento estão interligados. Essa perspectiva nos permite analisar a linguagem de forma mais crítica e consciente.

Com base na ideia de que os mecanismos que permitem realizar tarefas cognitivas básicas, como entender uma frase simples, são em grande parte inconscientes, Lakoff e Johnson (1980) destacam que a complexidade da linguagem e do pensamento envolve processos mentais sofisticados que operam nos bastidores da consciência, permitindo-se interpretar e produzir linguagem de forma fluida e eficiente. Complementarmente, Caballero (2006), retomando Lakoff e Johnson (1980), explica que a metáfora é uma dessas estruturas ou dispositivos que organizam imaginativamente o conhecimento em nossas mentes e é tecnicamente definida como um mapeamento entre domínios de um domínio de experiência (a fonte) para outro domínio (o alvo), que é conceituado em termos do primeiro. O processo envolve mapear o conhecimento e, mais importante, os padrões de inferência inerentes a esse conhecimento.

O recente estudo de Silva (2021) aponta que, embora não seja possível precisar historicamente quando as metáforas passaram a ser fundamentais para o desenvolvimento da compreensão humana, não se pode negar que elas estão intimamente ligadas à evolução do pensamento, pois “a metáfora diz respeito a um tipo de construção mental utilizada pelos indivíduos para exteriorizar o que se pensa e as relações construídas a partir de representações mentais estabelecidas” (Silva, 2021, p. 34).

Andrade (2019), por sua vez, explica que as metáforas realmente são fundamentadas no funcionamento corporal e cerebral. Logo, poder-se-ia supor que a compreensão das metáforas conceptuais seria universal, já que todas as pessoas compartilhariam dessas mesmas estruturas biológicas e cognitivas, pois os seres humanos “utilizam (pensam e agem) as metáforas de maneira bastante semelhante no nível conceitual. Entretanto, é sabido que as metáforas variam tanto entre culturas diferentes como em uma mesma cultura” (Andrade, 2019, p. 96). O autor evidencia, com isso, a possibilidade de se questionar essa visão, a partir do entendimento de que vários fatores podem influenciar o uso, a compreensão e a interpretação das metáforas conceptuais entre diferentes sociedades e até mesmo dentro de uma mesma cultura.

Em sua dissertação de Mestrado, Pitombeira (2023) argumenta que os conceitos relativos às metáforas conceptuais formam-se a partir das vivências compartilhadas dentro de uma comunidade, o que possibilita a convencionalidade de sentidos nos grupos sociais em que seus membros compartilham trajetórias sociohistóricas, culturais, geográficas e até mesmo políticas afins. A autora é feliz em destacar que os conceitos – e por extensão, as metáforas que os estruturam – são moldados por vivências coletivas vinculadas às trajetórias específicas. Tal abordagem ratifica os estudos de Kövecses (2005), para quem a metáfora “O AMOR É UM VIAGEM” pode assumir diferentes compreensões em culturas distintas, podendo significar tanto “jornada”, “destino”, quanto “parceria”, escolha”.

2.3 O impacto das metáforas para a compreensão e interpretação da realidade: variação na construção de sentidos.

A seção que aborda essa temática revela como as metáforas moldam a percepção do mundo, influenciando os pensamentos, sentimentos e ações. Ao

mapear um domínio experiencial concreto para um domínio abstrato, as metáforas permitem dar sentido a conceitos complexos e abstratos, tornando-os mais acessíveis e compreensíveis, conforme preconizam Lakoff e Johnson (1980). No entanto, a construção de sentidos através das metáforas não é um processo uniforme. A mesma metáfora pode ser interpretada de maneiras diferentes por diferentes pessoas, dependendo de suas experiências, conhecimentos e valores cultivados ao longo de suas vidas. Essa variação na construção de sentidos destaca a natureza subjetiva e contextual da interpretação metafórica, revelando como as metáforas podem tanto unificar quanto diversificar nossa compreensão da realidade.

Observar o discurso das pessoas em suas relações diárias com o trânsito e órgãos de trânsito que abordam a temática trabalhada nesta pesquisa contribui para o entendimento prático de que as metáforas conceptuais precisam ser (re)construídas em diversas formas e contextos. É o que afirmam Cameron e Low (1999)³ ao situar a metáfora na linguagem em uso:

Como linguistas aplicados, nos preocupamos com o uso da linguagem em situações da vida real, particularmente as problemáticas. Em termos gerais, o pesquisador em linguística aplicada busca revelar e compreender os processos subjacentes à aprendizagem ou ao uso da língua e, talvez, avaliar a intervenção neles (Cameron; Low, 1999, p. 3. tradução nossa).

Sobre isso, Lakoff e Johnson (1980, p.31), apresentam a ideia de que:

As representações de metáforas conceptuais podem não, necessariamente, estar pré-armazenadas em sua totalidade no léxico mental das pessoas, partes delas podem ter que ser (re)construídas de diferentes maneiras em diferentes ocasiões. (Lakoff; Johnson, 1980, p. 31).

E nesse processo, a (re)construção pode ser distinta a depender do público que está sendo abordado, da faixa etária, do sexo e até mesmo da região onde ocorra o processo de interação. Todos esses fatores influenciam na adesão ou não da estratégia argumentativa adotada.

³ *As applied linguists, we are concerned with language use in real-life situations, particularly problematic ones. In general terms, the applied linguistic researcher is aiming to reveal and understand underlying processes of language learning or use, and perhaps to evaluate intervention in them (Cameron; Low, 1999, p. 3).*

Conforme Gibbs (1999) *apud* Lakoff e Johnson, (1980, p. 32) “a metáfora é uma propriedade emergente das interações do indivíduo com o mundo, e não das mentes individuais” e que “(...) a cognição emerge e é continuamente revivenciada quando o indivíduo interage com o mundo cultural”. Os autores pontuam que, para que haja o uso das metáforas e sua compreensão, estas devem ser acionadas em espaços sociais e que, a cada vez em que são utilizadas, sua compreensão é concretizada nas mentes dos que fazem uso delas.

Mais recentemente, Abreu (2010) retoma a definição proposta por Lakoff e Johnson (1980), para ratificar a Linguística Cognitiva como ciência, reafirmando que seus postulados continuam válidos. Sobre a metáfora, especificamente, ele explica que o cérebro humano funciona por analogias e *blending*⁴, argumentando que

Até pouco tempo, dizia-se que ela é o resultado de você escolher uma ou duas propriedades de um domínio de origem e projetar em um domínio alvo. Ou seja, você faz um *blending* entre esses dois domínios. Nos dias de hoje, falamos em simetria. Metáfora é buscar simetria entre duas coisas assimétricas. Eu posso dizer, por exemplo, que um **smartphone é um canivete suíço digital**. O que eu quero dizer é que, assim como, em um canivete suíço, eu posso dispor de várias utilidades, como cortar, usar uma tesoura, um abridor de garrafas, um abridor de latas etc., em um smartphone, eu posso, igualmente, dispor de várias utilidades, como telefonar, enviar e-mails, whatsApps, movimentar contas bancárias, usar calculadora, lanterna etc. (Abreu, 2024, p. 60, grifo meu).

Na analogia acima, idealizada por Abreu (2024), o *blending* surge a partir do momento em que o *smartphone* ganha as similaridades do canivete suíço ao ser um objeto compacto, portátil e com múltiplas ferramentas, ainda que não possua o abridor de latas ou a tesoura, por exemplo. A metáfora consiste em o *smartphone* ser para a Era Moderna digital o que o canivete suíço foi para a era analógica. A partir do *blending*, gera-se um novo conceito, pois na comparação entre os dois elementos, há uma mistura mental das propriedades do domínio-fonte e do domínio-alvo. No exemplo citado por Abreu (2024), de que “um smartphone é um canivete suíço digital”, há a transferência das propriedades do canivete para o *smartphone*, mas também há uma nova construção mental que se apropria de características distintas dos dois

⁴ Também chamado de Teoria da Integração Conceptual. Traduzido do inglês significa “mistura”. Trata-se da teoria desenvolvida por Fauconnier e Turner (2002), que atualiza a Teoria Contemporânea da Metáfora, proposta por Lakoff e Johnson (1980). O *blending* propõe que a metáfora não é uma simples projeção de um domínio para outro, mas a **criação de um novo espaço mental** (o *blend*) a partir de elementos selecionados de pelo menos dois *espaços de entrada* (os domínios-fonte e alvo).

domínios para gerar algo novo (o *blend*): a) do canivete: várias ferramentas, compacto e portátil; b) do *smartphone*: sua natureza digital, que atribui algo novo a essas várias ferramentas compactas e portáteis (embora o *smartphone* não tenha tesoura e abridor de latas como o canivete tem). Essa nova “criação mental” gerada pelo *blend* não existia antes (a ideia de canivete suíço digital). Ela é uma criação nova, é uma simetria criada a partir de duas coisas completamente assimétricas, pois um canivete suíço e um smartphone são dois objetos que em nada se parecem, são assimétricos.

Apesar das assimetrias entre os dois objetos, ao estruturar a metáfora “Um *smartphone* é um canivete suíço”, o cérebro humano inventa algo novo, atribuindo uma semelhança, uma simetria a dois objetos completamente distintos em funcionalidade e em formato. Isso é o *blend*, ele origina-se da simetria. No caso em análise, a simetria criada reside no fato de os dois objetos serem compactos, portáteis, multifunções e serem ferramentas que resolvem inúmeros problemas da vida humana. Além disso, a metáfora modifica a forma como o *smartphone* passa a ser visto: de simples instrumento para fazer ligações a uma ferramenta mais completa e necessária. O *smartphone* passa a ter uma nova identidade conceptual: deixa de ser um simples dispositivo tecnológico para ser uma solução de problemas da era digital. Com o *blend*, o canivete também tem seu conceito ampliado para algo que é “solução universal”. Esse “novo espaço mental” que o *blend* cria possibilita a construção conceptual de novas realidades na integração de simetrias, onde antes só havia divergências.

A partir desse conceito, esta pesquisa investiga as construções metafóricas em uso nos discursos presentes nos vídeos analisados nas interações do/no/pelo Detran - MA e propõe um exercício consciente de reformulação das metáforas que sustentam relações assimétricas de poder, de hierarquia, de verticalização, de passividade. A pesquisa intenciona a (re)construção desses “*blendings*” para outros domínios conceptuais como os de colaboração, de diálogo, de interação, de conquista.

3 METÁFORAS CONCEPTUAIS NA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

As metáforas conceptuais não estão presentes apenas na comunicação cotidiana da vida pessoal, mas também permeiam os contextos institucionais. Sua adequada interpretação é essencial para garantir um processo comunicativo eficiente, especialmente em instituições que lidam diretamente com o público. A forma como as mensagens são transmitidas pode influenciar a percepção e a compreensão dos usuários, tornando necessário um olhar atento sobre o uso dessas metáforas para evitar ruídos na comunicação e melhorar a experiência dos interlocutores. A subseção a seguir traz alguns exemplos de como as metáforas podem ser encontradas em frases envolvendo o trânsito e como elas podem ser percebidas pelo público.

3.1 As metáforas conceptuais no atendimento institucional do Detran - MA: variação linguística e compreensão de metáforas

Dentre as diversas instituições que poderiam ser analisadas, o Departamento Estadual de Trânsito do Maranhão (Detran - MA) foi escolhido para um levantamento e mapeamento do uso de metáforas conceptuais em sua comunicação. A interação entre atendentes e usuários exige comprometimento e clareza na troca de informações, garantindo que o atendimento seja eficaz. Muitas expressões utilizadas no contexto do trânsito fazem uso de metáforas que facilitam a compreensão das regras e orientações, como "educação no trânsito é o caminho para a segurança", que associa a ideia de deslocamento físico ao aprendizado e comportamento responsável; "caminho para regularização" ou "barreiras na documentação" são outros exemplos que estruturam a forma como os usuários entendem os procedimentos administrativos.

Além disso, expressões como "dirigir com prudência salva vidas" e "faça a sua parte no trânsito" reforçam a noção de responsabilidade individual dentro de um sistema coletivo, utilizando metáforas que transformam conceitos abstratos em imagens concretas. Ao compreender e analisar essas construções linguísticas, torna-se possível otimizar a comunicação institucional, de modo a torná-la mais acessível e eficiente para os cidadãos. Dessa forma, o estudo das metáforas conceptuais no Detran - MA contribui para aprimorar a interação entre os agentes institucionais e o

público, promovendo uma comunicação mais clara e assertiva.

Não se pode deixar de mencionar os aspetos sociolinguísticos na interação humana. Foi William Labov (1972) o estudioso que atentou para olhar a variedade linguística em diferentes contextos sociais (estudo em Nova York, 1960). Observou a tripartição origem, propagação e regularidade das variações nas comunidades de fala da ilha de *Martha's Vineyard* (estado de *Massachusetts*) e constatou padrões sistemáticos de variação oriundos de influências sociais, diferenças regionais e de pronúncia da língua inglesa nessa comunidade. Analogamente, Fiorin (2003) afirma que a Linguística, ciência da linguagem, não nega o valor da norma culta. Entretanto, o pesquisador também confirma a contribuição dessa ciência para reconhecer a existência da variação. São, portanto, a ciência linguística e o campo da Sociolinguística que possibilitam investigar como se dá a relação entre linguagem e sociedade, permitindo analisar de que forma os fatores sociais influenciam a escolha dos falantes em relação a determinada variação linguística.

Nesse contexto, a variação linguística pode influenciar a interpretação de metáforas conceptuais, gerando desafios na comunicação institucional. O Maranhão possui uma rica diversidade cultural e linguística, com variações regionais, no vocabulário e na forma de expressão. Algumas metáforas usadas no atendimento do serviço público do Detran - MA podem não ser plenamente compreendidas por todas as comunidades, especialmente aquelas que possuem menor contato com a linguagem técnica da burocracia. Isso pode levar a dificuldades na obtenção de serviços essenciais, como emissão de CNH, licenciamento, custódia/remoção e transferência de veículos ou mesmo limitações na obtenção de informações.

Os impactos sociais dessas barreiras linguísticas são significativos, pois afetam diretamente o acesso da população a direitos básicos relacionados à mobilidade. Quando a linguagem utilizada no atendimento não considera a diversidade linguística dos cidadãos, há um aumento da exclusão social e fomento da dificuldade na regularização de documentos ou mesmo o conhecimento de que determinados procedimentos são necessários e obrigatórios. Além disso, essa dificuldade pode gerar desconfiança na instituição e instigar alguns usuários a recorrer a intermediários (despachantes/atravessadores/credenciados) ou práticas informais para resolver suas demandas, o que, por vezes, induz o cidadão a ser enganado e a “cair em golpes” (GOLPE É QUEDA; ENGANO É AGRESSÃO).

A propósito, a frase “eu caí em um golpe” é bastante recorrente no discurso dos

usuários do Detran – MA, na 3ª Ciretran de Codó, quando comparecem para finalizar transações de compra e venda. A estrutura da sentença permite a construção da metáfora conceptual “ENGANAR É BATER” ou “SER ENGANADO É CAIR”. A ideia abstrata de ser enganado(a) tem seu sentido transferido para o ato físico/concreto de bater e de cair, partindo-se do campo psicológico para a experiência corporal. Em contextos como esse resta a compreensão da metáfora como uma situação de vulnerabilidade, perda do controle, desordem mental e o “cair” revela ainda a ingenuidade da vítima ao não ter percebido os “sinais” de alerta do golpista. A própria ideia de “queda” (cair em golpe) revela os impactos de dor financeira, emocional ou mesmo a vergonha de quem foi enganado. Nesse sentido, tanto o “cair” quanto o “golpe” podem ser compreendidos como sinônimos metafóricos de “agressão”.

Em virtude disso, uma comunicação mais acessível e inclusiva poderia minimizar os impactos relacionados à compreensão das metáforas. O uso de metáforas mais próximas da realidade dos usuários, aliado a explicações diretas e ao treinamento de servidores para lidar com a variação linguística, contribuiria para um atendimento mais eficaz. A adoção de recursos visuais, linguagem simplificada e materiais explicativos adaptados às diferentes regiões do estado também seriam estratégias úteis para garantir que todos os cidadãos possam compreender e acessar os serviços do Detran – MA.

Tais estratégias comunicativas podem auxiliar as organizações públicas e/ou privadas na forma como lidam com a população na prestação de serviços. Concebe-se que a comunicação institucional não se restringe à divulgação/prestação de serviços, mas engloba fatores como os valores e a imagem das empresas, bem como a forma como são percebidas pelos cidadãos. Considerando-se que uma mesma organização atende a públicos-alvo diversificados, são necessárias múltiplas abordagens comunicativas. Peruzzo (2011, p. 338) corrobora essa ideia ao declarar que “a comunicação — na forma das Relações Públicas — tende a ser cada vez mais importante em razão da necessidade de diálogo, das interdependências, dos sistemas de redes e da universalidade da cidadania postas em pauta”. Isso explica porque a comunicação com o público é tão importante, tendo em vista que, na contemporaneidade, as empresas vão além de vender produtos ou prestar serviços. Há uma relação de interdependência, na medida em que os usuários de bens e serviços, ainda que desconheçam ou não tenham acesso total à informação, estão

atentos ao comportamento das empresas com as quais se relacionam.

Assim, no cotidiano das organizações, a boa comunicação é fundamental. No serviço público, ela pode ser a principal ferramenta para a satisfação do usuário, o qual é cidadão e cliente ao mesmo tempo. Cezar (2019) argumenta que a comunicação é uma troca entre cidadãos e o setor público, a qual busca tanto a solução para os problemas quanto “a aderência dos cidadãos a certos hábitos, certas práticas e até à mudança de comportamento”. No caso específico dos serviços do/no Detran – MA (3ª Ciretran de Codó), o uso de algumas metáforas em campanhas educativas pretende alcançar a transformação social coletiva a partir de ações individuais para a construção de um trânsito seguro, conforme se pode observar nas imagens a seguir, veiculadas em campanhas de educação para o trânsito, nas ações do “Maio Amarelo”, campanha idealizada em 2014 pelo Observatório Nacional de Segurança Viária (ONSV, Brasil). A ação é um dos objetivos idealizados pela Organização das Nações Unidas (ONU), no projeto “Década de Ação para a Segurança no Trânsito” e está em execução no Brasil desde 2014. A campanha nacional de 2021 teve como tema “No trânsito, sua responsabilidade salva vidas”. O Conselho Nacional de Trânsito – Contran – elabora o tema central das campanhas e deixa livres os estados e municípios para executarem as adaptações às suas realidades. O exemplo a seguir é de iniciativa da Prefeitura Municipal de Pacajus – CE.

Figura 3 – Campanha Maio Amarelo (2021)



Fonte: PACAJUS (2021)

Na imagem acima, a campanha utilizou a metáfora para tornar uma regra complexa em uma mensagem de fácil compreensão. A mensagem “USAR O CAPACETE SALVA VIDAS” poderia ter sido escrita com detalhes técnico-científicos descrevendo os danos causados pelo impacto de uma queda, que pode, inclusive, causar morte. Observe-se que a frase não menciona “morte” de forma direta. Entretanto, a fim de orientar comportamentos e boas práticas no trânsito, o contraste intencional explícito pela palavra “vida” amplia as possibilidades de aderência dos cidadãos, em virtude do tom positivo da mensagem veiculada. A maneira como a comunicação foi construída na campanha confere ao capacete o status de “protetor”, “guardião”, “salvador”, o que permite estruturar as metáforas conceptuais: “CAPACETE É SALVADOR”, “CAPACETE É PROTEÇÃO”; “CAPACETE É VIDA”, “EQUIPAMENTOS DE SEGURANÇA SÃO SALVADORES”.

Nesse sentido, a campanha “Usar o capacete salva vidas” confirma a intencionalidade que se pretende alcançar com o discurso institucional, como postulado por Cezar (2019) quando explica que uma das finalidades da comunicação institucional é auxiliar os cidadãos na adoção de hábitos, práticas e mudanças de comportamento. Com isso, fica evidente que o objetivo final não é que o usuário saiba da existência do cinto e/ou do capacete. A intenção institucional é a de que o cidadão assimile essa ação educativa e adote o hábito de utilizar esse equipamento de segurança.

Em consonância, a campanha do ano de 2022, a qual teve como tema “Juntos salvamos vidas”, evocava a importância do uso do cinto de segurança para preservar a vida. Mais que fazer referência ao equipamento de segurança, a campanha intencionou chamar a sociedade à responsabilidade e cooperação no trânsito, com vistas a convencer o cidadão a ser um agente ativo para um trânsito seguro e não apenas um receptor passivo das regras.

Figura 4 – Campanha Maio Amarelo (2022).



Fonte: Porto Seguro, 2022.

No texto multimodal acima, as frases “Juntos salvamos vidas” e “O cinto de segurança salva vidas” formam uma estratégia comunicativa com forte poder persuasivo. Em “Juntos salvamos vidas”, a palavra “juntos”, aliada à imagem do cinto sendo colocado pelo condutor reforça esse cuidado como uma obrigação colaborativa que envolve: o órgão de trânsito (Detran), o condutor (e os passageiros), o cinto (personificado como protetor, salvador) e a sociedade. Todos os elementos citados caracterizam-se como “agentes ativos” na responsabilidade de salvar vidas.

As metáforas conceituais identificadas com referência ao ato de usar o cinto de segurança são: “CINTO É SALVADOR”; “CINTO É SEGURANÇA”, “CINTO É GUARDIÃO”, “CINTO É PROTETOR”. Essa construção opera conferindo atribuições de responsabilidade e de poder. Ao estruturar a sentença com a afirmação “O cinto de segurança salva vidas”, personificando o cinto como herói, salvador, protetor, guardião, a comunicação institucional elaborada pelos órgãos de trânsito tenta desconstruir no cidadão a imagem de que o cinto e outros equipamentos de segurança são objetos incômodos ou desnecessários. Ela é um convite à participação individual e coletiva na segurança viária. A teoria da metáfora conceitual explica a personificação como um mecanismo que “nos permite dar sentido aos fenômenos do mundo em termos humanos” (Lakoff; Johnson, 1980, p. 34). Esse processo não é uma simples estratégia retórica para a linguagem publicitária, como no texto da imagem acima. Isso

reflete como os interlocutores estruturam cognitivamente experiências complexas a partir de domínios-fonte familiares, especialmente a corporalidade e as interações sociais primárias, como as experiências de cuidado, de troca emocional, de ações corporais no espaço (como cair, levantar) e de comunicação básica. A partir de então, pela personificação é possível estruturar o pensamento mapeando atributos, intenções e emoções humanas (domínio-fonte) sobre entidades não humanas ou conceitos abstratos (domínio-alvo).

Nas situações comunicativas supracitadas, as metáforas conceptuais revelaram-se como importantes instrumentos para a inclusão comunicativa e a construção de sentidos. Elas possibilitam uma compreensão mais simplificada a respeito de situações técnicas e leis mais complexas. Todavia, como qualquer outra ferramenta, o uso intencional ou não de metáforas conceptuais pode representar uma barreira em outros contextos, especialmente entre instituições e seu público. É sobre isso que vai tratar a próxima subseção.

3.2 As metáforas e as barreiras comunicativas

A metáfora, na concepção de Cameron (2003) não é apenas um elemento de adorno linguístico superficial. A autora a define como “um fenômeno dos processos do pensamento humano” (Cameron, 2003, p. 17). Com esse entendimento, fica evidente que as metáforas não são apenas maneiras bonitas ou criativas de falar, mas se estruturam como blocos de construção de pensamentos, de formação de conceitos e de compreensão do mundo. Não são apenas elementos para explicar conceitos, as metáforas estruturam os próprios conceitos.

Nessa perspectiva, entende-se que as metáforas utilizadas no discurso do Detran – MA não são ornamentos que embelezam o discurso. Elas moldam percepções sobre a realidade social e sobre a compreensão na interação de servidores e usuários. As metáforas, ainda que não intencionais ou não deliberadas, influenciam como os serviços são percebidos, como as ações educativas podem ou não ser entendidas, como a interação ocorre e quais as possibilidades de (re)construção de sentidos decorrentes.

Em Cameron (2003), a abordagem da Metáfora Sistemática no discurso educacional é concebida a partir da perspectiva sociocultural, tendo em vista que o que a autora chama de sistematicidade são os padrões recorrentes de uso metafórico

da linguagem dentro de determinados contextos. A obra *Metaphor in Educational Discourse* apresentou as metáforas inseridas em práticas sociais em espaços escolares. Por se tratar de metáforas observadas em contexto educativo, a saber a sala de aula, o presente estudo dialoga com a metáfora conceitual situada de forma sistemática em contexto específico das interações do Detran – MA, pois buscou analisar padrões recorrentes de uso da linguagem metafórica dentro dessa comunidade. Isso se justifica em virtude de a análise dos dados se dar a partir de ações educativas do Detran - MA.

As metáforas conceituais tanto podem ser instrumento de acessibilidade linguística quanto de distanciamento. Elas podem tanto incluir quanto excluir, podem facilitar ou dificultar a comunicação. Dentro das instituições corre-se o risco, por exemplo, de o vocabulário técnico tornar-se um conjunto de metáforas conceituais e fazer com que a linguagem interna seja utilizada em contato com o público que desconhece os termos. A este respeito, Cameron (2003) explicita que

A metáfora tem sido investigada não apenas como uso monológico da linguagem, mas também em seu uso na interação social entre falantes. Quando observamos como a metáfora funciona "nos espaços entre" as pessoas e como ela às vezes falha, temos um quadro muito mais rico dos fenômenos discursivos impulsionados pelo objetivo de reduzir a alteridade e gerenciar o risco comunicativo (Cameron, 2003, p. 267, tradução nossa).

Na visão da autora, a proposta de estudo da metáfora deve ir além do discurso apenas cognitivo e monológico (individual). Deve, sobretudo, ser estruturado em uma perspectiva dialógica, contextual e interativa, de modo a transitar no fluxo da conversa e na negociação coconstruída dos significados. Para Cameron (2003), a metáfora tem um aspecto relacional, por meio do qual os interlocutores alinham sentidos. Ela também pode ser utilizada para gerenciar o risco comunicativo, isto é, minimizar mal-entendidos ou conflitos decorrentes dos ruídos de comunicação. A pesquisadora pontua ainda que “as metáforas às vezes falham”. Com isso, fica evidente que a incompreensão ou a rejeição das metáforas no processo comunicativo pode ser uma barreira na interação social. Isso significa afirmar que, no contexto específico das relações do Detran – MA com seu público, metáforas mal escolhidas, como é o caso da metáfora “a informação chega até o público-alvo”, onde o “PÚBLICO É RECIPIENTE”, podem ampliar a distância entre os universos cognitivos dos falantes e aumentar o risco comunicativo. De outra forma, a escolha de metáforas conceituais

colaborativas pode gerar nos ouvintes a sensação de acolhimento, proximidade, alinhamento e compreensão, como seria reconstrução da metáfora, reformulando-a para “PÚBLICO É PARCEIRO”.

Cameron (2003) declara que a alteridade do discurso criada pela metáfora pode, às vezes, ser grande demais para ser atravessada. A autora refere-se ao distanciamento cognitivo e experiencial que é gerado entre o repertório linguístico do emissor e a capacidade de interpretação do ouvinte. Esse distanciamento pode ser maximizado quando a metáfora se organiza em torno de um domínio-fonte de linguagem técnica, culturalmente específico ou alheio à realidade do público. Se essa lacuna é tão grande assim para ser atravessada, a metáfora falha na função de facilitar a compreensão. Dessa forma, ela transforma-se em uma barreira comunicativa.

Na perspectiva da autora, as metáforas podem falhar por razões como: falta de repertório compartilhado, desconsideração das experiências, reforço de desigualdades. Para fins de exemplificação, em um dos materiais de análise desta pesquisa, a saber no vídeo 02, em um fragmento da entrevista concedida por um servidor do Detran – MA, observou-se o seguinte discurso: “A informação chega até o público-alvo”. As metáforas conceptuais possíveis identificadas no trecho são: “COMUNICAÇÃO É TRANSPORTE”; “INFORMAÇÃO É CARGA”; “PÚBLICO É DESTINO”; “PÚBLICO É RECIPIENTE”, conforme apresenta a figura a seguir:

Figura 5 – Metáfora como barreira comunicativa.



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

As metáforas identificadas no exemplo da figura acima podem gerar a alteridade a que Cameron (2003) se referiu pelo fato de sugerirem uma relação unilateral e hierárquica entre a instituição que promove a ação educativa (o Detran – MA) e o cidadão. A instituição é percebida como um órgão ativo, o transportador, o que “leva” a carga e os cidadãos são percebidos como sujeitos passivos (destino, recipientes ou contêineres) nos quais a informação é armazenada, estocada, depositada. Como problema na construção de sentidos, percebe-se que as estruturas conceptuais mapeadas ignoram o papel ativo do público, sua capacidade crítico-reflexiva e também seus saberes prévios. A barreira comunicativa, neste caso se dá pela reprodução ou manutenção das relações de poder, sem corresponsabilidade do cidadão com o Estado, bem como na desumanização do interlocutor, reduzido a destino, recipiente, contêiner. Nessa interação discursiva monopolizada, apenas o órgão comunica e o cidadão é silenciado. Nesse sentido, a alteridade viola princípios de diálogo de participação dos indivíduos, garantidos pela Lei de Acesso à Informação – LAI n.º 12.527/2011, que assegura, no serviço público, a transparência e a linguagem acessível como direitos. Como possibilidades de desconstrução dessas barreiras com o uso de metáforas conceptuais na comunicação pública, poder-se-iam adotar estruturas metafóricas relacionais ou dialógicas tais como: “COMUNICAÇÃO É DIÁLOGO”, “PÚBLICO É PARCEIRO”, as quais poderiam ser expressas em “Detran dialoga com a população sobre trânsito seguro”.

No atendimento público no Detran - MA, é bem comum o uso de siglas que foram consolidadas no discurso dos servidores e que se tornaram linguagem técnica padrão interna da instituição. Exemplificam-se as siglas CRLV, Renavam, CNH, CTB, IPVA, as quais, embora de uso corrente por parte dos membros da organização pública, são desconhecidas para a grande maioria do público atendido. É nesse contexto que a adequação linguística se faz necessária, no sentido de uma “tradução” para uma linguagem mais acessível ao cidadão. Tome-se como exemplo a seguinte construção: “Por causa das infrações, o condutor terá que passar por reciclagem da CNH⁵”. Nesse aspecto, por “reciclagem” entende-se a necessidade de o condutor fazer novamente os cursos de atualização sobre a legislação de trânsito. Nessa concepção, podem-se perceber as metáforas conceptuais “ESTUDAR É RECICLAGEM” e “INFRAÇÃO É LIXO”. No primeiro caso, compreende-se o estudo

⁵ Obrigatória para motoristas em situação de carteira de habilitação suspensa devido a infrações.

como um processo de transformação; no segundo, que o comportamento inadequado do condutor (infração) é um lixo, algo que precisa passar pela “reciclagem” para ser transformado em algo novo, reeducado. Embora para os servidores do órgão a palavra “reciclagem” seja comum, no contexto específico do atendimento no Detran, para os demais usuários pode soar como um termo completamente desconhecido. Tal cenário evidencia a urgência de tornar a comunicação institucional mais acessível e amplamente compreendida pelos cidadãos.

A partir do exposto, ratifica-se a necessidade de adequação da linguagem técnica para uma linguagem mais acessível ao público diversificado que procura os serviços do Detran, na 3ª Ciretran de Codó – MA. Isso é importante para que as informações sobre os serviços, direitos e deveres sejam compreendidas de maneira clara por todas as pessoas, independentemente de sua escolaridade ou condição socioeconômica. Além disso, tornar a informação acessível trata-se de uma iniciativa de urgência e justiça social, uma obrigação ética, de respeito ao público atendido no órgão e que pode aproximar o cidadão das instituições, com vistas à redução de conflitos, à resolução de problemas e à satisfação do usuário.

No contexto brasileiro, Bortoni-Ricardo (2014, p. 73), em sua obra, afirma haver, já no século XIX, instituições “promotoras da padronização linguística” - escolas, igrejas, fóruns, cartórios, dentre outras - pois o português padrão representava a minoria linguística desde o Brasil Colonial até então. Apesar disso, Bortoni-Ricardo (2005), quando trata da diversidade linguística, relaciona-a às desigualdades sociais e concebe a variação com o elemento constituinte do processo identitário, de relações de poder. Outros estudos variacionistas encontram-se teorizados em Bortoni-Ricardo (2014), no “Manual de Sociolinguística”. Mais recentemente (2022), a pesquisadora utiliza a Teoria da Acomodação para explicar que a língua é utilizada como instrumento de construção de identidade pessoal, na medida em que as pessoas tendem a acomodar-se a seus interlocutores, utilizando-os como “modelos de referência”.

Ainda nesse sentido, para Bortoni-Ricardo (2005, p. 82) os ruídos de comunicação entre falantes de variedades distintas do português se devem, especialmente, à “compreensão dos itens lexicais”. Ela acrescenta que, se a interação se dá “face a face”, o problema pode ser resolvido com o uso de sinônimos, paráfrases ou outros recursos. Para Caballero (2006), em geral, o sentido de uma determinada palavra resulta da maneira como ela se relaciona com outras palavras no sistema

linguístico como um todo e em um determinado contexto. Por essa razão, é fundamental considerar as metáforas conceptuais também inseridas em situações comunicativas específicas. Relacionando-se esse contexto ao atendimento no serviço público, de interação direta, a adequação da linguagem assemelha-se ao proposto por Bortoni-Ricardo (2005). Entretanto, segundo a autora, isso não ocorre ao decodificar a escrita ou os meios de comunicação, pois nessas modalidades “o leitor ou espectador não se pode valer de outros recursos senão sua competência no código empregado e na cultura que esse código expressa” (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 82).

No tocante à comunicação das informações no serviço público, Cezar (2019) reforça que se trata de uma estratégia que possibilita tanto o desenvolvimento, quanto o aperfeiçoamento das organizações públicas, de maneira que pode estimular a participação social. Na concepção do autor:

Se os cidadãos não são convidados a participarem da vida pública, se não conhecem seus direitos e deveres e se não sabem o que os gestores públicos estão desenvolvendo para atender suas demandas, é por meio das esferas de comunicação pública que esses hiatos podem ser diminuídos (Cezar, 2019, p. 21).

O autor esclarece ainda que é necessário que as instituições públicas, em sua comunicação com a sociedade, ultrapassem “as barreiras de simplesmente comunicar ao cidadão sobre o que vem sendo desenvolvido pelo Estado e buscar mecanismos que o tornem mais atuante nos debates públicos” (Cezar, 2019, p. 61). Dessa forma, o autor sugere a urgência de uma mudança de paradigma na comunicação institucional, de forma a minimizar a verticalidade e unilateralidade dos serviços e discursos produzidos. Mainieri e Ribeiro (2011) acrescentam sobre a comunicação pública que “não basta apenas a divulgação das informações das instituições públicas, fazendo-se necessário propiciar uma troca, um debate em torno de assuntos de interesse e relevância pública, entre governo e sociedade” (Mainieri; Ribeiro, 2011, p. 53). Nesse sentido, não se trata apenas que o Estado informe sobre suas ações, mas, sobretudo, de criar mecanismos que fomentem a participação ativa dos cidadãos, pela promoção do debate público, pela escuta, por estratégias de criação de políticas públicas de comunicação cidadã.

Convém ratificar que, no serviço público, a qualidade tem como um parâmetro a satisfação do cidadão. E, nesse contexto, a clareza de informações pode contribuir.

A (boa) comunicação se faz fundamental nesse processo, na medida em que ela possibilita incluir os cidadãos no funcionamento da máquina pública e promover a transparência na publicidade do serviço público. A comunicação eficaz nas instituições é uma proposta que pode aproximar o cidadão da organização pública, gerando um vínculo de representatividade/identidade. Diante disso, é fundamental que o atendimento se dê também por uma comunicação eficiente para que haja uma satisfação do cidadão com o serviço oferecido.

Nessa mesma linha de raciocínio, Zémor (2009) enfatiza que a comunicação que se dá no serviço público deve estar embasada nas relações que se constroem nesse espaço. O autor explica que

é a relação com o outro, com o receptor da mensagem, que condiciona o bom encaminhamento do conteúdo. Ela é revestida de tolerância, de compreensão da estranheza[...]. A comunicação é revestida também de gentileza, essa característica considerada como fraqueza, mas que nos coloca no caminho da empatia, do elo social. As atitudes de solidariedade, de fraternidade [...] são certamente, com a responsabilidade, as melhores chaves de resolução da complexidade que nos violenta (Zémor, 2009, p. 193).

Com isso, a qualidade da relação com o outro no serviço público é caminho para o sucesso da comunicação nas instituições, com vistas à minimização das barreiras. O uso de algumas metáforas conceptuais que colocam o indivíduo como objeto passivo que recebe informações, sem refletir criticamente sobre elas, vão de encontro à proposta relacional e afetiva defendida por Zémor (2009).

No estudo de Heringer, Duarte e Sena (2023), Bueno (2023) aponta para o atual estado da comunicação pública no Brasil: a consolidação para um novo perfil de comunicação organizacional, de modo a instaurar uma comunicação acessível, inclusiva, alinhada aos direitos humanos, à diversidade social e à governança. Para os autores, é importante que essa comunicação seja a mais clara possível, especialmente em cenários permeados por notícias falsas, as quais, de forma direta ou indireta, comprometem a relação dos cidadãos com o serviço público e afetam a imagem e a reputação do setor.

3.3 Uso de metáforas x clareza da linguagem

Pontua-se, ademais, que a análise das metáforas conceptuais e da variação

linguística nas interações comunicativas do Detran - MA revela como a linguagem pode ser tanto uma ferramenta de inclusão quanto um obstáculo para o acesso a serviços públicos. Considerar a variação linguística e investir em estratégias comunicativas mais acessíveis são medidas necessárias para garantir interações eficientes e equilibradas. Dessa forma, o órgão pode fortalecer sua relação com a população, promovendo maior transparência e confiança nos serviços prestados.

De igual forma, a 3ª Ciretran – Codó – MA presta serviços a indivíduos inseridos em diversos grupos sociais, os quais têm níveis diferentes de familiaridade com a linguagem técnica (linguagem especializada), por razões culturais, socioeconômicas ou educacionais. Assim, a adequação linguística e sua simplificação permitem que o serviço público: se comunique com seus usuários de forma mais inclusiva (linguisticamente falando); assegure que as informações estejam ao alcance de todos os grupos sociais, independente da formação educacional dos indivíduos; diminua as “barreiras linguísticas” com o uso da linguagem simples; garanta a equidade, acesso aos serviços e plena participação cidadã na sociedade.

Reznikova, Kosareva e Dyshekova (2021) analisaram a importância da adaptação da linguagem jurídica no âmbito do russo, apontando que muitas terminologias complicam significativamente a percepção da lei pelos cidadãos. As autoras pontuam: “a maior parte das leis russas modernas são elaboradas de tal forma que a sua percepção e interpretação são significativamente difíceis para os cidadãos que não possuem conhecimentos jurídicos especiais”. (Reznikova; Kosareva; Dyshekova, 2021, p. 3). Segundo elas, a erudição não melhora a cultura jurídica, mas gera temor da lei nos cidadãos, porque, para que eles compreendam ou expliquem essa lei recorrem à internet ou buscam assistência especializada (advogados, geralmente com ônus), algo indisponível para a maioria, uma vez que nem todos conseguem o direito a obter a assistência jurídica gratuita (Reznikova; Kosareva; Dyshekova, 2021, p. 3, tradução nossa).

Outros estudos, em contexto brasileiro, podem ser mencionados a respeito da variação e adequação linguística no serviço público, tais como os de: Mendonça (1985, 1987), ao discorrer sobre a desburocratização linguística de textos institucionais; Pires (2018, 2021), Borges e Bezerra (2021), os quais orientam os estudos sobre o uso da “linguagem simples” nas comunicações governamentais; Silva, Luquetti e Amaral (2019), que tratam da diversidade e do preconceito linguístico enraizado na sociedade; Vida (2015), em que se discute a adequação linguística como

elemento essencial a diversas práticas sociais; Finatto e Paraguassu (2022) que esclarecem o conceito de “Acessibilidade Textual e Terminológica” (ATT).

Para além dos referenciais supracitados, ancoram o estudo alguns dispositivos legais, como: Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (Unesco, 1996), que reconhece e busca a proteção da diversidade linguística; a Lei n.º 13.460/2017 (Brasil, 2017) - Lei de Proteção e Defesa do Usuário de Serviços Públicos - a qual estabelece como norma a clareza e simplicidade na comunicação com os usuários, em linguagem de fácil compreensão, sem o uso de termos técnicos/jargões que possam dificultar o entendimento do usuário.

Além disso, Bortoni (2003) discute a desigualdade linguística e retoma o conceito de “pedagogia culturalmente sensível”, uma proposta pedagógica, de esforço da escola a fim de reduzir as dificuldades de comunicação entre professores e alunos. Isso gera confiança, previne conflitos e mal-entendidos, evita “o confronto amargo na troca de identidades entre alunos e professores” (Erickson, 1987 *apud* Bortoni-Ricardo, 2003, p. 13).

É nesse sentido que se faz pertinente tratar da variação e adequação linguística no serviço público, por meio da utilização da “Linguagem Simples”. É necessário perceber as “atitudes linguísticas” dos falantes, os quais podem nutrir sentimentos de valorização ou desvalorização de sua forma de falar, associando-a a status sociais desprestigiados socialmente (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 42).

No Brasil, o estudo de Mendonça (1985) sobre a desburocratização linguística foi pioneiro. Afirma que o “Programa Nacional de Desburocratização” não contemplou o aspecto linguístico da prosa institucional. A autora analisou, à luz da Linguística Aplicada, os problemas de produção e consumo dos textos institucionais, especialmente no aspecto da adequação linguística. Para ela, a desburocratização linguística é requisito da democracia. Ela explica que os textos escritos são mais eficazes na transmissão de informações a pessoas escolarizadas, “enquanto que a comunicação oral parece ser mais adequada para um público menos escolarizado”, permitindo *feedback* imediato sobre a compreensão da mensagem (Mendonça, 1985, p. 126).

Essa adaptação linguística sobre a qual se tem discorrido até aqui é conhecida com a terminologia “Linguagem Simples”, caracterizada como a prática de comunicar informações de maneira clara e compreensível aos usuários de serviços públicos. Tal iniciativa vem sendo implementada no serviço público federal, especialmente na

modalidade escrita para o meio digital.

Pires (2018, 2021) retrata a influência do burocratês na incompreensibilidade das informações no acesso a serviços públicos. Essa pesquisadora tem desenvolvido estudos sobre a implementação da Linguagem Simples no Brasil. Os estudos de Pires contribuíram para a criação de vários manuais de utilização da linguagem simples no serviço público, no país.

Os direitos linguísticos enquadram-se na mesma perspectiva da garantia dos direitos humanos (Unesco, 1996). Em Calvet (2007) *apud* Freitag e Lima (2010, p. 138), o conceito de política linguística refere-se a um “conjunto de escolhas conscientes referentes às relações entre língua(s) e vida social”. Também a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (DUDL) (Unesco, 1996) aponta em seu texto uma reivindicação brasileira, constante na Declaração do Recife (Brasil, 9 de outubro de 1987), em decorrência do XXII Seminário da Associação Internacional para o Desenvolvimento da Comunicação Intercultural, que recomenda às Nações Unidas “que tomem as medidas necessárias à adoção e aplicação de uma Declaração Universal dos Direitos Linguísticos” (Unesco, 1996, p. 1-2). No cerne da discussão está que as línguas ameaçadas são as da minoria, de comunidades não soberanas e a ameaça caracteriza-se pela “ausência de autogoverno e (a) política de Estados que impõem a sua estrutura político-administrativa e a sua língua”. Dentre as proposições da DUDL (Unesco, 1996), têm-se que:

Artigo 10.º 1. Todas as comunidades linguísticas são **iguais em direito**.
Artigo 10.º 2. Esta Declaração considera **inadmissíveis as discriminações** contra as comunidades linguísticas baseadas em critérios como o seu grau de soberania política, a sua situação **social, econômica ou qualquer outra**, ou o nível de codificação, atualização ou modernização alcançado pelas suas línguas.

Artigo 30.º A língua e a cultura de cada comunidade linguística **devem ser objeto de estudo e de investigação a nível universitário**.

Artigo 38.º Todas as línguas e todas as culturas das comunidades linguísticas devem receber um **tratamento equitativo e não discriminatório** nos conteúdos dos **meios de comunicação** do mundo inteiro. (UNESCO, 1996, p. 7, 10, 11, grifo nosso).

Como o próprio documento informa, as proposições têm o objetivo de corrigir o “desequilíbrio linguístico”, na busca pela “paz linguística planetária justa e equitativa, como fator fundamental da convivência social”, caracterizando esses direitos como individuais e coletivos (Unesco, 1996, p.3). Correlacionando este dispositivo legal com

o presente projeto de pesquisa, fica evidente que os artigos citados têm forte conexão com os objetivos e preocupações centrais desta pesquisa. O artigo 10º, ao mencionar a igualdade de direitos está alinhado com a adequação linguística para a inclusão e respeito à diversidade para garantir a acessibilidade das informações a todas as comunidades, independente de critérios políticos, sociais ou outros.

Devido à falta de literatura que explore a adequação linguística como estratégia para o atendimento humanizado e inclusivo no serviço público, o artigo 30º destaca a urgência de mais estudos/pesquisas linguísticas nessa área, a nível universitário. A presente dissertação, fundamentada no teor linguístico, é respaldada por esse artigo, uma vez que revela a necessidade de maior produção acadêmico-científica sobre a temática. E é exatamente sobre essa necessidade que esta pesquisa trata.

O artigo 38º retoma o princípio de tratamento equitativo e anti-discriminatório do artigo 10º.2. Tem relação com esta pesquisa, pois sugere que é preciso promover práticas linguísticas que garantam o acesso de todos às informações no serviço público. Os artigos respaldam a necessidade de impulsionar a política dos direitos linguísticos no país e proporcionam sustentação teórica ao presente estudo acadêmico, reforçando a importância de iniciativas de comunicação mais abrangentes e respeitosas à diversidade linguística no atendimento público da 3ª Ciretran de Codó – MA.

Heloísa Fischer Pires (2018), em sua publicação intitulada “Clareza em textos de e-gov, uma questão de cidadania”, caracteriza a obra como subsídios do movimento mundial pela linguagem clara para facilitar a compreensão de textos que orientam cidadãos brasileiros em ambientes eletrônicos. A autora posiciona-se em defesa da linguagem simples, como fator de inclusão e eficiência comunicativa nas organizações. A pesquisadora esclarece que

Estudos no campo da linguagem mostram que textos com estrutura sintática complexa, vocabulário pouco familiar e alta carga informacional – entre outras características – podem prejudicar a compreensão mesmo de leitores proficientes. Quanto mais claro um texto informativo, menos dúvidas suscitará e, consequentemente, menor será a demanda por atendimento personalizado (Fischer, 2018, p. 9).

Tal afirmação corrobora o movimento de linguagem simples no serviço público, já que evidencia que a complexidade das informações possa ser uma barreira difícil de transpor, possa comprometer a compreensão. Como consequência, esse

obscurificação pode aumentar a demanda das instituições por um atendimento mais individualizado e até mais demorado, como em uma relação de causa e efeito. Para além de ser uma ferramenta de acessibilidade ao cidadão, a adoção da linguagem simples no serviço público mostra-se como importante estratégia de eficiência administrativa, o que se pode relacionar ao objeto de estudo desta pesquisa no âmbito do Detran – MA.

Alguns marcos regulatórios a respeito da comunicação entre o serviço público e o cidadão têm sido adotados como um conjunto de ações do Governo Federal com foco na administração pública eficiente e que atenda às necessidades do cidadão, a saber:

- Lei n.º 12.527/2011 - regulamenta o direito garantido na Constituição Federal de 1988 de todo cidadão, empresa ou organização de solicitar e obter informações dos órgãos e entidades públicas, estabelecendo a transparência como regra e o sigilo como exceção;
- Decreto n.º 10.609/2021 - o qual trata sobre a Política Nacional de Modernização do Estado e o Fórum Nacional de Modernização do Estado: com o objetivo de simplificar processos e melhorar a qualidade dos serviços públicos;
- Projeto de Lei n.º 6.256/2019 – que cria a Política Nacional de Linguagem Simples, a qual tem o objetivo de evitar a linguagem cheia de formalidades e termos técnicos e de difícil compreensão e busca incentivar uma comunicação clara para facilitar o entendimento pela população;
- Lei Federal n.º 14.129/2021 (Art. 3º, incisos I e VII), em virtude da maior utilização digital no acesso a serviços do governo brasileiro na pandemia de Covid-19, permitiu criar a “Rede Linguagem Simples Brasil”. Antes disso, a Lei n.º 13.460/2017 já determinava a simplificação da linguagem ao cidadão.

As legislações apresentadas convergem no sentido de que a clareza da linguagem, a comunicação em linguagem simples e a desburocratização devem basear a comunicação entre as organizações públicas e os cidadãos. Borges e Bezerra (2021, p. 7) explicam que a simplificação das informações no serviço público deve ser concebida como um “movimento de causa social (...) que vem articulando mundialmente servidores públicos, cidadãos e consumidores em prol do direito de entender informações que orientam seu cotidiano”. Fernandes (2019, p. 81) nomeia a

linguagem simples de “linguagem cidadã, que representa um novo modelo de relação entre a governança e a sociedade civil”. O mesmo autor afirma que a linguagem/discurso utilizada no serviço das instituições é, geralmente, mais “complexa, técnica e, portanto, restringida”, que se afasta da linguagem-discurso do cidadão comum (simples e popular”).

Esta seção tratou sobre o uso das metáforas conceituais na comunicação institucional e como materializam-se nas interações do Detran – MA com a comunidade, a partir das relações entre diversidade linguística e a compreensão dessas metáforas conceituais. Tratou também das metáforas enquanto mecanismos que podem gerar barreiras comunicativas e sobre a necessidade de clareza da linguagem no serviço público. A próxima seção versará sobre a metodologia adotada para a pesquisa, bem com sua abordagem, natureza, seus objetivos e procedimentos. Além disso, será mencionado o corpus de análise e como se deu a seleção dos materiais.

4 METODOLOGIA

Nesta seção, proceder-se-á à descrição do percurso metodológico para esta dissertação, a fim de identificar as metáforas conceituais presentes nos discursos produzidos por servidores e usuários do Detran – MA, através da análise de vídeos públicos, em entrevistas concedidas a veículos de comunicação e hospedados na plataforma de transmissão *YouTube*. A coleta e análise de dados objetivaram identificar as metáforas conceituais presentes em falas espontâneas dos entrevistados.

4.1 Caracterização do tipo de pesquisa: abordagem, natureza, procedimentos e objetivos.

A título de caracterização do tipo de pesquisa, esta investigação utiliza uma abordagem qualitativa, pois se analisou o discurso dos entrevistados, em falas espontâneas, durante entrevistas concedidas a veículos de comunicação, em temáticas relativas ao trânsito. Para Minayo (2001), opta-se por uma pesquisa de abordagem qualitativa sempre que uma dada realidade não puder ser quantificada, tendo em vista a complexidade do universo de significados que responde a questões muito específicas.

Por estar associada a um contexto de investigação específico, a saber as relações que se estabelecem no Departamento Estadual de Trânsito do Maranhão – Detran – MA, a pesquisa possui natureza aplicada. Na concepção de Creswell (2014), a pesquisa aplicada busca resolver problemas concretos ou melhorar processos em contextos específicos, como o é o órgão estadual supracitado.

O estudo foi realizado com procedimentos de pesquisa bibliográfica e documental, porque fundamenta-se em estudos já publicados, e coletaram-se dados junto a um universo digital de amostra que permitiu ao pesquisador obter informações sobre atitudes, comportamentos e características relativos aos discursos produzidos pelos entrevistados, em situações espontâneas de comunicação. A respeito da aplicabilidade da pesquisa documental, o estudo de Figueiredo (2007) *apud* Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009) explica que

Tanto a pesquisa documental como a pesquisa bibliográfica têm o documento como objeto de investigação. No entanto, o conceito de documento ultrapassa a idéia de textos escritos e/ou impressos. O documento como fonte de pesquisa pode ser escrito e não escrito, tais como filmes, **vídeos**, slides, fotografias ou pôsteres. Esses documentos são utilizados como fontes de informações, indicações e esclarecimentos que trazem seu conteúdo para elucidar determinadas questões e servir de prova para outras, de acordo com o interesse do pesquisador (Figueiredo [2007] *apud* Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009, p. 5, grifo meu).

Diante desse esclarecimento, a opção por utilizar vídeos de entrevistas relacionadas ao trânsito constitui-se como importante documento que pode amparar a pesquisa nos resultados que se pretendem evidenciar o uso ou não de metáforas conceituais nos discursos espontâneos produzidos pelos falantes. Ainda a este respeito, Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009) explicam que há semelhanças entre a pesquisa documental e a bibliográfica, ambas, distinguindo-se em virtude da natureza das fontes de informações. Enquanto a bibliográfica investiga as contribuições autores distintos, em fontes secundárias, “a pesquisa documental recorre a materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja, as fontes primárias” (Sá-Silva, Almeida e Guindani, 2009, p. 6).

Quanto aos objetivos, este estudo trata-se de uma pesquisa que é descritiva e exploratória, por descrever a utilização das metáforas conceituais como estratégia argumentativa nas situações formais e informais de utilização das ações educativas promovidas pelo Detran - MA. Conforme Prodanov e Freitas (2013, p. 52), a pesquisa caracteriza-se como descritiva “quando o pesquisador apenas registra e descreve os fatos observados sem interferir neles”. Tal tipo de pesquisa é comum quando os pesquisadores revelam “preocupação com a atuação prática” (Prodanov e Freitas, p. 53). Nessa concepção, a pesquisa descritiva é similar à exploratória, especialmente se ‘exploratórias’ possibilitar “olhar” o problema sob nova perspectiva.

4.2 Dos instrumentos de coleta e análise dos dados

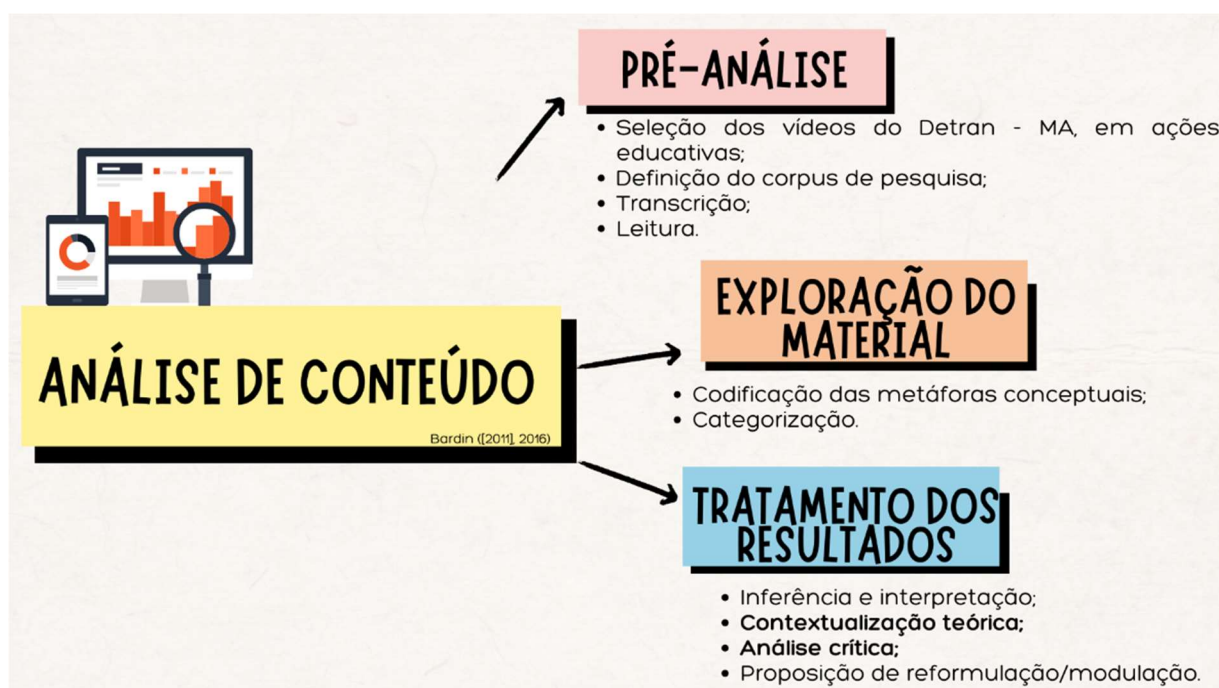
A análise dos dados da pesquisa utilizou como técnica a análise de conteúdo, segundo Bardin (2016), a qual é caracterizada como um conjunto de técnicas sistemáticas e objetivas de descrição do conteúdo em estudo, de modo a possibilitar a interpretação crítica de discursos e textos. Sob esse viés, pode-se afirmar sobre a análise de conteúdo, consoante a autora, que parece haver uma semelhança entre

Linguística e análise de conteúdo. Entretanto, Bardin (2016) apresenta divergências sutis quanto ao objeto de estudo em uma e em outra. Conforme a autora, o objeto da Linguística é a língua, esse aspecto coletivo e virtual da linguagem, “enquanto que o da análise de conteúdo é a fala, isto é, o aspecto individual e atual (em ato) da linguagem” (Bardin, 2016, p. 49).

Por essa razão, entende-se que pelo fato de a presente pesquisa analisar falas espontâneas nos discursos de entrevistas concedidas em ações educativas do Detran – MA, por servidores e usuários do trânsito, este estudo alinha-se ao método de análise proposto pela pesquisadora Laurence Bardin (2016). Com isso, ratifica-se a pertinência dessa conceituação, já que a pesquisa objetivou identificar padrões e identificar significados do material de fala coletado pelo pesquisador.

Das etapas referentes à análise de conteúdo, seguiu-se o proposto por Bardin (2016), constituindo-se a pesquisa das etapas abaixo descritas:

Figura 6 – Etapas da técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2016).



Fonte: Elaborada pelo autor (2025).

Conforme descrito na figura acima, as etapas referentes à análise de conteúdo para a presente pesquisa consistiram em fases específicas de:

1. **Pré-análise:** fases de **organização e preparação**, bem como a definição do *corpus* documental, mediante a **seleção/coleta** de vídeos institucionais do Detran – MA no

YouTube; **transcrição** do material com vistas à leitura para identificação de padrões metafórico-conceptuais recorrentes, em conformidade com os objetivos e problemática definidos para a pesquisa, a saber: analisar como as metáforas conceptuais (des)humanizam as interações;

2. **Exploração do material de análise:** etapa que contempla a codificação sistemática do conteúdo, a identificação de unidades de registro, com destaque para trechos significativos, relacionados ao objeto de estudo, classificação/agrupamento das metáforas por domínios-fonte e domínios-alvo; categorização, a partir das teorias propostas; definição das unidades de contexto para a interpretação (identificação dos trechos com metáforas conceptuais, estruturação das metáforas identificadas);
3. **Tratamento dos resultados e análise crítica:** realizado a partir das inferências, das interpretações dos efeitos discursivos, bem como a proposição de modulação/reformulação do discurso das metáforas passivizantes e unilaterais para as metáforas conceptuais do campo do diálogo, da construção, da colaboração e do cuidado; da interpretação qualitativa, da contextualização teórica do material e da análise crítica dos significados.

O presente estudo se deu a partir da coleta de 02 vídeos de domínio público, hospedados na plataforma de transmissão *YouTube*. Os vídeos foram selecionados com a finalidade de compor o *corpus* desta pesquisa, com os métodos realizados para a coleta dos dados e o procedimento para análise dos dados. Como critérios de inclusão, buscou-se selecionar vídeos que apresentassem discursos espontâneos, com servidores e usuários, em situações reais de comunicação, em entrevistas concedidas a veículos de comunicação, em temáticas relacionadas ao trânsito.

O processo de análise deu-se, inicialmente, por meio das transcrições dos discursos presentes nos vídeos selecionados, com o intuito de identificar e mapear a presença de metáforas conceptuais produzidas pelos falantes. A fase da coleta de dados ocorreu por meio de observações e transcrições retiradas de vídeos disponíveis na plataforma *YouTube.com*, em situações de palestras, entrevistas concedidas por servidores e realizadas junto ao público, para análise dos resultados. O percurso metodológico adotado encontra-se descrito na figura a seguir:

Figura 7: Descrição do percurso metodológico da pesquisa.



Fonte: Elaborada pelo autor (2025).

O levantamento tem por finalidade demonstrar como as pessoas fazem correspondências linguísticas de forma sistematizada e como essas correspondências trazem entendimento à informação adquirida. Cada etapa do percurso metodológico buscou garantir o rigor característico da pesquisa acadêmica e sintetiza a trajetória da pesquisa, desde a fase das leituras à etapa da defesa final da dissertação.

4.3 Do *corpus* da pesquisa e da dispensa de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

Diante da caracterização da pesquisa em seus procedimentos enquanto pesquisa documental, reitera-se que o presente estudo está isento de submissão e avaliação por qualquer Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), em conformidade com o disposto na Resolução n.º 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde (CNS) (Brasil, 2016). O referido documento assegura, em seu Art. 1º, parágrafo único, incisos II e III, que:

Parágrafo único. **Não serão registradas** nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP:

- II – **pesquisa que utilize informações de acesso público**, nos termos da Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011;
- III – pesquisa que utilize informações de domínio público (Brasil, 2016, p. 1-2, grifo meu).

Mais recente, a Resolução n.º 674, de 06 de maio de 2022 (Brasil, 2022) igualmente reitera a desnecessidade de submissão de pesquisa documental, que utiliza informações de livre acesso como *corpus* de análise.

DAS PESQUISAS DISPENSADAS DE REGISTRO NA PLATAFORMA BRASIL

- Art. 26 – São dispensadas de apreciação, pelo Sistema CEP/Conep, as pesquisas que se enquadrem exclusivamente nas seguintes situações:
- (...) II - Pesquisa que utilize informações de acesso público, nos termos da Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011;
 - III - Pesquisa que utilize informações de domínio público (Brasil, 2022, n.p.).

O artigo 2º, incisos XII e XIII, da Resolução n.º 674, de 6 de maio de 2022, a qual dispõe sobre a tipificação da pesquisa e a tramitação dos protocolos de pesquisa no sistema CEP/Conep, apresenta as seguintes definições para o que se configura como “informações de acesso público” e “informações de domínio público”, a saber:

XII - Informações de acesso público: dados que podem ser utilizados na produção de pesquisa e na transmissão de conhecimento e **que se encontram disponíveis, sem restrição ao acesso dos pesquisadores e dos cidadãos em geral**, não estando sujeitos a limitações relacionadas à privacidade, à segurança ou ao controle de acesso. Essas informações podem estar processadas, ou não, e **contidas em qualquer meio, suporte e formato, produzido ou gerido por órgãos públicos ou privados**;

XIII - Informações de domínio público: dados, documentos ou obras que **não são protegidos por direitos autorais** (Brasil, 2022, n.p., grifos meus).

Desse modo, esta pesquisa enquadra-se na disposição normativa mencionada, uma vez que utiliza como *corpus* materiais audiovisuais disponíveis publicamente na plataforma *YouTube*. Em virtude de analisar documentos (vídeos), disponibilizados publicamente e sem restrições de acesso, caracteriza-se a pesquisa como uma pesquisa documental, o que, pelas mesmas razões já apresentadas, também dispensa avaliação pelo CEP. Nesse sentido, por analisar as entrevistas e/ou depoimentos gravados durante ações educativas do Detran – MA, tais evidências caracterizam-se como documentos públicos, de acesso irrestrito. É sob

esse mesmo viés que a Resolução n.º 510/2016 e a sua atualização, a Resolução n.º 674, de 6 de maio de 2022 definem como documento público qualquer um que não necessite de acesso/autorização especial para ser obtido.

Diante do exposto, ratifica-se que este estudo está dispensado de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa por se tratar de pesquisa documental e teórica que utiliza exclusivamente fontes secundárias de coleta de dados, disponibilizadas em domínio público, em consonância com o que está disposto nas Resoluções do CNS n.º 510/2016 e 674/2022. A presente investigação fundamenta-se na interpretação e análise dos dados de vídeos disponíveis de forma aberta no *YouTube*, em relação à temática de ações educativas do Detran – MA, com registro de ações educativas.

Portanto, ao analisar vídeos da plataforma *YouTube* sobre os discursos produzidos em ações educativas do Detran – MA, com a finalidade de identificar a presença de metáforas conceituais, entende-se que tal material audiovisual se configura como documento público ou particular já disponível de forma irrestrita e que não foi criado com finalidades específicas de pesquisa.

5 RESULTADO E DISCUSSÃO

Esta seção tem a finalidade de apresentar e discutir os resultados encontrados na análise das metáforas conceptuais presentes no discurso de entrevistados em ações educativas do Departamento Estadual de Trânsito do Maranhão – Detran - MA. A análise se deu a partir do exame documental de dois vídeos públicos, disponíveis na plataforma de transmissão *YouTube*.

A discussão aqui realizada está fundamentada, majoritariamente, na Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), originalmente proposta por Lakoff e Johnson (1980) e, posteriormente ampliada por Steen (2011). A análise e discussão parte do pressuposto teórico de que as metáforas presentes nos discursos representam mais que ornamentos linguísticos – conforme já havia sido postulado por Lakoff e Johnson (1980) –, são, sobretudo, formas de construção do pensamento, intimamente associadas a contextos específicos de comunicação. Nesse sentido, os achados corroboram a TMC, na medida em que se verificou que as metáforas presentes revelam a forma como os entrevistados percebem, compreendem e organizam o pensamento, a partir das experiências, para materializar o discurso.

A partir da transcrição integral das falas presentes nos vídeos, procedeu-se à identificação de expressões metafóricas espontâneas. Notou-se que, mesmo sem ter conhecimento do conceito e da teoria das metáforas conceptuais, os cidadãos fazem uso delas, ratificando a teoria de Reijnierse (2017) sobre a “metáfora não deliberada”, a qual, embora seja metáfora, não é assim percebida pelos falantes, uma vez que é espontânea na fala/escrita cotidianas, sendo, muitas vezes, usada de maneira mais informal, automática, inconsciente. Nesse caso, o uso da metáfora pode ocorrer de forma intuitiva, sem um planejamento específico que tenha sido elaborado para criar um efeito poético ou reflexivo.

A análise dos dados também corrobora Lakoff e Johnson (1980), quando os pesquisadores explicaram que a metáfora conceptual está tão profundamente ligada ao pensamento e à linguagem cotidiana que, muitas vezes, o indivíduo nem nota sua presença, apesar de utilizar cotidianamente as metáforas para entender conceitos abstratos. Dentre as metáforas conceptuais encontradas nos vídeos, podem-se citar: “TRÂNSITO É VIDA”; “TRÂNSITO É MORTE”; “ACIDENTE É DOENÇA”; “DETRAN É AGENTE”; “PÚBLICO É RECIPIENTE”. Nesse sentido, verificou-se que o cidadão comum, sem conhecimento teórico prévio sobre as metáforas conceptuais, faz uso

desse recurso de forma espontânea, como revelam as metáforas conceptuais identificadas nas transcrições a seguir.

A metodologia de análise estruturou-se nas seguintes etapas: 1. Seleção e transcrição dos vídeos; 2. Identificação das metáforas presentes nas entrevistas; 3. Categorização do tipo de metáfora (estrutural, orientacional, ontológica – segundo Lakoff e Johnson, 1980); do domínio-fonte (concreto) e domínio-alvo (abstrato); 4. Interpretação dos efeitos discursivos e modulação/reformulação das metáforas; 5. Discussão dos resultados encontrados.

5.1 Transcrição dos materiais de análise

Esta subseção apresenta a transcrição integral do conteúdo de dois vídeos que constituem o material de análise deste trabalho. Ambos os materiais estão disponíveis publicamente na plataforma de transmissão *YouTube*. O conteúdo dos vídeos pode ser acessado sem necessidade de autorização prévia e não requer acesso especial. Tal contexto caracteriza o material como sendo de “domínio público”.

Desse modo, o material de análise desta pesquisa dispensa submissão e avaliação ao Comitê de Ética em Pesquisa. O estudo configura-se como pesquisa documental e teórica, por utilizar fontes secundárias de coleta de dados, disponibilizadas em domínio público, em consonância com o que está disposto nas Resoluções do CNS n.º 510/2016 e 674/2022 (Brasil, 2016, 2022) e aos critérios éticos para pesquisas no país.

Quadro 1: Transcrição dos materiais de análise: vídeo 01 e 02.

Transcrição do vídeo 01: “Detran MA realiza ação educativa do projeto ‘Detran Vai à Escola’”, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NDQkZxgmYs <i>O governo do Maranhão através do Departamento Estadual de Trânsito realizou mais uma ação do projeto Detran vai à escola e olha só como a meninada está aprendendo:</i> CRIANÇA: - <i>Eu tô aprendendo a segurar a mão da mamãe para ir atravessar a rua.</i> <i>O objetivo do projeto é utilizar espaços para multiplicar os conhecimentos sobre segurança no trânsito e incentivar a adoção de um comportamento mais responsável.</i> MULHER: - <i>Explicando e sensibilizando as crianças e as famílias a importância de entender e cumprir aquilo né, que a lei de trânsito nos permite.</i> <i>E é através de apresentações lúdicas e palestras educativas que a informação chega até o público alvo.</i> HOMEM: - <i>Aonde trabalhamos com criança no caso esse projeto é o Detran vai à escola onde trabalhamos a parte lúdica que essa criança ela vai desenvolver práticas educativas, aonde ela vai levar para casa.</i>
Transcrição do vídeo 02: “Detran - MA promove ação do projeto ‘Condutor do amanhã’”, em escola de São Luís, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xqVRsmx26ow <i>A responsabilidade da construção de um trânsito seguro começa desde cedo, por isso uma iniciativa do Departamento Estadual de Trânsito do Maranhão tem chamado a atenção de estudantes em São Luís:</i> ALUNA 01: - <i>Importante até porque também não cometer outros erros que o rapaz estava até mostrando em vídeo, então achei bem necessário não só para mim, mas como para todos os alunos também.</i> ALUNA 02: - <i>Achei muito necessário, principalmente agora, que estamos começando a nossa caminhada, depois da escola. Acho muito essencial ainda mais que agora que somos jovens já vai prevenir para muitas coisas no futuro.</i> ALUNO 03: - <i>Eu acho muito importante porque muitos alunos aqui vão querer tirar a carteira e já é um aprendizado para eles fazerem certo quando for futuro, futuramente tirar a carteira deles.</i> <i>São palestras educativas com intuito de informar e conscientizar os alunos sobre atitudes seguras no trânsito, visando reduzir acidentes e salvar vidas.</i> MULHER: - <i>Esse projeto ele é chamado “condutor do amanhã” onde o nosso público é... primordial, são os adolescentes, né? os alunos do ensino médio onde a gente busca a conscientização deles, o papel deles no trânsito, né? Para que o trânsito também seja seguro para eles. Então a gente utiliza o teatro e utiliza também o projeto Humanizar, né? onde a gente traz pessoas que já viveram essa experiência nada boa, de misturar álcool direção e hoje sobreviveram para contar a história que no caso, né? do nosso querido William Damasceno que está falando nesse momento.</i> <i>Este Professor destaca a importância da iniciativa do projeto com os adolescentes por estarem em uma idade próxima de tirar a primeira habilitação.</i> PROFESSOR: - <i>Que eles venham a ter essa consciência e saber que o trânsito não é composto só por veículos, mas também o trânsito só é... só existe porque existem pessoas primeiro lugar, né? primeiro lugar a vida e os animais e os veículos também, né? e deixar essa ideia de achar que as rua é feita só para veículo.</i>

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Quadro 2: Mapeamento das metáforas identificadas em trechos do vídeo 01.

Quadro-síntese das metáforas identificadas					
TRECHO DO VÍDEO	METÁFORA IDENTIFICADA (estrutura)	TIPO DE METÁFORA	CATEGORIA (DOMÍNIOS)	EFEITO/SIGNIFICADO NA COMUNICAÇÃO FUNÇÃO DISCURSIVA (sentido ou problema)	MODULAÇÃO
"DETRAN vai à escola"	"DETRAN É AGENTE". "DETRAN É VIAJANTE". "AÇÃO INSTITUCIONAL É VIAGEM".	Metáfora estrutural	Domínio-fonte: agente; viagem; Domínio-alvo: ação educativa do órgão	Sentido de aproximação, conexão da instituição com a sociedade, instituição acessível. Projetar eficiência e proximidade. PROBLEMA: a ação educativa não é o órgão em si; oculta a hierarquia institucional. Simplifica a complexidade da ação educativa.	"DETRAN e escola construindo um trânsito seguro". EFEITO DA REFORMULAÇÃO: deslocamento do sentido da metáfora de viagem para a metáfora da construção , esta mais apropriada para ações educativas.
"multiplicar os conhecimentos sobre segurança no trânsito"	"CONHECIMENTO É DESTINO". "CONHECIMENTO É ALGO QUE PODE SER MULTIPLICADO". "CONHECIMENTO É OBJETO QUANTIFICÁVEL".	Metáfora estrutural	Domínio-fonte: viagem matemática Domínio-alvo: educação	Reduz o conhecimento a algo meramente quantificável, que desconsidera a criticidade do aprendiz. Mecaniza a educação. A educação para o trânsito é uma transmissão mecânica.	Sair do domínio MATEMÁTICO para o domínio-fonte CONSTRUÇÃO. CONHECIMENTO É CONSTRUÇÃO. "Construir conhecimentos coletivos" .

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Quadro 3: Mapeamento das metáforas identificadas em trechos do vídeo 01.

Quadro-síntese das metáforas identificadas					
TRECHO DO VÍDEO	METÁFORA IDENTIFICADA (estrutura)	TIPO DE METÁFORA	CATEGORIA (DOMÍNIOS)	EFEITO/SIGNIFICADO NA COMUNICAÇÃO (sentido ou sensação, sentimento que gera, problema)	MODULAÇÃO
"Eu estou aprendendo a segurar a mão da mamãe para ir atravessar a rua " e "aonde ela vai desenvolver práticas educativas".	"O APRENDIZADO É UMA AÇÃO".	Metáfora estrutural	Domínio-fonte: movimento (atividade física) Domínio-alvo: ação educativa; processo cognitivo	Trata o aprendizado como uma ação concreta, algo que se faz e se desenvolve. PROBLEMA: limita o aprendizado a comportamentos observáveis.	REFORMULAÇÃO: " O aprendizado é uma construção ". (domínio da engenharia-arquitetura). " O aprendizado é uma viagem ". EFEITO DA REFORMULAÇÃO: mantém a ação, mas aprender envolve planejamento, reflexão.
" a lei de trânsito nos permite ".	"O TRÂNSITO É UM SER VIVO".	Metáfora ontológica	Domínio-fonte: ser personificado Domínio-alvo: autoridade	Personifica a lei, atribuindo a ela a capacidade de permitir ou não determinadas ações. Estabelece regras e limites, humaniza a instituição.	REFORMULAÇÃO: " a lei de trânsito nos garante ". EFEITO DA REFORMULAÇÃO: respeita a cidadania e o caráter democrático das leis de trânsito.
"E é através de apresentações lúdicas e palestras educativas que a informação chega até o público alvo ".	"O PROJETO É UM CORPO". " COMUNICAÇÃO É TRANSMISSÃO ". " PÚBLICO É RECIPIENTE ".	Metáfora estrutural Metáfora ontológica	Domínio-fonte: conduto Domínio-alvo: comunicação institucional	Sugere que o projeto é um organismo que tem diferentes partes (apresentações, palestras) que trabalham juntas para alcançar um objetivo comum. Pressupõe que o público é passivo (recipiente)	REFORMULAÇÃO: "É através de apresentações lúdicas e palestras educativas que há o diálogo com o público ". EFEITO DA REFORMULAÇÃO: sair do domínio-fonte da transmissão para o domínio da CONVERSA

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Quadro 4: Mapeamento das metáforas identificadas em trechos do vídeo 01.

Quadro-síntese das metáforas identificadas					
TRECHO DO VÍDEO	METÁFORA IDENTIFICADA (estrutura)	TIPO DE METÁFORA	CATEGORIA (DOMÍNIOS)	EFEITO/SIGNIFICADO NA COMUNICAÇÃO (sentido ou sensação, sentimento que gera, problema)	MODULAÇÃO
"que essa criança ela vai desenvolver práticas educativas, aonde ela vai levar para casa".	"ESCOLA É CAMPO DE CULTIVO".	Metáfora ontológica	Domínio-fonte: produto fabricado; cultivo Domínio-alvo: comportamento; espaço educativo	"alimentar" a criança com conhecimento; conhecimento é algo que nutre e faz crescer. A escola é um espaço onde se cultivam conhecimentos e valores. PROBLEMA: comportamentos são "produzidos" pela instituição, não construídos socialmente. Representa "controle institucional". Os alunos são passivos;	REFORMULAÇÃO:. "Escola é oficina de saberes". Domínio da construção, do artesanato, da criatividade) "Escola é o ponto de partida para descobertas"; (domínio da viagem, exploração) "Escola é rede de aprendizagens". (domínio da colaboração) EFEITO DA REFORMULAÇÃO: construir conhecimentos

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

5.1.1 Transcrição do vídeo 01: “Detran MA realiza ação educativa do projeto ‘Detran Vai à Escola’”, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NDQkZxgmYs>



O governo do Maranhão através do Departamento Estadual de Trânsito realizou mais uma ação do projeto Detran vai à escola e olha só como a meninada está aprendendo:

CRIANÇA: - Eu tô aprendendo a segurar a mão da mamãe para ir atravessar a rua.

O objetivo do projeto é utilizar espaços para multiplicar os conhecimentos sobre segurança no trânsito e incentivar a adoção de um comportamento mais responsável.

MULHER: - Explicando e sensibilizando as crianças e as famílias a importância de entender e cumprir aquilo né, que a lei de trânsito nos permite.

E é através de apresentações lúdicas e palestras educativas que a informação chega até o público alvo.

HOMEM: - Aonde trabalhamos com criança no caso esse projeto é o Detran vai à escola onde trabalhamos a parte lúdica que essa criança ela vai desenvolver práticas educativas, aonde ela vai levar para casa.

A transcrição apresenta diversas metáforas conceituais que ajudam a compreender a forma como as pessoas pensam sobre o aprendizado no trânsito. Dessa forma, a fim de estabelecer a lógica das informações presentes na transcrição dos vídeos, a análise segue a ordem em que as metáforas foram identificadas, a partir dos discursos proferidos.

No título do vídeo, foi formulada a estrutura frasal “DETRAN vai à escola”. As metáforas conceituais identificadas são: “DETRAN É AGENTE”, “DETRAN É VIAJANTE” ou ainda “AÇÃO INSTITUCIONAL É VIAGEM”. Trata-se de metáfora estrutural, conforme Lakoff e Johnson (1980). A metáfora tem como domínio-fonte o campo das viagens, da locomoção, a qual se dá a partir do ato físico de deslocamento de um lugar a outro. São as denominadas “metáforas de movimento”. O domínio-fonte é o das viagens e o domínio-alvo é a ação educativa. Com essa estrutura, pretende-se indicar que as ações educativas do Detran - MA são vistas como um deslocamento que faz com que o órgão esteja mais próximo da população. A análise permite

compreender o Detran – MA como um “agente móvel”, “um mensageiro”, “um ser humanizado”. Dessa forma, atribui-se ao Detran – MA o papel de uma **agência ativa**, pois o “Detran vai” sugere que a instituição “se move” para cumprir seu papel social. Essa imagem mental permite que o indivíduo elabore conexões de identificação com a instituição e com sua função social. De outra forma, a elaboração frasal “Detran vai à escola” pode ocultar a hierarquia institucional, na medida em que a ação é uma das partes do órgão e não a instituição em sua totalidade. Há ainda a sugestão de uma hierarquia rígida, pois o Detran - MA é que leva conhecimento e, nesse processo, desconsidera os saberes prévios da comunidade. O fato de o órgão Detran ser personificado na metáfora corrobora a teoria da metáfora sistemática, proposta por Cameron (2003), que classifica como “metáfora animadora” aquela que descreve processos não humanos ou objetos inanimados com ações ou agentes semelhantes aos seres humanos, pela personificação.

Das representações possíveis que essa metáfora permite construir, tem-se: a de que a instituição é acessível ao público ou está se tornando mais próxima deste com as ações educativas, uma vez que vai até onde a população está. Entretanto, a simples ação educativa não representa a totalidade da instituição e não é suficiente para resolver os problemas identificados. Uma possibilidade de (re)adequação do discurso seria: “Detran e escola construindo um trânsito seguro”. Nesse viés, haveria o deslocamento do sentido da metáfora de viagem para a metáfora da construção, esta mais apropriada para ações educativas. Ao evidenciar a necessidade de ação da escola e da sociedade para um trânsito pacífico, constrói-se a noção de corresponsabilidade e não de unilateralidade imposta pelo órgão.

A metáfora orientacional “O CONHECIMENTO É UM DESTINO” está presente no fragmento “O objetivo do projeto é utilizar espaços para multiplicar os conhecimentos sobre segurança no trânsito”. A análise permite identificar que o conhecimento é algo que pode ser adquirido e acumulado, como se fosse um destino a ser alcançado. Além disso, no fragmento está presente a ideia de “multiplicar conhecimentos”. Isso reforça essa noção de crescimento e expansão. Ademais, nessa análise, identifica-se ainda a metáfora ontológica, operando sobre os conceitos do domínio da Matemática para o domínio-alvo da disseminação de informações, do conhecer. Entretanto, sob essa perspectiva, a metáfora conceptual reduz o conhecimento a algo meramente quantificável, que desconsidera a criticidade do aprendiz, pois, nesse sentido, o efeito provocado é de transmissão mecânica de

conhecimentos, de um sujeito que apenas recebe a informação e de que o interesse da ação é apenas alcançar números quantificáveis. Sob esse viés, o conhecimento é visto como objeto quantificável, que ignora os processos de interpretação e crítica.

Como sugestão de reformulação, poderia haver a migração do domínio MATEMÁTICA → DISSEMINAÇÃO, para a metáfora “CONHECIMENTO É CONSTRUÇÃO”. A partir disso, a metáfora reformulada poderia gerar a percepção de que o conhecimento e as mudanças sociais que ele pode proporcionar acontecem a partir de ações individuais e em coletividade, em um processo de construção coletiva dos conhecimentos.

Outra metáfora conceptual percebida nas entrevistas do vídeo 01 foi a presente na frase “O APRENDIZADO É UMA AÇÃO”. As frases “Eu estou aprendendo a segurar a mão da mamãe para ir atravessar a rua” e “aonde ela vai desenvolver práticas educativas” também foram utilizadas em sentido metafórico e tratam o aprendizado como uma ação concreta, algo que se faz e se desenvolve. A metáfora conceptual percebida “O APRENDIZADO É UMA AÇÃO” é do tipo ontológica, vinculada à ideia de movimento e permite perceber o comportamento esperado (desenvolvido) como um produto final. Todavia, tem-se, com isso, uma visão simplificada do processo de aprender, porque banaliza o ato educativo e transmite a noção de que comportamentos e atitudes são produzidos a partir da ação da instituição Detran – MA e não construídos socialmente, além de não ter vínculo com a reflexão sobre o processo. No trecho “ela vai desenvolver práticas educativas” transmite-se a ideia de controle institucional sobre os cidadãos/estudantes.

A partir do mesmo fragmento, percebe-se a metáfora conceptual estrutural “SEGURANÇA É PROTEÇÃO FÍSICA”, haja vista que ao segurar a mão da mamãe para ir atravessar a rua, é possível identificar a concretização de algo abstrato: a segurança, a partir de algo físico: segurar a mão da mamãe. A dificuldade que essa metáfora pode gerar é de restringir a noção de segurança no trânsito a cuidados individuais. O ato físico de segurar a mão da mamãe ratifica a teoria de Lakoff e Johnson (1980) de que a experiência corporal ajuda a construir a compreensão. Como alternativa de reformulação pode-se reelaborar o discurso como “PROTEÇÃO É CRIAR CAMINHOS SEGUROS PARA TODOS” e não individualmente, como a metáfora sugere.

A metáfora ontológica “O TRÂNSITO É UM SER VIVO” pode ser inferida a partir do trecho “a lei de trânsito nos permite”. Tal discurso personifica a lei, atribuindo a ela

a capacidade de permitir ou não determinadas ações. Isso cria uma imagem do trânsito como um ente ativo que estabelece regras e limites. A metáfora conceptual, nessa perspectiva, humaniza, personifica a instituição.

A metáfora estrutural “O PROJETO É UM CORPO” está presente na frase “E é através de apresentações lúdicas e palestras educativas que a informação chega até o público alvo” e sugere que o projeto é um organismo que tem diferentes partes (apresentações, palestras) que trabalham juntas para alcançar um objetivo comum. Nesse mesmo sentido, percebe-se a metáfora “INFORMAÇÃO É DESTINO”. As apresentações e palestras educativas figuram como um agente móvel, que levam a informação, a qual se desloca de um espaço a outro com a finalidade de cumprir o seu papel. Nesse contexto, as ações são mensageiras.

Ademais, identifica-se ainda a metáfora “PÚBLICO É RECIPIENTE”, em alusão à metáfora de Contêiner. O público é percebido como um objeto onde se deposita algo, uma vez que se pressupõe que o público é passivo (recipiente). Construção de sentido semelhante é percebida ao apresentar a criança como um recipiente: A ideia de que a criança “vai levar para casa” o que aprendeu sugere que ela é como um recipiente vazio que é preenchido com conhecimento. Como objeção, argumenta-se que o problema gerado é que esse sentido desumaniza os sujeitos ao negar a capacidade de o público ser agente reflexivo. Além disso, a adversidade reside no fato de a comunicação ocorrer em fluxo unidirecional, da qual pode resultar um discurso autoritário, punitivo que considera o cidadão como único culpado pelos problemas de segurança no trânsito, porque não absorveu o que lhe foi transmitido. Como alternativa, sugere-se a substituição para o domínio da conversa, do diálogo, como em “PÚBLICO É PARCEIRO EM DIÁLOGO”.

Em “levar (o conhecimento) para casa”, classifica-se o aprendizado como objeto, permitindo construir a metáfora conceptual estrutural “APRENDIZADO É OBJETO”. A problemática identificada na compreensão dessa metáfora é a de uma visão reducionista do conhecimento como mera transmissão de informações, tendo em vista que simplifica o ato de conhecer ao ato de comunicar/reproduzir informações. Isso faz com que o sentido percebido seja de que o aprendizado é algo que apenas é acumulado, mas não é transformador.

Além das metáforas mencionadas, identificaram-se outras metáforas implícitas, a saber: “O CONHECIMENTO É UM ALIMENTO”: A ideia de “alimentar” a criança com conhecimento, através de atividades lúdicas e palestras, sugere que o

conhecimento é algo que nutre e faz crescer; “A ESCOLA É CAMPO DE CULTIVO”: A expressão "Detran vai à escola" sugere que a escola é um espaço onde se cultivam conhecimentos e valores.

As metáforas presentes na transcrição revelam uma visão bastante concreta e prática do aprendizado no trânsito. O conhecimento é visto como algo que se adquire, se desenvolve e se transmite. O trânsito, por sua vez, é compreendido como um sistema de regras e normas que devem ser seguidas. Essa forma de pensar reflete a importância de tornar o aprendizado sobre segurança no trânsito algo mais acessível e interessante para as crianças, utilizando recursos lúdicos e atividades práticas, sem, contudo, adotar uma postura impositiva na realização das ações de educação para o trânsito.

A partir da análise exposta, ratifica-se que as metáforas conceptuais são ferramentas recorrentes na comunicação cotidiana, conforme já postulado por Lakoff e Johnson (1980). Os autores afirmam e esta análise corrobora a concepção de que elas representam a maneira como as pessoas constroem sentidos, como pensam e como externalizam essas ideias. Nos casos analisados, a pesquisa corrobora a teoria dos autores, haja vista que, em certos fragmentos do discurso presente nas entrevistas, percebeu-se a metáfora como principal recurso utilizado para facilitar a compreensão de algo abstrato (como em “O APRENDIZADO É UMA AÇÃO”). Na perspectiva dos autores, em um mesmo sistema conceitual pode haver vários outros mapeamentos metafóricos, como se fossem subsistemas. Isso justifica o fato de, na análise de algumas metáforas identificadas no vídeo 01, haver outras metáforas associadas.

É pertinente explicitar que, embora as metáforas conceptuais tenham sido mapeadas nos vídeos analisados, seu uso é fruto de atividade inconsciente por parte dos entrevistados, sem esforço perceptível, baseada principalmente nas experiências vivenciadas e não tanto nas semelhanças entre os domínios. Para Lakoff e Johnson (1999), a aquisição dos “modos metafóricos de pensamento” se dá automática e inconscientemente, não dando escolha aos falantes quanto a usá-las ou não, pois já estão enraizadas na cognição. A este respeito, Lakoff e Johnson (1999), na obra *Philosophy in the Flesh*, argumentam que

Em primeiro lugar, geralmente não temos escolha, visto que o raciocínio usando modelos cognitivos geralmente faz parte do funcionamento do inconsciente cognitivo. Além disso, na maioria das vezes, tais formas de

raciocínio são úteis e não enganosas. Ser capaz de raciocinar automática e inconscientemente usando modelos cognitivos como protótipos tem um valor considerável para a sobrevivência e funciona quase o tempo todo, centenas de vezes por dia (Lakoff; Johnson, 1999, p. 470).

Entretanto, o fato de as metáforas conceptuais serem utilizadas de forma inconsciente não significa dizer que seu uso é irracional, desprovido de sentido. Os registros de fala espontânea nos vídeos analisados revelam o uso constante, automático, sem esforço ou planejamento intencional das metáforas, mas que podem ser compreendidos rapidamente. Lakoff e Johnson (1999) explicam que o simples fato de uma pessoa existir no mundo já a coloca em contato direto com metáforas, de maneira inevitável. Essa vivência experiencial é responsável por tornar as metáforas naturalmente integradas à cognição e amplamente compreendidas e é essa experiência global que permite ao indivíduo ser funcional no mundo. Complementarmente, Caballero (2006) traz à discussão o conceito de “espaço mental” como um conjunto de conhecimentos, oriundo do conhecimento armazenado a longo prazo e “construído ad hoc para realizar certas operações cognitivas (por exemplo, compreender os outros em interação verbal), sendo uma delas, precisamente, processar a linguagem metafórica” (Caballero, 2006, p. 36). Esse mecanismo é fundamental para a compreensão da metáfora conceptual, pois vai além do mapeamento estático entre domínios, mas explica por que a metáfora é um processo cognitivo.

Quadro 5: Mapeamento das metáforas identificadas em trechos do vídeo 02.

Quadro-síntese das metáforas identificadas					
TRECHO DO VÍDEO	METÁFORA IDENTIFICADA	TIPO DE METÁFORA	CATEGORIA (DOMÍNIOS)	EFEITO/SIGNIFICADO NA COMUNICAÇÃO	MODULAÇÃO
Conductor do amanhã	"FUTURO É ENTIDADE".	Metáfora ontológica	Domínio-fonte: (o tempo personificado) Domínio-alvo: (os jovens motoristas)	SENTIDO: Transmite a necessidade de gerar nos participantes o senso de responsabilidade para a construção de um trânsito mais seguro. PROBLEMA: problema da sentença está em possivelmente sobrecarregar as crianças e adolescentes com essa responsabilidade.	REFORMULAÇÃO: CONDUÇÃO SEGURA É PREPARAÇÃO. EFEITO DA REFORMULAÇÃO: Mitiga a sobrecarga de responsabilidade nos jovens, ao invés de defini-los como "o amanhã", situando-os em um processo de formação e enfatizando a colaboração para a construção de um futuro seguro no trânsito.
"começando nossa caminhada"	"VIDA É JORNADA" "APRENDIZADO É PERCURSO" "APRENDIZADO É VIAGEM"	Metáfora estrutural	Domínio-fonte: (viagem) Domínio-alvo: (Processo educativo)	SENTIDO : Sugere um caminho único e pré-determinado. PROBLEMA: Pode focar excessivamente no percurso individual, negligenciando a importância do apoio coletivo	REFORMULAÇÃO: "APRENDIZADO É JORNADA CONJUNTA". EFEITO DA REFORMULAÇÃO: Enfatiza a dimensão colaborativa e social do aprendizado e da vida.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Quadro 6: Mapeamento das metáforas identificadas em trechos do vídeo 02.

Quadro-síntese das metáforas identificadas					
TRECHO DO VÍDEO	METÁFORA IDENTIFICADA	TIPO DE METÁFORA	CATEGORIA (DOMÍNIOS)	EFEITO/SIGNIFICADO NA COMUNICAÇÃO	MODULAÇÃO
"Tirar a carteira"	"DIREITO É OBJETO"	Metáfora ontológica	Domínio-fonte: (ação física de remover algo) Domínio-alvo: (processo burocrático para obtenção do documento)	Sentido da Metáfora: A metáfora "DIREITO É OBJETO" conceitua o processo de obtenção da carteira de motorista como um ato simples e direto de <i>pegar</i> ou <i>remover</i> um objeto, como se fosse algo que se "tira" de um lugar. PROBLEMA: reforça uma visão simplista sobre o processo. A carteira de habilitação ser reduzida a um objeto	REFORMULAÇÃO:. "CARTEIRA É CONQUISTA" "CARTEIRA É PASSAPORTE" "ESCOLA É PREPARATÓRIO" EFEITO DA REFORMULAÇÃO: O processo se torna meritoso e libera o cidadão para o trânsito.
"Para que o trânsito também seja seguro para eles"	"TRÂNSITO É GUERRA" "TRÂNSITO É VIDA" "SEGURANÇA É COMBATE" "SEGURANÇA VIÁRIA É GUERRA" "SEGURANÇA VIÁRIA É PRESERVAÇÃO"	Metáfora estrutural	Domínio-fonte: (conflito ou da preservação) Domínio-alvo: (segurança viária)	Sentido da Metáfora: Reconhece o trânsito como um espaço de potenciais riscos (guerra, combate), mas também de vida, e a segurança como um objetivo de preservação. PROBLEMA: Apresentar esse espaço, ao mesmo tempo, como fonte de risco e de proteção/cuidado.	REFORMULAÇÃO: "TRÂNSITO É CONSTRUÇÃO COLETIVA DE SEGURANÇA E RESPEITO". EFEITO DA REFORMULAÇÃO: Supera a dicotomia entre risco e proteção, promovendo uma visão do trânsito como um ambiente de responsabilidade compartilhada e convivência pacífica, onde a segurança é resultado da ação coletiva e do respeito mútuo.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

5.1.2 Transcrição do vídeo 02: “Detran - MA promove ação do projeto ‘Condutor do amanhã’”, em escola de São Luís, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xqVRsmx26ow>



A responsabilidade da construção de um trânsito seguro começa desde cedo, por isso uma iniciativa do Departamento Estadual de Trânsito do Maranhão tem chamado a atenção de estudantes em São Luís:

ALUNA 01: - Importante até porque também não cometer outros erros que o rapaz estava até mostrando em vídeo, então achei bem necessário não só para mim, mas como para todos os alunos também.

*ALUNA 02: - Achei muito necessário, principalmente agora, que estamos **começando a nossa caminhada**, depois da escola. Acho muito essencial ainda mais que agora que somos jovens **já vai prevenir** para muitas coisas no futuro.*

*ALUNO 03: - Eu acho muito importante porque muitos alunos aqui vão querer **tirar a carteira** e **já é um aprendizado** para eles fazerem certo quando for futuro, futuramente **tirar a carteira** deles.*

São palestras educativas com intuito de informar e conscientizar os alunos sobre atitudes seguras no trânsito, visando reduzir acidentes e salvar vidas.

*MULHER: - Esse projeto ele é chamado “**condutor do amanhã**” onde o nosso público é... primordial, são os adolescentes, né? os alunos do ensino médio onde a gente busca a conscientização deles, o papel deles no trânsito, né? Para que o trânsito também seja seguro para eles. Então a gente utiliza o teatro e utiliza também o projeto Humanizar, né? onde a gente traz pessoas que já viveram essa experiência nada boa, de misturar álcool direção e hoje sobreviveram para contar a história que no caso, né? do nosso querido William Damasceno que está falando nesse momento.*

Este Professor destaca a importância da iniciativa do projeto com os adolescentes por estarem em uma idade próxima de tirar a primeira habilitação.

PROFESSOR: - Que eles venham a ter essa consciência e saber que o trânsito não é composto só por veículos, mas também o trânsito só é... só existe porque existem pessoas primeiro lugar, né? primeiro lugar a vida e os animais e os veículos também, né? e deixar essa ideia de achar que as rua é feita só para veículo.

Inicia-se a análise das metáforas conceituais presentes no vídeo 02, a partir do título da matéria: “Detran - MA promove ação do projeto ‘Condutor do amanhã’”. A metáfora identificada no trecho é “FUTURO É ENTIDADE”, é do tipo ontológica, a qual tem como domínio-fonte o tempo personificado e como domínio-alvo os jovens motoristas. A forma como a sentença foi estruturada transmite a necessidade de gerar

nos participantes o senso de responsabilidade para a construção de um trânsito mais seguro. O efeito problema da sentença está em possivelmente sobrecarregar as crianças e adolescentes com essa responsabilidade. Além disso, a própria estrutura da metáfora permite ainda compreender a ideia de tempo personificado, na medida em que relaciona o tempo futuro ao condutor.

A transcrição sobre o projeto "Condutor do Amanhã" apresenta um conjunto de metáforas que revelam como os participantes concebem a educação para o trânsito e a própria experiência de dirigir. Constata-se, por exemplo, a metáfora "FUTURO É DESTINO" e "FUTURO É VEÍCULO". O sentido veiculado é problemático, na medida em que fica explícito que o discurso atribui aos jovens a responsabilidade exclusiva para um trânsito mais seguro, o que invisibiliza a corresponsabilidade da sociedade e do Estado nessa questão. No mesmo fragmento, identificou-se a metáfora estrutural "PROJETO É CONSTRUTOR", a qual posiciona o projeto "Condutor do amanhã" como um arquiteto que constrói algo. A metáfora possibilita essa interpretação, visto que as ações educativas são percebidas como construtoras de futuros condutores responsáveis, implicando a criação de algo novo e duradouro. Educar as pessoas é, portanto, essa atividade de construção de novos condutores para a transformação da realidade social.

No trecho transcrito, em relação à fala da aluna 02, seu discurso contém estrutura frasal "começando nossa caminhada", com a qual a aluna explica a importância desse aprendizado ainda no início da vida. Identificou-se metáfora do tipo estrutural, conforme Lakoff e Johnson (1980), a qual parte do domínio-fonte da viagem para o domínio-alvo do processo educativo. A metáfora conceptual estrutural pode ser explicitada da seguinte forma: "APRENDIZADO É PERCURSO", "VIDA É JORNADA", "APRENDIZADO É VIAGEM". Com essas construções, tem-se a perspectiva da mudança de sentido de algo abstrato (aprendizado e vida, respectivamente) para algo concreto (percurso, jornada). Também aqui se encontra a metáfora sistemática, teoria analítica para capturar padrões metafóricos recorrentes que perpassam um discurso ou uma interação específica, de Cameron (2003). Pela teoria da autora, aqui há a metáfora sistemática do tipo "metáfora de jornada", que utiliza termos relacionados a viagens, caminhos, descobertas ou destinos para fazer referência a objetivos, progressos ou resolução de problemas.

No discurso do estudante 03, é possível encontrar a metáfora ontológica na estrutura frasal "tirar a carteira". Isso pode ser explicado a partir da concepção do

domínio-fonte da ação física de remover algo para o domínio-alvo do processo burocrático para obtenção do documento. A metáfora conceptual presente nesse trecho pode ser assim delineada: “DIREITO É OBJETO”, transferindo o sentido de algo abstrato (direito ao documento) a algo concreto, no caso o processo burocrático para obtenção do documento, mas ignorando o seu caráter formativo/educativo. Com essa compreensão, fica evidente como a complexidade do percurso para obter a carteira de habilitação é banalizada, como se o simples fato de assistir a algumas palestras sobre trânsito fossem suficientes para adquirir o documento, o que reforça uma visão simplista sobre o processo. Para além disso, outra problemática presente é a carteira de habilitação ser reduzida a um objeto. Com essa construção, esse documento tão importante perde seu caráter educativo e de direito para ser um objeto. A proposta de modulação deveria sair do âmbito da remoção/retirada para o domínio da conquista. Para Cameron (2003), “tirar a carteira” é uma metáfora subtécnica, na medida em que utiliza termos ou expressões mais simples para substituir termos técnicos, de modo a tornar os conceitos mais acessíveis, dado seu caráter institucionalizado.

Nesse sentido, a modulação/reformulação da metáfora poderia ser “CARTEIRA É CONQUISTA”, conferindo ao processo uma realização pessoal e cidadã, conforme postulado por Bobbio ([1986] 2004, p. 7.), quando afirma que na sociedade dos cidadãos, “os súditos se tornam cidadãos quando lhes são reconhecidos alguns direitos fundamentais”. O processo de obtenção da CNH é uma garantia de direito. Outra metáfora percebida quanto ao documento é “CARTEIRA É PASSAPORTE”. Nesse sentido, entende-se que a CNH é percebida pelos cidadãos como um documento importante que “libera”, que “concede permissão” ao indivíduo para que este participe do trânsito. Como se o documento fosse o ingresso para uma nova realidade. Não se pode deixar de mencionar a personificação que a Carteira Nacional de Habilitação adquire nesse sentido, conforme a categorização de metáforas animadoras (ou de personificação), proposta na Teoria Sistemática da Metáfora, de Cameron (2003). Acrescente-se ainda a metáfora “ESCOLA É PREPARATÓRIO”, da qual pode-se depreender que a escola é vista como um espaço de preparação para a vida adulta, incluindo a experiência de dirigir. A frase “é um aprendizado para eles fazerem certo quando for futuro” reforça essa ideia. O domínio-fonte é o treinamento e o domínio-alvo é a ação educativa para o trânsito. A escola é ação educativa, é uma

espécie de degrau para algo maior, a obtenção da CNH. Entretanto, essa construção ignora os demais objetivos da educação no trânsito, como o exercício da cidadania.

No discurso realizado pela mulher referenciada na entrevista do vídeo 02, fala-se: “para que o trânsito também seja seguro para eles”. Em “trânsito seguro” percebem-se as metáforas estruturais “TRÂNSITO É GUERRA”, “TRÂNSITO É VIDA”, “SEGURANÇA É COMBATE”, “SEGURANÇA VIÁRIA É GUERRA”, “SEGURANÇA VIÁRIA É PRESERVAÇÃO”. O mesmo campo semântico “trânsito” gera uma tensão discursiva, por vezes até antitética (antítese), ao apresentar esse espaço, ao mesmo tempo, como fonte de risco (morte, guerra) e de proteção/cuidado (vida, segurança), o que permite entender como uma contradição no discurso. A metáfora “TRÂNSITO É VIDA” sugere que o trânsito é fundamental para a existência e o bem-estar coletivo. Parte do domínio-fonte do conflito ou da preservação. Nas metáforas conceptuais “TRÂNSITO É MORTE”, “TRÂNSITO É GUERRA” e “SEGURANÇA É COMBATE” percebe-se conotação mais conflituosa ao exemplificar o trânsito como um espaço de eventuais perigos, acidentes, fatalidades. Como fator negativo está a mobilização do medo (morte) como estratégia educativa. O fator positivo encontra-se nos aspectos de segurança, cuidado.

Nas metáforas apresentadas, parte-se do domínio-fonte do conflito ou da preservação para o domínio-alvo da segurança viária. Trata-se de uma estrutura cognitiva a qual permite conceber a importância do trânsito tanto como sistema de deslocamento quanto como uma rede de interações, de cujas ações resultam consequências/impactos, positivos ou negativos, que afetam a todos. Com essa estrutura, o(a) interlocutor(a) objetivou incutir nos presentes a ideia de comportamentos seguros e responsáveis no trânsito, reforçando que o trânsito não é apenas sobre veículos e regras, mas, e sobretudo, sobre pessoas.

A teoria do “conduto”, de Reddy ([1979] 1993) aplica-se ao trecho “a informação chega até o público”, no qual se podem perceber as metáforas “INFORMAÇÃO É DESTINO”, “PÚBLICO É RECIPIENTE”, “ALUNO É RECIPIENTE”. Tal construção gera como problema o fato de a comunicação institucional ser unidirecional, transmitida mecanicamente a um público passivo, um destino/recipiente certo, de forma bancária, depositária. Nesse sentido, a metáfora conceptual permite conceber a desumanização dos ouvintes, aos quais cabe apenas o papel mecânico de receber essas informações, sem refletir/agir sobre elas, negando-lhes a capacidade crítico-interpretativa e de interação/colaboração no processo educativo. Também se

caracteriza como problema por desumanizar as pessoas ao compará-las com “vasilhas”, “objetos que recebem algo”. A modulação/reformulação do discurso pode ser realizada a partir da metáfora do diálogo: “INFORMAÇÃO É DIÁLOGO COM A COMUNIDADE”. Tal mudança possibilitaria a compreensão de que os indivíduos atuam colaborativamente para a construção do conhecimento, sendo corresponsáveis pela construção de sentidos.

O discurso produzido pela estudante 02 apresenta o seguinte: “Acho muito essencial ainda mais que agora que somos jovens já vai prevenir para muitas coisas no futuro”. A estudante, de forma não-intencional, constrói as metáforas conceptuais “ACIDENTE É DOENÇA”, “ACIDENTE É INIMIGO QUE PRECISA SER COMBATIDO”, “EDUCAÇÃO É REMÉDIO”, “CONHECIMENTO É VACINA”. No primeiro caso, o sentido depreendido é o de que acidentes são comparados a enfermidades. Para doenças, há uma possibilidade de prevenção, de tratamento, de cura, conforme é proposto pela ação educativa no intuito de reduzir acidentes. A ideia de "reduzir acidentes" sugere que os acidentes são como doenças que podem ser prevenidas. Sugere ainda que o conhecimento pode atuar como remédio, visto que as palestras educativas são como vacinas que protegem os jovens contra os perigos do trânsito.

A objeção sustentada como problema é de que a ação educativa é remédio e medicaliza. Em outras palavras, subentende-se que isso basta para resolver todos os problemas e acidentes de trânsito. Com essa estrutura, a comunicação oculta outros fatores, como a falta de sinalização e de fiscalização, por exemplo, que acentuam a gravidade da falta de segurança nas vias públicas, bem como ignora causas estruturais como a falta de infraestrutura viária e as desigualdades sociais.

Outra metáfora identificada foi a metáfora orientacional “O TRÂNSITO É UM CAMINHO”, presente no fragmento "estamos começando a nossa caminhada, depois da escola". Tal construção sugere que a vida no trânsito é uma jornada que se inicia após a adolescência, mas também como uma jornada com um ponto de partida e um ponto de chegada, com começo, meio e fim. A ideia de "caminhada" implica que essa jornada é caracterizada como um movimento progressivo e contínuo.

Ainda sobre o vídeo 02 em análise, constatou-se a existência da metáfora conceptual “A EDUCAÇÃO É UM GUIA”, implícita no seguinte trecho “São palestras educativas com intuito de informar e conscientizar os alunos sobre atitudes seguras no trânsito, visando reduzir acidentes e salvar vidas”. Com essa construção, a ideia

transmitida é a de que as palestras educativas são vistas como um guia que orienta os jovens para um comportamento seguro no trânsito. A palavra "conscientizar" reforça essa ideia de direcionamento e esclarecimento, de trazer luz a alguém. Parte-se do domínio-fonte das ferramentas (objetos) para o domínio-alvo do processo educativo. Essa estrutura posiciona a educação como uma ferramenta de controle de comportamentos. Como risco, entende-se que a educação pode ser percebida como um instrumento apenas disciplinar e não emancipador.

A metáfora ontológica "O TRÂNSITO É UM ORGANISMO VIVO" está presente no trecho "o trânsito não é composto só por veículos, mas também o trânsito só é... só existe porque existem pessoas em primeiro lugar". A forma como a mensagem foi construída personifica o trânsito, atribuindo a ele uma existência própria e dependente de diversos elementos, como pessoas e animais.

O trecho "Onde a gente traz pessoas que já viveram essa experiência nada boa, de misturar álcool e direção" apresenta metáfora conceptual do tipo orientacional ao permitir estruturar a metáfora "PERIGO É PARA BAIXO". Quando o entrevistador fala "experiência nada boa" modula o discurso para atenuar o trauma ou desconforto que a palavra "acidente" pode gerar. Para minimizar esse impacto, o falante usou um eufemismo. Paralelamente, outra metáfora problemática pode ser identificada: "DIREÇÃO É INGREDIENTE DE DRINK", implícita no fragmento "misturar álcool e direção". Nesse sentido, percebe-se a noção semântica de que a bebida alcoólica tem como ingrediente a direção veicular, ideia que vai de encontro a um comportamento legal no trânsito.

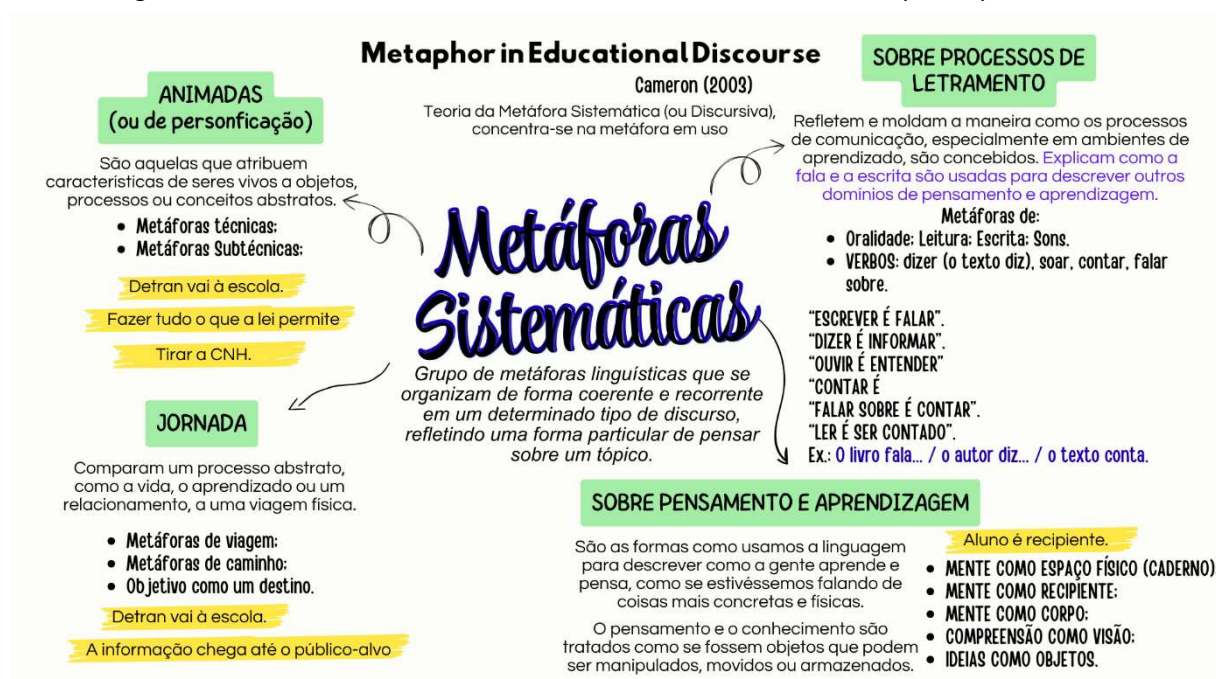
Diante do exposto, percebe-se que as metáforas presentes na transcrição revelam uma visão complexa, mas também contínua da educação para o trânsito. O trânsito é visto como um espaço social que exige responsabilidade e respeito, enquanto a educação é fundamental para formar condutores conscientes e seguros. A escola e o projeto "Condutor do Amanhã" desempenham um papel importante nesse processo, preparando os jovens para os desafios da vida adulta no trânsito.

A análise dos vídeos revelou o uso espontâneo de metáforas conceptuais por parte dos cidadãos, mesmo sem conhecimento teórico, o que corrobora a ideia de "metáfora não deliberada" de Reijnierse (2017), bem como o conceito de "mente corporificada", de Lakoff e Johnson (1980) e a sua teoria de que as metáforas fazem parte da vida cotidiana, de que seu uso não está restrito à habilidade dos grandes escritores.

Sobre a teoria cognitiva, Cameron (2003), na Teoria Sistemática da Metáfora, aponta para a perspectiva sociocultural, na qual há uma sistematicidade que pode ser observada na recorrência de padrões de uso metafórico da linguagem, dentro de uma determinada comunidade, em um determinado grupo social. A partir de então, a pesquisadora propôs algumas categorizações da metáfora conceptual, as quais esta pesquisa corrobora, visto que puderam ser identificadas no presente estudo, a saber:

1. metáforas animadoras ou de personificação: “O TRÂNSITO É UM SER VIVO”, “DETRAN VAI À ESCOLA”, “FUTURO É ENTIDADE”, “CINTO É SALVADOR”, “CAPACETE SALVA VIDAS”, “A LEI É AGENTE QUE PERMITE OU PROÍBE”, “A CARTEIRA É OBJETO QUE LIBERA”, “O TRÂNSITO É UM ORGANISMO VIVO”; 1.1 metáforas subtécnicas, que simplificam termos técnicos, presente em “tirar a carteira”, na metáfora “CARTEIRA É PASSAPORTE”;
2. metáforas de jornada, como em: “O APRENDIZADO É PERCURSO”, “VIDA É JORNADA”, “O APRENDIZADO É VIAGEM”, “DETRAN VAI À ESCOLA”, “APRENDIZADO É COMEÇO DE JORNADA”;
3. metáforas sobre processos mentais, usadas para se referir a processos cognitivos e de aprendizagem, como em: “PÚBLICO É RECIPIENTE”, “INFORMAÇÃO É DESTINO”, “ALUNO É RECIPIENTE”.

Figura 8 – Teoria da Metáfora Sistemática de Cameron (2003).



Fonte: Elaborada pelo autor (2025).

A (des)humanização a que este trabalho se propôs a analisar a partir das metáforas conceituais consiste nos problemas ou não de construção de sentidos, mediante a facilidade ou dificuldade com que as metáforas operam. Nessa perspectiva, Zémor (2009), ao definir o que é a comunicação pública, esclarece que se trata de um compartilhar informações de utilidade pública ou de interesse geral. Se é assim, por que razão então muitas informações não são claras e acessíveis o suficiente para que o cidadão não precise recorrer a terceiros? O autor atribui a responsabilidade dessa troca de informações às próprias instituições públicas. Zémor (2009, p. 190) entende que o principal obstáculo está na dificuldade que as instituições têm de admitir que sua missão tem como objetivo o serviço aos cidadãos, “garantindo relações de qualidade, com a finalidade de melhor preencher seu próprio dever de informar”.

Dito isso, a pesquisa se propôs a analisar como algumas estruturas metafóricas nos vídeos analisados parecem mal construídas a partir do momento em que se analisa a arquitetura das representações cognitivas que as sustentam. Problematicou-se que a linguagem utilizada na comunicação institucional e também pela população posiciona o órgão de forma verticalizada e como único agente que promove as melhorias de que o trânsito precisa. Em contrapartida, a análise e discussão dos dados aqui expostos também apresentou a reformulação/modulação possível para motivar a participação e apropriação do conhecimento por parte do público. Esta seção de resultados e discussão revelou que os falantes, servidores do Detran - MA, no contexto dos vídeos analisados, ainda adotam uma comunicação hierárquica e unilateral que precisa ser repensada. Há ainda que se ressaltar as possibilidades de utilização de outros domínios metafóricos para promover a cultura do diálogo, da comunicação não-violenta, do cuidado e não se pode deixar de mencionar a urgência social que é incluir a sociedade na construção de sentidos sobre o trânsito. Tais situações podem ser mediadas a partir da priorização de domínios metafóricos mais colaborativos e de cuidado e pela minimização do uso de metáforas que, de forma deliberada ou não, culpabilizam os indivíduos.

6 CONCLUSÃO

Este estudo objetivou analisar as metáforas conceptuais presentes nas interações comunicativas no âmbito do Detran – MA. A investigação deu-se mediante a análise de vídeos públicos disponíveis na plataforma *YouTube*. Com o trabalho, buscou-se compreender os impactos da utilização de metáforas conceptuais na construção de sentidos e na (des)humanização pelas informações prestadas no/pelo serviço público.

Com as análises foi possível realizar o mapeamento das metáforas conceptuais presentes nas falas dos entrevistados, em ações educativas do Detran – MA. Além do mapeamento realizado, o estudo propôs analisar os efeitos de sentido dos discursos produzidos, bem como a proposição de sugestões de modulação/reformulação do discurso, discutindo possíveis implicações das metáforas identificadas para a comunicação (des)humanizada, sugerindo alternativas de adequação.

Nesse sentido, o aporte teórico ancorado na visão de Lakoff e Johnson (1980) evidenciou que as metáforas são mecanismos cognitivos fundamentais que moldam a compreensão do mundo, na medida em que os sujeitos fazem uso espontâneo delas, sem recorrer a rebuscamentos retóricos para sua utilização, conforme defendia a Teoria Tradicional da Metáfora. Dessa maneira, o trabalho apresentou as visões paradoxais entre a Teoria Clássica/Tradicional e a Teoria Contemporânea da Metáfora Conceptual. Complementarmente, a pesquisa adicionou a evolução da teoria da metáfora, ao incluir as contribuições de Steen (2011), para o qual há a necessidade de se considerar uma dimensão social, além da linguística e cognitiva, para uma compreensão mais abrangente das metáforas.

A partir do aporte teórico, a pesquisa explorou o papel das metáforas conceptuais na construção do pensamento, reforçando que a mente é "corporificada" e que as metáforas são essenciais para a elaboração de conceitos. Partindo das análises realizadas com as entrevistas dos vídeos coletados, confirma-se a concepção de "mente corporificada", visto que, nessas análises, percebeu-se que os falantes partem de campos comuns da experiência cotidiana para externalizar sentenças metafóricas conceptualmente e construir sentidos. Isso pôde ser observado, por exemplo, na metáfora "O APRENDIZADO É UMA AÇÃO", para fazer significar que algo que se aprende deve ser colocado em prática.

Os quadros-síntese, contendo fragmentos do discurso presente nas entrevistas, além de realizar o mapeamento das metáforas conceptuais identificadas, também apresentou as implicações problemáticas de sua utilização, assim como intencionou a reformulação/modulação do discurso institucional, a fim de tornar a comunicação mais acessível. Percebeu-se o predomínio de metáforas com domínio-fonte do campo das viagens, do objeto, do movimento e da transmissão e metáforas com sentido passivizante, as quais podem negar a agência/atividade do cidadão. Outrossim, determinadas escolhas linguísticas, ainda que não deliberadas, podem associar a instituição a um agente punitivo, perpetuar a cultura do medo e da culpabilização do indivíduo, quando, na verdade, há vários outros fatores associados aos problemas de segurança e de outras questões relacionadas ao trânsito. Assim, foram sugeridas modificações na comunicação institucional: substituição / modulação / reformulação / reelaboração / reestruturação das metáforas problemáticas por alternativas mais colaborativas e que enfatizem a corresponsabilidade no trânsito, de modo a aproximar a instituição Detran - MA da população e minimizar a visão burocrática que se tem do órgão.

Na análise e discussão dos resultados, percebeu-se a ausência de metáforas colaborativas, as quais pode(riam) ser utilizadas para reformular o discurso ao acrescentar perspectivas de parceria, de cidadão ativo, de “rede de aprendizados”, de interdependência no trânsito, entre outras. Nas metáforas conceptuais analisadas, não há referência a sentidos de construção conjunta, de cooperação ou de diálogo, por exemplo. Os processos educativos são apenas “coisificados”, cabendo aos ouvintes receber passivamente as informações transmitidas.

As metáforas conceptuais identificadas nos discursos analisados evidenciaram como os conceitos abstratos relacionados ao trânsito e à educação são compreendidos e comunicados por meio de domínios mais concretos e familiares aos falantes de maneira tal que influenciam a percepção e o comportamento dos envolvidos. Por outro lado, não se pode deixar de mencionar como, em algumas situações de interação no atendimento, bem como nos vídeos coletados, as metáforas conceptuais podem gerar problemas no discurso. Dessa forma, ratifica-se o proposto por Bobbio ([1986] 2004) quando fala da denúncia da “massa dos sem-direitos”, ao explicar que há uma diferença entre os direitos que a legislação proclama e os que, de fato, são usufruídos pelos cidadãos. No contexto da presente pesquisa, tal pensamento aplica-se às limitações das metáforas conceptuais identificadas na

comunicação do Detran – MA com a comunidade, que pode igualmente, limitar o acesso a direitos.

No caso das metáforas analisadas, presentes em trechos como “Detran vai à escola” (metáfora “DETRAN É AGENTE”), “informação chega até o público” (metáfora “INFORMAÇÃO É DESTINO”; “PÚBLICO É RECIPIENTE”) e “tirar a carteira” (metáfora “CARTEIRA É OBJETO”), percebe-se como a linguagem opera no campo do discurso ilusório criticado por Bobbio ([1986] 2004), pois, em tais construções, não se percebe o direito formalmente reconhecido que o cidadão deve ter, que é o de obter informações em linguagem clara, acessível e sua realização efetiva. Isso pode ser percebido, por exemplo, na utilização de linguagem técnica no atendimento no Detran, em termos como: ATPV (Autorização para Transferência de Propriedade de Veículo), CNH (Carteira Nacional de Habilitação), CRLV-e (Certificado de Registro e Licenciamento de Veículo em meio digital), DESPACHANTES (profissionais que podem representar seu cliente, alterar registros, solicitar documentos, como licenças e alvarás, regularizar débitos, pagar taxas e impostos, realizar vistorias, emplacamentos e transferência de veículos), LICENCIAMENTO (procedimento anual, relativo a obrigações do proprietário de veículo, comprovado por meio de documento específico: Certificado de Licenciamento Anual). Em muitos desses casos, os cidadãos desconhecem a grande maioria dos termos, cabendo aos servidores do órgão prestar a informação de forma mais acessível.

Na perspectiva de Zémor (2009), o cidadão não pode ser visto como simples “turista” ou “cliente” do serviço público, mas como um agente político com direitos assegurados e que tem vez e voz. As metáforas supracitadas evidenciaram que a concepção que se tem do cidadão é exatamente a do clientelismo passivo, visto que, ao tratar os cidadãos como sujeitos passivos e não como agentes críticos, percebe-se uma dinâmica verticalizada por parte do serviço público que oculta o seu dever de serviço. Outrossim, o uso, ainda que inconsciente, de metáforas conceituais problemáticas em sua interpretação, especialmente as que tratam o público como “alvo”, “recipiente”, tendem a desumanizar os sujeitos e a ampliar as barreiras existentes no acesso ao serviço público e às informações que este deve prestar com clareza. As situações descritas a partir dos materiais de análise possibilitaram a reformulação metafórica da passividade dos sujeitos para a agentividade, da hierarquia institucional para a parceria e colaboração, bem como permitem sugerir o reposicionamento da comunicação institucional como ferramenta para construir uma

relação de maior proximidade entre o serviço público e os cidadãos. A partir de então, este estudo permite concluir que as análises das metáforas conceptuais mapeadas não se limitam a um exercício linguístico, mas constituem-se como importantes ferramentas para superar as limitações que impedem que as instituições públicas, como o Detran – MA, cumpram sua missão democrática.

A partir do recorte temático, do referencial teórico adotado e dos materiais de análise, a pesquisa demonstrou a presença recorrente de metáforas conceptuais, em aspectos relativos ao Detran – MA, o qual faz uso de uma linguagem que não é neutra, mas se dá a partir de estruturas de representação cognitiva que moldam a relação entre o serviço público e o cidadão. Ficou evidente que algumas metáforas conceptuais identificadas nos discursos das entrevistas minimizam, até mesmo, desumanizam o papel ativo que os cidadãos deveriam ter. O público é percebido como um recipiente passivo, objetificado, enquanto a instituição é representada como aquela que age, que “faz acontecer”, a única que detém e que leva/repassa/transmite/deposita a informação, o que revela um padrão institucional de comunicação hierárquica, verticalizante, unilateral, que reduz a participação cidadã, considerando os sujeitos como “alvos a serem atingidos” ou “recipientes a serem preenchidos”.

Sob esse viés, é preciso destacar alguns apontamentos que permitem associar os resultados da pesquisa com a perspectiva da análise do discurso, de Norman Fairclough (1989, 2001 [1992], 2010 [1995]), cujos estudos investigam a relação entre práticas discursivas e sociais, especialmente na articulação entre linguagem, poder e a reprodução de ideologias. Essa perspectiva confirma-se também na presente pesquisa na medida em que as metáforas conceptuais identificadas podem atuar ora como barreiras ora como pontes comunicativas, conforme explicitado na seção 03 deste trabalho.

Ao examinar os vídeos, foi possível identificar padrões de linguagem que perpetuam o discurso de verticalização institucional e de passividade dos cidadãos. Embora a análise do discurso não seja objeto de estudo desta pesquisa, entende-se que analisar o impacto social das metáforas conceptuais nos vídeos ultrapassa a etapa do mapeamento metafórico apenas do ponto de vista da cognição e da linguística, tendo em vista que a análise possibilitou também identificar a relação entre as metáforas conceptuais e as práticas sociais, bem como as relações de poder e os processos de significação decorrentes.

No contexto específico do Detran – MA, verificou-se que as metáforas utilizadas não são neutras, mas refletem escolhas linguísticas (ainda que não deliberadas) as quais podem reforçar ou não as estruturas hierárquicas e o posicionamento passivo do indivíduo. Isso se materializa na pesquisa quando foram identificadas metáforas conceptuais que objetificam o usuário do Detran – MA e ainda quando o colocam em posição de destinatário, ignorando seu papel crítico, reflexivo e agente. Portanto, a via da análise do discurso pode ser igualmente referenciada aqui, visto que tensiona tais padrões, coloca-os em evidência e questiona os efeitos sociopolíticos dessas escolhas linguísticas. A partir dessas inquietações, esta pesquisa propôs-se também a apontar para a necessidade de modulação/ reformulação discursiva, a fim de mitigar essa polarização.

O mapeamento das metáforas conceptuais implícitas nas entrevistas permitiu perceber a predominância de um discurso de eficiência e controle por parte da comunicação institucional. As metáforas analisadas permitiram identificar *blends* mal estruturados, onde o cidadão deixa de ser agente e, com isso, várias assimetrias são reforçadas. A proposta de modulação/reformulação das metáforas, como nos exemplos “vai à escola” por “dialoga com a escola”, “multiplicar conhecimentos por “construir/compartilhar saberes” configura-se como uma proposta de reumanização da comunicação institucional com vistas ao fortalecimento da participação cidadã. A adoção de domínios como diálogo, construção e colaboração pode modificar a maneira como o Detran – MA é visto pela sociedade, de um órgão punitivo para mediador de transformações no serviço público.

Ademais, cumpre ressaltar o poder que a linguagem tem na perpetuação de estigmas sociais. Dessa forma, é importante que, em contextos de atendimento ao público, os servidores adotem uma linguagem mais clara e acessível ao cidadão, especialmente com os que possuem baixa escolaridade, com pessoas idosas ou pessoas em situação de vulnerabilidade. É nesse sentido que a relação entre a variação linguística e as metáforas conceptuais é útil para compreender quando as metáforas conceptuais podem ser barreiras comunicativas no contexto do atendimento do Detran – MA. Uma vez que a variação linguística compreende toda a diversidade linguística coexistente em uma sociedade, é preciso atenção às escolhas discursivas que podem ou não ser barreiras na comunicação institucional. Se as metáforas conceptuais forem empregadas sem a consideração da diversidade linguística dos sujeitos, corre-se o risco de ampliar exclusões e alargar o

distanciamento entre os indivíduos e a instituição. Dessa forma, ao perceber que o cidadão não compreendeu uma metáfora conceptual técnica, por exemplo, cabe ao servidor adequar a informação para um nível de compreensão que o usuário consiga entender, de modo a reduzir as assimetrias linguísticas e facilitar o acesso à informação. Logo, reconhecer também a diversidade linguística é importante para que a comunicação institucional seja realizada de maneira tal que abranja tanto indivíduos com altos graus de letramento quanto os que têm pouca familiaridade com as práticas formais ou técnicas de uso da leitura, da escrita e da fala. Situada nesse contexto, a reformulação/modulação metafórica proposta nesta pesquisa deixa de ser um ato relacionado só aos estudos da linguagem para ser uma ação de relevante impacto, de ética e de justiça social no serviço público do Detran – MA.

Sobre a importância de se considerar a variação linguística e os diferentes públicos que são atendidos no Detran – MA, recorre-se a Pitombeira (2023) a qual explica que a compreensão das metáforas conceptuais depende das vivências compartilhadas dentro de uma comunidade. Conforme pontuam Lakoff e Johnson (1980), as metáforas conceptuais são mecanismos cognitivos universais, no sentido de que sua compreensão ocorre porque a metáfora está incorporada na cognição humana. De igual modo, Lakoff e Turner (1989) esclarecem que as metáforas, especialmente na linguagem poética, só são compreendidas porque os interlocutores acionam padrões de pensamento comuns a todos os indivíduos e não apenas os talentosos oradores. Isso ocorre em virtude de as capacidades cognitivas serem compartilhadas pelas pessoas e, portanto, esse compartilhamento comum facilita o entendimento da metáfora. Essa é a razão de se compreender a linguagem poética: a causa de ela poder ser compreendida se dá justamente porque é construída a partir de uma forma comum de pensar.

Partindo dessa “forma comum de pensar”, cita-se também Cameron (2003), a qual realça esse viés sociocultural onde há recorrência de padrões de uso metafórico da linguagem, dentro de uma determinada comunidade, em um determinado grupo social. Então, a partir do viés da variação linguística, entende-se que é possível que a comunicação inadequada, com uso de metáforas conceptuais beligerantes, por exemplo, motive o aumento da sensação de burocracia, de determinismo institucional, os quais podem excluir grupos sociais vulneráveis, como idosos, pessoas de baixa escolaridade, moradores de áreas periféricas, para quem as metáforas podem não ser compreendidas. Por conseguinte, ocorre a dificuldade na eficiência do serviço

público.

Na mesma perspectiva, para Andrade (2019) as metáforas apresentam variações também nas diferentes culturas e até em uma mesma cultura” (Andrade, 2019, p. 96). Por isso, o autor ratifica que vários fatores podem influenciar o uso, a compreensão e a interpretação das metáforas conceituais entre diferentes sociedades e dentro de uma mesma cultura. Diante disso, confirma-se que a realização linguística ou mesmo a compreensão da metáfora pode ser afetada pela variação.

Esse cenário fica ainda mais evidente e é agravado quando a comunicação institucional é feita unicamente com a utilização de termos técnicos e linguagem burocrática de tal modo que dificulta a apropriação do sentido pelos ouvintes. A adequação da variação linguística (muitas vezes feita pelos servidores na forma de “tradução de termos técnicos” e de serviços) possibilita maior acessibilidade linguística, mais acesso à informação e a inclusão dos diversos grupos sociais. Isso reafirma emergência da acessibilidade linguística, tão necessária à construção de políticas públicas mais eficazes e que deve considerar para isso tanto a clareza das informações quanto a diversidade de formas de expressão dos indivíduos na comunidade atendida pelo Detran – MA.

Isso posto, a pesquisa corrobora as relações de poder, exclusões e também indicativos de (re)formulação/modulação das escolhas metafóricas e linguísticas no/do/pelo Detran – MA. Nesse sentido, a investigação possibilita propor ajustes na linguagem, considerando também os aspectos de variação linguística (formal ou informal, técnica ou não), a fim de oportunizar serviços acessíveis e humanizados, alinhados a políticas públicas de inclusão, além de reduzir conflitos comunicativos entre servidores e cidadãos. Conforme evidenciado na seção 03, certas metáforas em uso no serviço de atendimento do Detran – MA podem não ser plenamente compreendidas por todas as comunidades, especialmente aquelas que possuem menor contato com a linguagem técnica da burocracia. Tal situação pode ter como consequência dificuldades na obtenção de serviços essenciais, como emissão de CNH, licenciamento, custódia/remoção e transferência de veículos ou mesmo limitações na obtenção de informações. Assim, considerar a variação linguística nesse contexto é importante, pois a forma como os diversos grupos sociais interpretam e produzem as metáforas tem estreita relação com os repertórios linguísticos, culturais e educacionais que possuem. Se a comunicação institucional ignora essa condição

de diversidade linguística, é possível que haja certo “abuso” na utilização de termos excessivamente técnicos, desvinculados da realidade dos sujeitos e, conseqüentemente, a criação de barreiras comunicativas.

Para além disso, este estudo contribui para que novos modelos de comunicação institucional sejam (re)planejados e/ou (des)construídos, a fim de promover a participação cidadã. O estudo revelou como metáforas aparentemente inocentes podem mascarar a hierarquia institucional e minimizar o papel ativo/colaborativo dos usuários do serviço público. Reitere-se que a proposta de reformulação/modulação dos domínios-fonte e alvo configura-se como uma emergência social. Trata-se de um estudo ainda incipiente, considerando-se o contexto especificado.

Problematizou-se, ao longo do trabalho, sobre como a linguagem utilizada precisa desobjetificar o usuário do serviço público, o que requer, na grande maioria das vezes, a adaptação/adequação do discurso para que a acessibilidade linguística aconteça. Da análise e discussão resultou a percepção de que a linguagem utilizada na comunicação institucional, para referir-se ao serviço prestado, e também a utilizada pela população posiciona o órgão de forma verticalizada e como único agente que promove as melhorias de que o trânsito precisa. Em contrapartida, a análise e discussão dos dados aqui expostos também apresentou a reformulação/modulação linguística possível para motivar a participação e apropriação do conhecimento por parte do público. Todavia, cumpre ressaltar que a modulação/reformulação das metáforas para um discurso mais inclusivo carece de ações adicionais, como a capacitação de servidores e a utilização da Linguagem Simples (já adotada, em uso em muitas instituições no país).

Diante do exposto, acredita-se que a pesquisa alcançou o objetivo inicial de analisar criticamente as metáforas conceituais presentes em vídeos de ações educativas do Detran – MA. O intuito foi mostrar como, em algumas construções linguísticas, a comunicação institucional pode ser desumanizante (ainda que não seja essa a intenção). A pesquisa cumpriu sua proposta inicial e utilizou referencial teórico relacionado ao recorte temático para fundamentar teoricamente a urgência de uma reformulação na comunicação pública. Compreende-se ainda a necessidade futura de ampliação do *corpus* de pesquisa em outros contextos, tais como a interação no atendimento presencial, a percepção dos cidadãos sobre a comunicação institucional

e a eficiência das modulações propostas. Assim, propõe-se a transição de um modelo de comunicação unilateral para um paradigma de construção colaborativa de sentidos.

Revisar as metáforas conceptuais, mapeá-las, categorizá-las, analisá-las e propor a modulação/reformulação mostrou que há sim a ocorrência de metáforas conceptuais, ainda que inconscientes, no discurso institucional do Detran – MA. Os resultados e discussão evidenciaram que a adequação linguística pode gerar reformulações práticas para humanizar o atendimento na/da/pela instituição referida. Fala-se na necessidade de “humanizar” a partir da perspectiva implícita em muitas metáforas de que o cidadão é recipiente, depósito, é passivo, como um objeto, desumanizado. Portanto, espera-se que pela sugestão de reformulação/modulação do discurso institucional, pela adequação da linguagem, pelo uso da linguagem simples, adequando o discurso também à diversidade linguística dos usuários ocorra uma comunicação mais acolhedora, humanizada, que escuta, que valoriza a participação cidadã. Com isso, a abordagem de atendimento no serviço público que se pretenda humanizada precisa estar ancorada no reconhecimento da diversidade sociolinguística para o usufruto do direito de acesso à informação garantido ao cidadão.

A humanização do atendimento nos serviços públicos faz-se pertinente na medida em que as instituições devem atuar pelo Ciclo do Tratamento Humanizado, o qual para Rego (2025) deve ocorrer da seguinte forma: o usuário trata o servidor de forma humanizada $\leftrightarrow$ o servidor trata o usuário de forma humanizada e, no meio desse processo está a instituição, a qual deve possibilitar a esses sujeitos (cidadãos e servidores) as condições trabalhistas para estes e sociais para aqueles, de forma humanizada. Espera-se que esse ambiente governamental seja construído a partir do entendimento de que o serviço público é universal, já que oferece os mesmos serviços a cidadãos diferentes. Reforce-se nesse aspecto tanto a igualdade na oferta do atendimento, quanto o respeito à diferença de clientes/usuários. Em certas circunstâncias é preciso (re)adequar o atendimento, o tratamento dado aos cidadãos, mesmo que este atendimento seja diferente, para que as pessoas acessem o serviço público com igualdade.

Dessa conjectura é possível deduzir que o serviço humanizado parte da premissa da igualdade de atendimento a todas as pessoas, isto é, que a igualdade de oportunidade de atendimento seja universalmente acessível. Por outro lado, pontua-se a necessidade complementar de consideração das diferenças entre os diversos

grupos sociais, de modo a reconhecer e valorizar as diferenças, pela percepção e sensibilidade quanto às desigualdades, com a finalidade de assegurar um atendimento igualitário, mas com abordagens, inclusive linguísticas, diferenciadas. Um atendimento humanizado é aquele em que todas as pessoas têm iguais oportunidades de atendimento e não necessariamente que todas as abordagens de atendimento sejam as mesmas para todas as pessoas.

Como resultados deste trabalho, espera-se que a pesquisa contribua para oferecer subsídios para um olhar mais atento às políticas de acessibilidade linguística na comunicação institucional, para a escuta dos cidadãos a respeito dos serviços oferecidos, para a adoção de uma comunicação não violenta no serviço público, para a elaboração e revisão de materiais educativos pela utilização da Linguagem Simples, para a capacitação de servidores e para futuras pesquisas sobre linguagem, discurso e políticas públicas. O principal resultado esperado é a possibilidade de investimento na implantação/implementação de práticas comunicativas voltadas à escuta e ao diálogo, de modo a transformar o Detran – MA em um espaço de comunicação que seja, de fato, humanizado e onde o distanciamento entre o órgão e a comunidade seja minimizado. Isso envolve, por parte da instituição, elaborar qualificações de formação em linguagem simples, em escuta qualificada e em (re)orientação do discurso institucional, a fim de modificar a comunicação dos termos técnicos e burocráticos para uma verdadeira política pública de acessibilidade linguística. Assim, perceber-se-á o entendimento institucional de que o cidadão que utiliza os serviços do Detran – MA é um sujeito de direitos, o qual também pode ser “parceiro”, “corresponsável”, “colaborador” na construção de soluções relacionadas à mobilidade urbana. Outrossim, cumpre ressaltar que somente a substituição das metáforas conceituais no discurso caracteriza-se como proposta incipiente, de maneira que a validação de seus efeitos possa ser verificada pela implementação de outras medidas institucionais adicionais como ciclos permanentes de avaliação dos serviços, canais de comunicação para escuta e *feedback*, aplicação de questionários e/ou entrevistas com os usuários, pesquisas institucionais e processos de formação contínua dos servidores pelo (re)alinhamento dos valores da organização.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Antônio Suárez. Aplicações potenciais da Linguística Cognitiva para áreas da Linguagem, do Discurso e da Gramática. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 46, p. 53–62, set.–dez. 2024. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/palimpsesto/article/view/86870/51201>. Acesso em 04 set. 2025.
- ABREU, Antônio Suárez. **Linguística cognitiva: uma visão geral e aplicada**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.
- ANDRADE, Luiz Henrique Santos de. **Metáforas conceptuais que categorizam a reforma trabalhista no gênero charge: uma análise semântico-cognitiva**. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2019. Disponível em https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/19501/1/LuizHenriqueSantosDeAndrade_Tese.pdf. Acesso em 26 maio 2025.
- BARCELONA, Antonio. **Metaphor and Metonymy at the Crossroads: A Cognitive Perspective**. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2003. <https://doi.org/10.1515/9783110894677>. Acesso em 06 mar. 2025.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. Tradução Carlos Nelson Coutinho; apresentação de Celso Lafer. — Nova ed. — Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. Disponível em https://www.mprj.mp.br/documents/20184/172905/a_era_dos_direitos.pdf. Acesso em 04 set. 2025.
- BORGES, Ana Lúcia Alexandre. BEZERRA, Arthur Coelho Bezerra. LINGUAGEM SIMPLES NO SETOR PÚBLICO BRASILEIRO: uma abordagem dialógica com a competência crítica em informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira e Ciência da Informação**, ANCIB, v. 14. 2021.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Processos interativos em sala de aula e a pedagogia culturalmente sensível. **Polifonia**, Cuiabá, v. 7, n. 07, p. 119-136, 2003.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?: Sociolinguística & educação**. Parábola, 2005.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Análise linguística do Português Brasileiro por meio de quatro contínuos: Encontrando o trabalho de Marilda Cavalcanti. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, 2022.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Processos interativos em sala de aula e a pedagogia culturalmente sensível**. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/viewFile/1141/905>. Acesso em: 26 jan. 2024.

BRASIL. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016.** Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Brasília: Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde, [2016]. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/aceso-a-informacao/atos-normativos/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf/view>. Acesso em 26 maio 2025.

BRASIL. **Lei nº 13.460 de 26 de junho de 2017.** Dispõe sobre participação, proteção e defesa dos direitos do usuário dos serviços públicos da administração pública. Brasília, DF, jun. 2017.

BRASIL. **Lei nº 14.129 de 29 de março de 2021.** Dispõe sobre princípios, regras e instrumentos para o Governo Digital e para o aumento da eficiência pública. Brasília, DF, mar. 2021.

BRASIL. **Resolução nº 674, de 6 de maio de 2022.** Dispõe sobre a tipificação da pesquisa e a tramitação dos protocolos de pesquisa no Sistema CEP/Conep. Brasília: Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde, [2022]. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/aceso-a-informacao/atos-normativos/resolucoes/2022/resolucao-no-674.pdf/view>. Acesso em 26 maio 2025.

BUENO, Wilson da Costa. As etapas e os desafios da elaboração e implementação de uma Política de Comunicação na área pública. *In*: HERINGER, Leandro Peters. DUARTE, Jorge. SENA, Káritas. **Gestão da comunicação pública: estudos do Encontro Brasileiro de Administração Pública.** Brasília, DF: ABCPública, 2023.

CABALLERO, Rosario. **Re-viewing space: applications of Cognitive Linguistics - Figurative Language in Architects' Assessment of Built Space.** Division of Walter de Gruyter, 2006.

CAMERON, Lynne. **Metaphor in educational discourse.** A&C Black, 2003.

CAMERON, Lynne. LOW, Graham. **Researching and Applying Metaphor.** Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

CARNEIRO, Monica Fontenelle. **Emergência de metáforas sistemáticas na fala de mulheres vítimas diretas de violência doméstica:** uma análise cognitivo-discursiva. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2014. Disponível em <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/8920>. Acesso em 19 abr. 2025.

CARNEIRO, Monica Fontenelle. A metáfora conceitual e sua relevância no estudo do vocabulário no ensino/ aprendizagem de inglês como língua estrangeira (ILE). *In*: Colóquio Internacional de Letras, 1., 8-10. jun. 2016. **Anais do I Colóquio Internacional de Letras: Linguagem e diversidade cultural.** Bacabal, MA. São Luís: Edufma, 2016. p. 499-509. Disponível em https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/51712/1/2016_eve_mfcarneiro.pdf. Acesso em 07 mar. 2025.

CEZAR, Layon Carlos. **Comunicação e marketing no setor público: diferentes abordagens para a realidade brasileira.** Brasília: Enap, 2019.

CIENKI, Alan; MÜLLER, Cornelia. *Gesture Studies (GS) Metaphor and Gesture*. Amsterdam: Philadelphia, 2008. Disponível em https://www.academia.edu/27702991/Cienki_Alan_and_Cornelia_Muller_ed_2008_Metaphor_and_Gesture_Gesture_Studies_3_Amsterdam_Philadelphia_John_Benamins_pp_307_37_Paperback_ISBN_9789027228444. Acesso em 18 maio 2025.

CRESWELL, John Ward. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa:** escolhendo entre cinco abordagens. – 3. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Penso, 2014.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. New York: Longman, 1989.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora. Universidade de Brasília, 2001 [1992].

FAIRCLOUGH, Norman. **Critical discourse analysis: The critical study of language**. Routledge, 2010 [1995].

FERNANDES, Humberto. DO BUROCRATÊS À POPULARIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO: a sociologia de poder explicando a linguagem cidadã. In: GOMES, Angela Maria. **Fenômenos Linguísticos e fatos de linguagem**. Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.

FINATTO, Maria José Bocorny. Acessibilidade textual e terminológica: o que é isso? In: FINATTO, Maria José Bocorny. PARAGUASSU, Liana Braga. **Acessibilidade textual e terminológica**. Uberlândia: EDUFU, 2022.

FIORIN, José Luís. **Introdução à linguística II: elementos de análise**. São Paulo: Contexto, 2003.

FREITAG, Raquel Meister Ko; LIMA, Geralda de Oliveira Santos. **Sociolinguística**. São Cristóvão: Cesad-UFS, 2010.

KÖVECSES, Zoltán. **Metaphor in culture: universality and variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

KÖVECSES, Zoltán. Metaphor, creativity, and discourse. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 26, p. 719-738, 2010.

KÖVECSES, Zoltán. **Metaphor: A practical introduction**. Oxford University Press, [2002] 2010. Disponível em <https://www.are.na/block/2264275>. Acesso em 07 mar. 2025.

KÖVECSES, Zoltán. **Extended Conceptual Metaphor Theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

LABOV, William. **Padrões sociolingüísticos**. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LAKOFF, George. The invariance hypothesis. **Cognitive linguistics**, Berlin, v. 1, p. 39-74, 1990.

LAKOFF, George. The Contemporary Theory of Metaphor. *In*: Andrew Ortony (ed.). **Metaphor and Thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. Disponível em <https://terpconnect.umd.edu/~israel/lakoff-ConTheorMetaphor.pdf>. Acesso em 02 mar 2025.

LAKOFF, George. JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. London: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George. JOHNSON, Mark. **Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought**. Basic Books, 1999. Disponível em [https://ia800502.us.archive.org/30/items/PhilosophyInTheFlesh/Philosophy In The Flesh.pdf](https://ia800502.us.archive.org/30/items/PhilosophyInTheFlesh/Philosophy%20In%20The%20Flesh.pdf). Acesso em 07 mar. 2025.

LAKOFF, George; TURNER, Mark. **More than cool reason: A field guide to poetic metaphor**. University of Chicago Press, 1989.

LITTLEMORE, Jeannette *et al.* **Metaphor, metonymy, the body and the environment: An exploration of the factors that shape emotion-colour associations and their variation across cultures**. Cambridge University Press, 2023.

MAINIERI, Thiago. RIBEIRO, Eva Márcia Arantes Ostrosky. A comunicação pública como processo para o exercício da cidadania: o papel das mídias sociais na sociedade democrática. **Organicom**, v. 8, n. 14, p. 49-61, 2011.

MENDONÇA, Neide Rodrigues de Souza. **Um estudo da prosa institucional: subsídios para a desburocratização linguística**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco. Recife – PE, 1985.

MENDONÇA, Neide Rodrigues de Souza. **Desburocratização linguística: Como simplificar textos administrativos**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1987.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PACAJUS, Prefeitura Municipal de. **Prefeitura e Autarquia de Trânsito e Transporte promovem campanha para o uso do capacete**. Disponível em <https://www.pacajus.ce.gov.br/informa/472/prefeitura-e-autarquia-de-trnsito-e-transporte-pr>. Publicado em 09 de setembro de 2021. Acesso em 31 ago. 2025.

PERUZZO, Círcia M. Krohling. Relações públicas no capitalismo cognitivo. **Organicom: ano**, v. 8, 2011.

PIRES, Heloísa Fischer de Medeiros. **Clareza em textos de e-gov, uma questão de cidadania: subsídios do movimento mundial pela linguagem clara para facilitar a compreensão de textos que orientam cidadãos brasileiros em ambientes de governo eletrônico**. Monografia em Especialização do Consumo. Rio De Janeiro: Com Clareza, 2018.

PIRES, Heloísa Fischer de Medeiros. **Impactos da Linguagem Simples na compreensibilidade da informação em governo eletrônico: o caso de um benefício do INSS**. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro – RJ, 2021.

PITOMBEIRA, Lorena Maria. **“Nada sobre nós sem nós”: a caracterização de autismo e de capacitismo através das metáforas conceituais elaboradas por pessoas autistas em vídeos no Youtube**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza: 2023. Disponível em <https://www.uece.br/posla/pesquisa/dissertacoes/dissertacoes-2023/>. Acesso em 19 abr. 2025.

PORTO SEGURO, Prefeitura Municipal de. **Segurança no trânsito. Juntos salvamos vidas! Maio Amarelo!** Publicado em 10 de maio de 2022. Disponível em <https://www.clic101.com.br/noticia/veiculos/19170/juntos-salvamos-vidas-maio-amarelo.html>. Acesso em 31 ago. 2025.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2ª Edição. Editora Feevale, 2013. Disponível em [https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E-book % 20 Metodologia % 20 do %20Trabalho%20Cientifico.pdf](https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf). Acesso em 26 maio 2025.

REDDY, M. The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language. In: ORTONY, A. (Ed.). **Metaphor and thought**. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, [1979] 1993. p. 164-201.

REGO, Marina Macedo. **A necessidade de humanização na prestação de serviços públicos**. Radar Ibê, 2025. Disponível em <https://radar.ibegesp.org.br/a-necessidade-de-humanizacao-na-prestacao-de-servicos-publicos/>. Acesso em 29 set. 2025.

REIJNIERSE, Wendela Gudrun. **The value of deliberate metaphor**. Utrecht: LOT, 2017. Disponível em <https://pure.uva.nl/ws/files/17722639/Thesis.pdf>. Acesso em 06 mar. 2025.

REZNIKOVA, Anna; KOSAREVA, Elena; DYSHEKOVA, Oksana. Legal linguistics challenges: legal language adaptation in the framework of the Russian Federation language policy. In: **E3S Web of Conferences**. EDP Sciences, 2021. p. 11034. Disponível em <https://doi.org/10.1051/e3sconf/202127311034>. Acesso em 20 jan. 2024.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie. ALMEIDA, Cristóvão Domingos de. GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista brasileira de história & ciências sociais**, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2009. Disponível em <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351/pdf>. Acesso em 26 maio 2025.

SCHRÖDER, Ulrike. A Metáfora Corporificada e sua Função Multimodal para o Jogo de Linguagem ‘Duelo Verbal’ no Hip Hop. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, p. 62-74, 2013.

SILVA, Juliete Maganha. LUQUETTI, Eliana Crispim França. AMARAL, Shirlena Campos de Souza. As diferenças e a diversidade da língua e seus reflexos sobre o preconceito e a intolerância. IN: GOMES, Ângela Maria (Org.). **Fenômenos linguísticos e fatos de linguagem** – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. P. 46-57.

SILVA, Larissa Rizzon da. **O gato comeu a sua língua? A metáfora conceptual nos instrumentos de avaliação padronizados e no processo de reabilitação da habilidade de leitura em casos de afasia**. Tese de Doutorado. Universidade de Caxias do Sul, 2021. Disponível em <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/8978/Tese%20Larissa%20Rizzon%20da%20Silva.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 26 maio 2025.

SOLHEIM, Mari Anette Dittmann. **Death by metaphor: A study of metaphors and conceptualisations of death in British and American obituaries**. Representralen: University of Oslo. 2014. Dissertação de Mestrado.

STEEN, Gerard J. The Paradox of Metaphor: Why We Need a Three-Dimensional Model of Metaphor. **Metaphor and Symbol**, 23(4), 213–241. (2008) <https://sci-hub.se/10.1080/10926480802426753>. Acesso em 06 mar. 2025.

STEEN, Gerard J. The contemporary theory of metaphor — now new and improved!. **Review of Cognitive Linguistics. Published under the auspices of the Spanish Cognitive Linguistics Association**, v. 9, n. 1, p. 26-64, 2011.

UNESCO. **Declaração Universal dos Direitos Linguísticos**. DHNET. Barcelona, jun. 1996. Disponível no endereço eletrônico http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/a_pdf/dec_universal_direitos_linguisticos.pdf. Acesso em 24 jan. 2024.

VIDA, Natália Silva. **A adequação linguística como elemento essencial a diversas práticas sociais**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia: MG, 2015

ZÉMOR, Pierre. Como anda a comunicação pública? **Revista do Serviço Público**, Brasília 60 (2): 189-195 Abr/Jun 2009. Disponível em <https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/1594/1/Como%20anda%20a%20comunica%c3%a7%c3%a3o%20p%c3%bablica.pdf>. Acesso em 04 set. 2025.